

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA

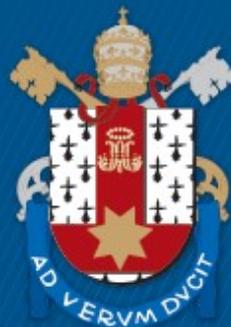
RODRIGO KÄFER

**ESPIRITISMO REENCARNACIONISTA E CRISTIANISMO:
UM ESTUDO A PARTIR DE BOAVENTURA KLOPPENBURG**

Orientador: Prof. Dr. Érico João Hammes

Porto Alegre
2016

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

RODRIGO KÄFER

**ESPIRITISMO REENCARNACIONISTA E CRISTIANISMO:
UM ESTUDO A PARTIR DE BOAVENTURA KLOPPENBURG**

Dissertação apresentada à Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, na área de Concentração em Teologia Sistemática.

Linha de pesquisa: Teologia e pensamento contemporâneo.

Orientador: Prof. Dr. Érico João Hammes.

Porto Alegre
2016

Ficha Catalográfica

K99 e Käfer, Rodrigo

Espiritismo reencarnacionista e cristianismo : um estudo a partir de Boaventura Kloppenburg / Rodrigo Käfer . – 2016.

100 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Érico João Hammes.

1. Espiritismo no Brasil. 2. Kardecismo. 3. Teologia. 4. Cristianismo. 5. Kloppenburg. I. Hammes, Érico João. II. Título.

RODRIGO KÄFER

**ESPIRITISMO REENCARNACIONISTA E CRISTIANISMO:
UM ESTUDO A PARTIR DE BOAVENTURA KLOPPENBURG**

Dissertação apresentada à Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Aprovado em 20 de dezembro de 2016, pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA

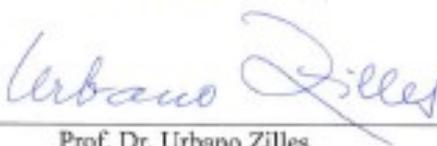


Prof. Dr. Érico João Hammes – (PPGTeo/PUCRS)

(Orientador)



Prof. Dr. Geraldo Luiz Borges Hackmann – (PPGTeo/PUCRS)



Prof. Dr. Urbano Zilles

Porto Alegre
2016

AGRADECIMENTOS

As etapas da vida de uma pessoa não são feitas de modo solitário. Não foi diferente comigo após a voz ensurdecadora da conversão. Conversão esta que acontece a cada dia com a influência de muitos personagens importantes ao longo desta jornada, que teve mais uma etapa encerrada com a confecção desta dissertação. Alguns que estão nomeados direta ou indiretamente aqui tiveram destaque nesta etapa. Sendo assim, quero agradecer primeiramente a bondade de Deus, bondade esta que recaiu sobre as obras das minhas mãos, confirmando-a.

Agradeço a oportunidade que a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul me proporcionou ao ceder os louváveis professores ao meu aperfeiçoamento, e como uma criança que encara seus ídolos, assim eu me portei diante deles. Agradeço mais estritamente ao Programa de Pós Graduação em Teologia da PUCRS, na pessoa do seu coordenador, Bispo Dom Leomar Brustolim; aos professores Urbano Zilles e Érico Hammes que, com paciência e dedicação, além da sabedoria de ambos os mestres, ajudaram a lapidar este neófito da docência. Agradeço também a banca examinadora, composta pelo já citado orientador Érico Hammes e pelo professor Urbano Zilles e pelo professor Geraldo Hackmann.

Agradeço também a todos os demais colaboradores da PUCRS e aos colegas de curso que me proporcionaram um período feliz e profícuo na minha formação acadêmica; aos familiares que me auxiliaram com suas finanças juntamente com a CAPES, que me proporcionou um dos melhores estudos em teologia existentes no nosso país, assim como a Dr^a. Dirce Jaeger, da Universidade de Pernambuco, que fez a revisão gramatical da dissertação.

“O nosso respeito e amor devem estender-se também àqueles que pensam ou atuam diferentemente de nós em matéria social, política ou até religiosa. Aliás, quanto mais intimamente compreendermos, com delicadeza e caridade, a sua maneira de ver, tanto mais facilmente poderemos com eles dialogar”. (*Gaudium et spes*, 28).

RESUMO

Com o título *Espiritismo reencarnacionista e cristianismo: um estudo a partir de Boaventura Kloppenburg*, o trabalho versa sobre a temática da reencarnação espírita de matriz kardecista frente ao cristianismo. Tema este que é retratado devido ao aumento percentual dos adeptos da doutrina no país, segundo o IBGE. O kardecismo, por sua vez, postula que o cristianismo posterior ao período primitivo constitui uma corrupção das verdades reveladas por Jesus Cristo, o qual afirmou e defendeu, assim como os primeiros cristãos, a reencarnação e a sua doutrina. Nesse sentido, os kardecistas se intitulam seguidores de Cristo. A pesquisa procura mostrar teologicamente, após explanação histórico-crítica sobre o espiritismo, que aspectos da soteriologia autorredentora do espiritismo e heterorredentora do cristianismo, juntamente com possíveis conceitos de reencarnação e ressurreição da carne a partir de Jesus Cristo, são importantes para evidenciar que *reencarnacionismo* e *ser cristão* são termos excludentes e inconciliáveis. As obras de Kloppenburg são como um ponto de partida para se desenvolver um estudo sobre o tema e atingir o objetivo maior de expor as diferenças entre o espiritismo reencarnacionista e o cristianismo, com a finalidade demonstrativa de que são doutrinas inconciliáveis numa mesma pessoa. Segundo o espiritismo reencarnacionista, o verdadeiro cristianismo é o vivido entre eles. Diante da afirmação praticada pelos espíritas, o trabalho tem por objetivo específico expor que espiritismo não pode, pelos mesmos motivos históricos e teológicos, ser tomado por cristianismo, ou uma espécie deste, ainda que seus adeptos assim o afirmem.

Palavras-chave: Espiritismo no Brasil. Kardecismo. Teologia. Cristianismo. Kloppenburg.

ABSTRACT

Entitled *Reincarnation spiritism and Christianity: a study from Boaventura Kloppenburg*, this work deals with the theme of reincarnation spiritism Kardecist front matrix to Christianity in Brazil. This theme which is portrayed due to the percentage increase in the doctrine of supporters in the country according to Brazilian Institute of Geographic - IBGE data. Kardecism postulates that later Christianity to the early period is a corruption of the truth revealed by Jesus Christ, and this affirmed and defended, as well as the early Christians, reincarnation and his doctrine. Exposing, they call themselves followers of Christ. The academic part seeks to show theologically after historical-critical exploration of spiritualism, which aspects of soteriology self redeeming spiritualism and heterorendentora of Christianity, along with possible concepts of reincarnation and resurrection of the flesh from Jesus Christ, are important to highlight that reincarnationism and be a Christian terms are mutually exclusive and irreconcilable. The works of Kloppenburg are as a starting point for developing a study on the subject and achieving the greater objective of exposing the differences between the reincarnationist spiritualism and Christianity, for the demonstrative purpose that they are irreconcilable doctrines in the same person. According to Reincarnationist spiritualism, true Christianity is lived among them. In view of the affirmation practiced by the Spiritists, the present purpose of this approach is to explain that spiritualism can not, for the same historical and theological reasons, be taken over by Christianity, or a species of it, even if its adherents say so.

Keywords: Spiritism in Brazil. Kardecism. Theology. Christianity. Kloppenburg.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 UMA ANÁLISE HISTÓRICA: UM ESTUDO A PARTIR DE KLOPPENBURG	15
1.1 AS PESQUISAS DE BOAVENTURA KLOPPENBURG.....	18
1.2 PARA KLOPPENBURG, UMA CONSTATAÇÃO: A CONFUSÃO RELIGIOSA.....	20
1.3 EXPOSIÇÃO NUCLEAR DA DOCTRINA ESPIRITA	22
1.3.1 Síntese da Doutrina Espírita	26
1.3.2 As obras básicas da Doutrina Espírita	31
1.3.3 Cristianismo e Espiritismo de León Denys	40
1.4 A PRETENSA RELAÇÃO DO ESPIRITISMO COM O CRISTIANISMO	42
2 UMA ANÁLISE CRÍTICA: A FÉ SURGIDA NUM CONTEXTO DE ÉPOCA E A FÉ QUE PROCURA A SUA INTELIGIBILIDADE	48
2.1 UMA ANÁLISE DAS BASES SOCIAIS DO ESPIRITISMO NO BRASIL	51
2.2 UMA ANÁLISE CRÍTICA: OS ALEGADOS FATORES HISTÓRICOS E NEO TESTAMENTÁRIOS EM PROL DO ESPIRITISMO REENCARNACIONISTA.....	57
2.2.1 Os alegados fatores históricos	57
2.2.2 Os alegados fatores do Novo Testamento	65
3 ANÁLISE TEOLÓGICA FRENTE AO ESPIRITISMO REENCARNACIONISTA	72
3.1 A SOTERIOLOGIA AUTORREDENTORA E A HETERORREDENTORA: UMA ANÁLISE TEOLÓGICA DE BOAVENTURA KLOPPENBURG	74
3.2 A FÉ A PARTIR DA RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO FRENTE À VISÃO REENCARNACIONISTA.....	77
3.2.1 A reencarnação do espírito e a ressurreição da carne a partir de uma antropologia teológica	79
3.2.2 A vitória sobre a morte: a ressurreição como um horizonte de esperança a partir de Jesus Cristo	83
CONCLUSÕES	88
REFERÊNCIAS	92
ANEXOS	96

INTRODUÇÃO

A questão da reencarnação é motivo de especulações desde a antiguidade, podendo-se também penetrar nas sociedades paleolíticas para se estudar as suas origens como explicação do além, mas não de modo padrão, pois nem em todos os povos e nem em todos os lugares e tempos a reencarnação se fez presente ou teve efeito religioso¹.

O ponto de partida da historicidade humana é a percepção da morte. A ideia de morte e o temor a ela persegue o ser humano como nenhuma outra coisa. As necessidades vitais do ente humano, como alimentação e abrigo, são uma resposta imediata do instinto frente ao desconhecido do sono perene e da volta ao pó. Em uma concepção de caráter antropológico, pode-se dizer que ela, a morte, é uma das maiores incentivadoras da atividade humana².

Ainda que algumas alegações apontem para certos grupos primitivos que, contrariamente ao homem moderno, vivenciavam a morte com júbilo e festa, não se pode afirmar que tenhamos um argumento de negatividade universal do temor da morte. Antes, identifica-se aí uma percepção apurada da realidade, acomodada culturalmente³.

Seria uma percepção simplista da realidade se não fosse o fato de que este júbilo é já um entendimento elegante, histórico, da pedagogia divina no que se refere ao ente humano. Este humano é um ser de transcendência que, apesar do sistema de finitude que o faz um sujeito de questionamentos, conforme Rahner⁴, antecipa o sistema especulativo explicativo próprio da religião, e já contempla um horizonte infinito.

Assim como certos grupos primitivos acreditavam e assim jubilavam-se por entender a morte como a última ascensão espiritual a uma forma superior de vida, pode-se ver a história da salvação e da revelação enquanto coextensiva a toda a história universal, já em ação. Todas

¹ KLOPPENBURG, B. *O Reencarnacionismo no Brasil: orientação para católicos*, 1957, p. 37-38. O autor da dissertação acrescenta, por exemplo, que Platão o utilizou para explicar a sua epistemologia.

² Cf. BECKER, E. *A Negação da Morte*, p. 11.

³ A introdução tem por ponto de partida o aspecto histórico-antropológico, como base para as demais construções até o ápice teológico, objetivo deste trabalho. No entendimento do autor da dissertação, todas as construções religiosas que permearam o homem primitivo, e as demais até Cristo, já é em curso a história da salvação, assim como Karl Rahner afirma no seu *Curso fundamental da fé*, p. 178-179.

⁴ Cf. RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*, p. 46.

as multiformes maneiras de se deparar com a finitude da vida presentes na história do gênero humano antes de Cristo já são então, de certa forma, uma história da salvação em curso.

Na história do gênero humano, uma destas multiformes maneiras de se deparar com a própria finitude é a perspectiva da reencarnação, ou seja, dos múltiplos renascimentos de um mesmo ente. A palavra “reencarnação” é composta pelo prefixo *re*, que designa repetição, e *encarnar*, que significa etimologicamente *tornar a tomar corpo*⁵.

Reencarnação, portanto, é a ação do ser espiritual que já animou um corpo no passado, uma vez libertado deste corpo, tornar a informar, ou animar, um novo corpo, múltiplas vezes no decorrer do tempo. São de certa forma sinônimos de reencarnação, *mutatis mutandis*, os termos: metempsicose, metensomatose e palingenesia.

Em tal percepção, baseada na própria observação do meio, alguns grupos primitivos e outros da antiguidade notavam a renovação incessante da natureza que teimava em retornar após um período “de morte” sazonal. Esta observação é então transportada à mente para sanar questionamentos referentes à finitude da vida corporal.

Não se pode dizer, sem arbitrariedade, que tal povo tinha concepções de reencarnação. Contrariamente ao que o historiador amador pensa, - ou seja, o pseudocientista-, nenhuma das grandes civilizações, como a egípcia ou a grega, possuíam em seus sistemas religiosos concepções de reencarnação⁶, ao menos para as massas.

Entre os judeus, a pedagogia divina foi progressiva, e a exegese afirma que até os séculos III ou IV a.C. nem a preocupação com a vida além-túmulo estava presente, quanto mais a forma dela. Somente na renascença, veremos o surgimento de um sistema referente à reencarnação. E mesmo assim, de modo *sui generis*.

Volta e meia na história, até o século XIX, alguns grupos de elite iniciada, como os pitagóricos na antiguidade ou sociedades esotéricas europeias da renascença, mantiveram a ideia de reencarnação no escopo de suas doutrinas. A literatura esotérica e a de conspiração

⁵ Cf. KLOPPENBURG, B. *A Reencarnação, exposição e crítica*, p. 3.

⁶ Os aspectos históricos sobre a reencarnação serão retomados com maior volume na seção crítica.

muitas vezes faz referência a sociedades iniciáticas, algumas delas também possuidoras da ideia de reencarnação.

Tratam-se de grupos pequenos, com padrões semelhantes de existência, os quais traziam para dentro do cristianismo o fato fabuloso, ou mágico, da comunicação com os mortos ou este associado com a ideia de reencarnação. Grupos que não se contentavam em manter o mesmo padrão religioso da maioria da população, apesar de manterem com esta a aparência de compartilharem a mesma fé. Por se acharem especiais, deveriam saber algo de especial.

Parece ter sido assim com o espiritismo em todas as suas variantes. Neste estudo, de modo especial, com o espiritismo reencarnacionista. A crença na reencarnação, desde Allan Kardec até o momento presente, sobreviveu no seio de uma classe que empenhou tempo e recursos para a manutenção da doutrina reencarnacionista. Desta classe, surgiram também os seus principais colaboradores e idealizadores.

Hoje, graças aos meios democráticos de comunicação impressos ou virtuais e ao auxílio da mídia televisiva, que age e reage conforme a demanda do público, é difícil dizer que alguém não saiba pelo menos da existência de algum aspecto da doutrina reencarnacionista.

Em se tratando de Brasil, por exemplo, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) constatou um aumento no número dos autodeclarados espíritas no país. De 1,3% da população em 2000 para 2,0% (censo de 2010), o que representa 3,8 milhões de brasileiros. O Instituto constatou também que o espiritismo reúne o maior número de indivíduos com ensino superior (31,5%), quando comparado às demais religiões.

Conforme o mesmo levantamento, os espíritas recebem também os melhores salários. São informações fornecidas pelos autodeclarados adeptos. Porém, sabe-se que o número dos que creem na reencarnação é superior, quando contabilizados também aqueles que aparecem associados, na pesquisa, a crenças que não professam a doutrina da reencarnação.

Detentora desses dados, a ação da mídia televisiva que pauta sua programação de acordo com o potencial de consumo da audiência, sempre marca as suas programações com

algum aspecto da temática espírita e/ou reencarnacionista, como telenovelas, produções de filmes, entrevistas com personalidades, divulgação de livros, entre outras.

Esta pauta da mídia acaba criando um maior contato do cristão com o mundo do espiritismo, gerando a chamada confusão religiosa, citada por Kloppenburg em suas obras; referida pelo autor como característica peculiar do brasileiro e, por consequência, um perigo para a fé cristã do indivíduo da época.

Diante destes dados introdutórios, não se pode eximir das perguntas: por que os espíritas se declaram como verdadeiros cristãos? O que faz do Brasil um país fértil para o crescimento do espiritismo? Estas questões sobrepujam parcialmente a crença na ressurreição e dois mil anos de especulações teológicas.

O mundo atual está sempre produzindo múltiplos obstáculos à esperança cristã em relação à ressurreição. A ideia autonomista marcante na cultura atual, que procura negar a dimensão do mistério religioso, tem por consequência a capacidade de tornar débil a esperança em relação às realidades que não se veem.

As especulações que se fizeram presentes ao longo da história do cristianismo procuraram excluir os extremos doutrinários. Tornou inteligível, na medida do possível, uma doutrina que reforma e prepara o indivíduo para uma plenificação na meta-história, conforme a revelação aponta.

Uma especulação a partir da questão: “que tipo de fé é a crença espírita que tanto atrai os diversos cristãos brasileiros?” é condizente com a realidade que o teólogo hodierno encontra e reflete em contraposição com a sua fé.

Com o título *Espiritismo reencarnacionista e cristianismo: um estudo a partir de Boaventura Kloppenburg*, o presente trabalho limitar-se-á, como o título sugere, aos estudos sobre a vertente do espiritismo reencarnacionista, pois há vertentes espíritas, como a anglo-saxã, que não professam a reencarnação na sua doutrina.

Com o complemento *um estudo a partir de Boaventura Kloppenburg*, o trabalho também sugere um *apoio sobre* as obras do teólogo franciscano versado sobre o tema, como testemunham as dezenas de obras que publicou. Portanto, não se trata de um estudo “segundo Kloppenburg”, ou seja, a abordagem não se acha engessada no pensamento do teólogo.

As obras de Kloppenburg são como um ponto de partida para se desenvolver um estudo sobre o tema e atingir o objetivo maior de expor as diferenças entre o espiritismo reencarnacionista e o cristianismo. Diferenças no que se refere aos aspectos de historicidade (origem e desenvolvimento) e teologais, com a finalidade demonstrativa de que são doutrinas inconciliáveis numa mesma pessoa.

Segundo o espiritismo reencarnacionista, o verdadeiro cristianismo é o vivido entre eles. Diante da afirmação praticada pelos espíritas, a presente abordagem tem por objetivo específico expor que espiritismo não pode, pelos mesmos motivos históricos e teologais, ser tomado por cristianismo, ou uma espécie deste, ainda que seus adeptos assim o afirmem.

Apesar de o título ser abrangente no que se refere ao espiritismo reencarnacionista, o presente trabalho terá como atenção o espiritismo kardecista. Como é do conhecimento, no Brasil há diversas linhas que se autodenominam espíritas, como por exemplo, a Umbanda, e que não serão considerados nesta abordagem.

Boaventura Kloppenburg deu maior atenção à vertente kardecista pois, conforme o teólogo, “é o grupo inicial, o mais tradicional e o melhor organizado”⁷. A sua atenção deve-se também ao fato da sua evolução e estabilidade no que se refere a números de adeptos e por ser a que mais penetra no cotidiano e no pensamento dos cristãos através de contato.

Esta penetração sugere um grande percentual de cristãos ativos, ou seja, que observam os preceitos do cristianismo, mas que carregam no seu íntimo elementos da doutrina espírita na sua vida espiritual. Tal fenômeno, sustentamos, ignora que tais elementos em contato com o cristianismo se excluem por incompatibilidade teológica, ou simplesmente de fim.

⁷ KLOPPENBURG, K. *O Espiritismo no Brasil, orientação para católicos*, p. 43.

O recorte espacial e temporal que será objeto do estudo é o Brasil do século XX e XXI, com um espiritismo peculiar e geograficamente tido pelos seus adeptos brasileiros como local privilegiado pelo mundo dos espíritos. Porém, para fins de exposição histórica e doutrinária, e como formador do contexto de surgimento do espiritismo, os estudos abrangerão também a França do século XIX.

O método utilizado para obter sucesso no alcance dos objetivos é a reunião de dados levantados e a sua devida exposição, comparação e crítica. Há a reunião de dois tipos de dados: os aceitos academicamente, ou seja, aceitos pela ampla maioria dos acadêmicos; e aqueles fornecidos pelo próprio espiritismo, que ainda carecem de sistemática análise de suas fontes. A seleção de obras para o levantamento bibliográfico levou em conta os títulos e os autores que estão presentes na discussão acadêmica, em relação a aspectos históricos e teológicos, e confrontados com as obras base da doutrina espírita.

A pesquisa não tem por objetivo refutar o espiritismo como manifestação religiosa, mas a sua afirmação de ser cristã. Kloppenburg sempre apontou a ausência de qualquer elemento que identifique a doutrina espírita como cristã⁸. Não é condição *sine qua non* a necessidade de refutação do sistema espírita como um todo, como expressão religiosa relevante do indivíduo, para que este trabalho atinja os seus objetivos.

Não se saberia afirmar a possibilidade desta missão. Ela não teria sentido neste mundo plural e somente revelaria a mesquinhez de algum proponente. Sendo assim, apesar da dissertação estar apoiada, como ponto de partida, nos trabalhos de Boaventura Kloppenburg, não se destina a analisar questões referentes a supostas fraudes espíritas, às quais o teólogo franciscano dedicou bastante atenção. Não se nega a religiosidade do espírita, mas o equívoco do Espiritismo em se afirmar cristão.

O presente trabalho está dividido em três seções. A primeira seção tem por objetivo a exposição e a historicidade e, tal como esta proposta sugere, irá expor de forma histórica, para fins propedêuticos, as demais seções, os estudos de Boaventura Kloppenburg frente ao espiritismo reencarnacionista e a exposição nuclear da doutrina espírita.

⁸ Cf. SCHIERHOLT, J. A. *Frei Boaventura Kloppenburg, OFM: 90 anos por Cristo em sua Igreja*, p. 30.

A primeira seção fecha com a pretensa ligação histórica, e de certo modo teologal, do espiritismo com o cristianismo, de forma acrítica. São elencados alguns termos e personagens cristãos comumente usados no ambiente espírita que procuram fortalecer o vínculo, de modo unilateral, dos espíritas com o cristianismo, pelo menos de forma visível.

A segunda e terceira seções possuem por objetivo a exposição crítica. Serão apresentadas, frente ao espiritismo reencarnacionista, a crítica no que tange aos seus aspectos históricos, filosóficos e de pretensa ligação com o cristianismo.

Nestas seções, serão retomados os estudos de Boaventura Kloppenburg. A característica destas mesmas seções é a transdisciplinariedade existente na sua crítica, onde as contribuições das demais ciências humanas estarão presentes para contribuir com o objetivo de mostrar as diferenças entre espiritismo e cristianismo.

O ápice desta pesquisa se faz presente na terceira seção. A partir do título *Análise teológica frente ao Espiritismo reencarnacionista*, serão apresentadas as questões sobre a soteriologia autorredentora e a heterorredentora, bem como a fé a partir da ressurreição de Jesus Cristo. Nesta seção, são abordados os aspectos teologais frente à alternativa espírita juntamente com uma análise antropológica teológica, procurando elucidar ao leitor que a revelação cristã é para todos os homens e para o homem todo, e que a alternativa pela soteriologia autorredentora proposta pelo espiritismo não corrobora a sua afirmação de ser cristã.

1 UMA ANÁLISE HISTÓRICA: UM ESTUDO A PARTIR DE KLOPPENBURG

A realização de um trabalho em uma perspectiva teológica católica sobre o espiritismo no Brasil sem a utilização dos trabalhos de Boaventura Kloppenburg seria começar do nada e deixar de lado mais de dez anos de estudos sistemáticos sobre o assunto e décadas posteriores de atualização e revisão sobre o próprio estudo. Esta seção não tem por objetivo elencar de forma histórica a vida e as obras de Frei Boaventura Kloppenburg, mas é salutar de forma propedêutica inserir algumas notas com a finalidade de justificar a sua autoridade sobre o assunto numa perspectiva religiosa.

Um estudo a partir de Kloppenburg, diferentemente de um estudo segundo Kloppenburg, significa que o teólogo é o inspirador da base metodológica, o maior contribuinte para a confecção e o alcance do objetivo proposto para esta dissertação. Entretanto, isso não implica abrir mão de novos elementos para auxiliar no mesmo alcance, como os autores contemporâneos e elementos sociais, para citar alguns.

Nascido em dois de novembro de 1919, na Alemanha, Karl Joseph Kloppenburg chegou ao Brasil com quatro anos e meio de idade, em 1923. Com os pais e mais seis irmãos, imigraram para o Brasil em consequência do dificultoso período pós-guerra na sua região de origem. O pai de Karl, Bernard, era cerealista na Alemanha quando da convocação para a Primeira Guerra Mundial. Passados mais de três anos, volta à casa ao término do conflito e encontra uma situação muito adversa aos negócios⁹.

No Brasil, o município de Rolante, no Rio Grande do Sul, foi a primeira morada da família Kloppenburg. Quase uma década depois, a família optou em viver e trabalhar onde hoje está o município de Hulha Negra, na fronteira gaúcha.

A leitura da biografia de Boaventura Kloppenburg pode sinalizar a origem da aparente facilidade na produção de obras voltadas à análise de outras expressões religiosas frente ao catolicismo no Brasil. Originários de Oldenburg, uma região homogênea, tanto étnica como religiosamente, os Kloppenburg se depararam com um novo contexto. Um fenômeno novo

⁹ Cf. SCHIERHOLT, J. A. *Frei Boaventura Kloppenburg, OFM: 90 anos por Cristo em sua Igreja*, p. 16.

para a família e que se revelava ao jovem Karl à medida que este crescia. Uma realidade pluralista em todos os sentidos:

Em Rolante, onde fui tomando consciência da realidade da vida, o ambiente era completamente diferente e pluralista na cultura e na religião. Havia de tudo: católico e protestante, crente e descrente, branco e negro, gente de descendência portuguesa, alemã, italiana e outros, cada grupo com sua cultura, língua e tradição religiosa, mais ou menos praticante¹⁰.

Apesar da sua grande facilidade de análise das expressões religiosas no Brasil, a utilização das obras de Boaventura exige certa cautela para promover uma pesquisa dentro de um ambiente que não quer ser hostil ao pluralismo religioso. Para tanto, há de se ponderar sobre o conjunto de sua numerosa obra considerando que seus trabalhos, principalmente os anteriores ao Concílio Vaticano II, possuem uma conotação apologética¹¹ não condizente com as ambições pós-Concílio para a promoção do diálogo inter-religioso.

Os escritos pós-Concílio, apesar de serem poucos sobre o tema, já possuem um tom alinhado aos novos tempos da Igreja. Das suas primeiras obras, foram depurados os excessos que não contribuiriam para a finalidade desta pesquisa, mas tendo-se também o cuidado de não descaracterizar o estilo de escrita do franciscano com sua carga irônica peculiar.

Do início de seus estudos em 1951 até 1999, Kloppenburg escreveu 26 obras¹², entre livros e cadernos sobre o tema, além de dezenas de artigos em revistas, tais como a Revista Eclesiástica Brasileira – REB. Entre eles, além do espiritismo kardecista, foram abordados temas referentes às religiões de matriz afro e à maçonaria. Todos os seus escritos até o final do Concílio Vaticano II, como já fora descrito, tinham caráter especificamente apologético.

Com o Concílio Vaticano II, a sua apologética teve fim. Era o diálogo e a união que imperavam a partir daquele momento. Cessaram as publicações e, em tom de resignação, expressou sua obediência às novas diretrizes da Igreja:

¹⁰ Cf. SCHIERHOLT, J. A. *Frei Boaventura Kloppenburg, OFM: 90 anos por Cristo em sua Igreja*, p.10.

¹¹ Conforme o Lexicon, dicionário teológico enciclopédico, no verbete “apologética”, o termo pode ser definido como a ciência que se ocupa da apologia da fé cristã. Aponta então uma reflexão crítica que procura apresentar os fundamentos da fé cristã diante das exigências da razão.

¹² Cf. SCHIERHOLT, J. A. *Frei Boaventura Kloppenburg, OFM: 90 anos por Cristo em sua Igreja*, p. 189-190.

Não sou novato em matéria de espiritismo. Na década de 50 publiquei sobre a matéria livros, cadernos, folhetos e artigos sem conta. Era antes do Concílio Vaticano II (1962-1965), quando defendíamos nossa fé cristã e nossa Santa Igreja contra os ataques de seus adversários. E entre eles estava evidentemente o espiritismo. Era a apologética. Meus escritos, então, estavam sem dúvida marcados pelo ânimo de defesa da fé, para a orientação dos católicos. [...] Veio então o Concílio com seu apelo ecumênico para o diálogo e a união. Dizia-se que o Vaticano II acabara de vez com a apologética. Em conseqüência e obediente, afastei-me da liça. Meus livros sobre a matéria não foram mais publicados. Os espíritas respiraram então à vontade. Mas, de fato, depois não houve nem diálogo nem muito menos união. E como poderia haver união entre afirmar e negar a reencarnação?¹³

Na introdução de sua obra *Espiritismo, orientação para católicos*, Kloppenburg mantém a sua preocupação em relação ao espiritismo frente aos fiéis católicos, expondo os números referentes às vendas das obras de Allan Kardec e Chico Xavier, na casa dos milhões. “Estas cifras, por si sós, evidenciam que o espiritismo, em suas várias modalidades, continua sendo um grave problema também depois do Concílio. E o retraimento da Igreja pós-conciliar (sic) foi certamente uma das causas de sua difusão”¹⁴. Boaventura não crê no diálogo com o espiritismo.

No início dos anos 1990, Boaventura Kloppenburg compôs a subcomissão da Comissão Teológica Internacional, então presidida pelo Cardeal Ratzinger, para a elaboração do documento *Algumas questões atuais sobre escatologia*, cujo tema era a esperança cristã na ressurreição diante de um mundo com uma visão autonomista e plural¹⁵. O documento foi aprovado em dezembro do mesmo ano.

De um dos seus trabalhos, um folheto intitulado *Por que o católico não pode ser espírita*, chegou-se a tirar, em sucessivas edições de cem, duzentos mil exemplares, algo em torno de um pouco mais de um milhão de cópias. O fato demonstra o afinco com que, no contexto da época, a Igreja brasileira procurava deter a difusão do espiritismo entre os católicos.

Outra característica de Frei Boaventura Kloppenburg era o embate dialógico com os espíritas. Não fugia de nenhum. Nas palestras, cujo espaço era cedido para os espíritas

¹³ KLOPPENBURG, B. *Espiritismo, orientação para católicos*, p. 7.

¹⁴ *Ibidem*, p. 3.

¹⁵ Cf. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A esperança cristã na ressurreição, algumas questões atuais de escatologia*, 1994. Este documento é uma referência importante aqui nesta pesquisa por retratar a realidade da ideia da reencarnação frente à crença na ressurreição, além de ter Boaventura Kloppenburg como um dos colaboradores da sua redação.

participarem, muitas vezes estes não se faziam presentes. Antes, preferiam fazer sua defesa por escrito através de cartas ou publicações. Cada edição se alternava com uma resposta ao debatedor, sendo Carlos Imbassahy¹⁶ o principal interlocutor de Boaventura, em defesa do espiritismo.

1.1 AS PESQUISAS DE BOAVENTURA KLOPPENBURG

Kloppenburg, no início da década de 1950, resolveu aprofundar-se de corpo e alma nos estudos sobre o espiritismo, motivado pelo então Cardeal paulistano D. Carlos Mota. Este, por sua vez, inspirava-se no discurso do Papa Pio XII que alertava sobre os perigos da doutrina. Kloppenburg iniciou seus estudos pelo que era denominado na época de “baixo espiritismo¹⁷”, com o objetivo de intensificar uma campanha sistemática para o esclarecimento dos católicos.

Na mesma década de 1950 em São Paulo, Boaventura Kloppenburg participou de um congresso teológico sobre a encíclica *Mediator Dei*. Deliberando sobre o tema do próximo congresso, alguns pretenderam priorizar a Ação Católica. O Cardeal D. Carlos Mota, por sua vez, defendeu um foco na questão espírita, baseado no alerta do próprio Pontífice: *Espiritismo é o maior perigo do Brasil*. Não houve consenso e muitos acharam o tema pesado e polêmico, porém Frei Boaventura votou favoravelmente à proposta do Cardeal Mota¹⁸.

Ainda no tocante a seus estudos, vale ressaltar a qualidade da abordagem de Kloppenburg, obtida, sobretudo, a partir das várias saídas a campo. Vendo e sentindo *in loco* a religiosidade vivida pelos adeptos, reforçou o caráter do seu estudo e, conseqüentemente, conheceu melhor a religiosidade do povo brasileiro.

Boaventura Kloppenburg notou que precisava se esclarecer muito mais a respeito do fenômeno religioso plural no Brasil. Teve como destino o Rio de Janeiro em busca de

¹⁶ Carlos Imbassahy (1883 – 1969) foi advogado e funcionário público. Profícuo escritor espírita, tendo sido o principal interlocutor de Boaventura Kloppenburg nos debates travados através de publicações na década de 1960.

¹⁷ Por “baixo espiritismo” podemos, de forma superficial, mas sem prejuízo, definir religiões de matiz africanas como Umbanda e Quimbanda, que possuem doutrina espírita na sua expressão. Ao contrário do “alto espiritismo” que seria o kardecismo puramente codificado por Allan Kardec. Este termo não está mais em uso.

¹⁸ Cf. SCHIERHOLT, J. A., *Frei Boaventura Kloppenburg, OFM: 90 anos por Cristo em sua Igreja*, p. 29.

literatura apropriada. “Além de colecionar centenas de folhetos e livros, obteve licença para vestir-se à paisana, de boné, e percorreu dezenas de terreiros, sem ser identificado. O período mais intenso na busca de dados em fontes primárias foi em setembro de 1954 [...]”¹⁹.

O resultado das pesquisas e estudos de Boaventura foi uma meticulosa investigação histórica, tanto no aspecto do seu surgimento na Europa, quanto o da sua difusão no Brasil. Foram elencadas de forma cronológica as fundações de Centros, Grupos e Núcleos Espíritas por todo o país. Anais de primeiras seções foram estudados e analisados em conexão com outras fundações, inclusive citando a presença de determinados nomes ícones na história do espiritismo no Brasil.

Estatísticas também foram registradas para um aprimoramento do estudo em relação à evolução e difusão da doutrina espírita. Foram elencados números da população local de cada estado, números de adeptos e a referente porcentagem de praticantes. Para essa finalidade, utilizava os dados dos censos de cada década, comparando-os ao aumento real de adeptos.

Realizou reflexões referentes à influência do espiritismo junto à política e, inclusive, descreveu com minúcias os litígios dentro do espiritismo brasileiro. Dessa maneira, reconhecia tendências e linhas doutrinárias divergentes e, conseqüentemente, cismáticas em relação à Federação Espírita²⁰.

Kloppenburg foi um analista do kardecismo, concatenando suas práticas com a diversidade religiosa em um mesmo indivíduo e o seu alcance entre os católicos. Seu maior objetivo, portanto, sempre foi a compilação de textos que protegeriam os fiéis do contato direto com os espíritas.

Além de estudos e publicações que objetivavam o esclarecimento dos católicos, Kloppenburg se viu diante de publicações espíritas que visavam refutar suas conclusões. Afirmavam que o espiritismo seria o cristianismo legítimo, sem desvirtuação. O resultado foi que, na década de 1960, várias de suas publicações foram se apurando em relação à refutação

¹⁹ SCHIERHOLT, J. A., *Frei Boaventura Kloppenburg, OFM: 90 anos por Cristo em sua Igreja*, p. 29.

²⁰ Cf. KLOPPENBURG, B. *O Espiritismo no Brasil, orientação para católicos*, p. 6.

das teses dos interlocutores, dentre os quais se destaca o já antes mencionado Carlos Imbassahy.

Conseqüentemente, um método de exposição foi padronizado em suas obras. Consistia de modo geral, em uma exposição da doutrina espírita, nas alegações históricas e bíblicas que ligavam o espiritismo ao cristianismo, e nas devidas refutações baseadas em alegações, também históricas e bíblicas.

1.2 PARA KLOPPENBURG, UMA CONSTATAÇÃO: A CONFUSÃO RELIGIOSA

Diante da tarefa a empreender, conforme proposto no início da década de 1950 no congresso teológico sobre a encíclica *Mediator Dei*, e para a sua melhor preparação, procurou conhecer bem a realidade religiosa do povo brasileiro. À paisana, conforme autorização do seu superior, pôde percorrer livremente os terreiros e centros espíritas, conforme já fora citado.

Para sua surpresa, os ambientes eram frequentados por católicos, aos quais Kloppenburg não imputava dolo, ou má vontade, mas ignorância²¹. O termo *confusão religiosa*, cunhado por Boaventura, já não preenche com a sua carga semântica a realidade religiosa no Brasil. Hodiernamente, o vocábulo mais preciso vem a ser *sincretismo*.

Neste estudo, o termo usado por Kloppenburg tem caráter mais histórico do que preciso. Em uma análise sincrônica, de prima, seria este o termo adequado para o que foi visto na década de 1950:

Partimos da averiguação de um fato: a confusão religiosa existe. É indiscutível. E essa confusão é grande. Basta abrir os olhos. E por ‘confusão religiosa’ entendemos não a multiplicidade de religiões diversas num mesmo país, mas a pluralidade de concepções religiosas num mesmo indivíduo. [...]. Mas o que nos espanta e o que não chegamos a compreender é o fato de que várias religiões ou concepções religiosas, filosóficas ou doutrinárias, diretamente opostas entre si e racionalmente inconciliáveis possam coexistir, não numa nação ou numa família, mas num só e mesmo indivíduo²².

²¹ Estes dados estão dispersos em diversas obras de Kloppenburg de forma repetida, mas como fim de referência, utilizou-se aqui *O Espiritismo no Brasil*, 1960.

²² Cf. KLOPPENBURG, B. *O Espiritismo no Brasil*, p. 5.

Esta capacidade de certos indivíduos brasileiros de suportar, numa mesma estrutura, aspectos tão diferentes de várias expressões religiosas, surpreendeu Boaventura Kloppenburg. Acostumado a ver a coexistência, de modo aparentemente explícito e dominante, de duas vertentes de religiosidade de uma mesma matriz, o catolicismo e o protestantismo, deparava-se agora, no centro do país, com um fenômeno religioso, no mínimo, original.

Kloppenburg, na sua forma irônica de escrever, acabou listando os mais variados tipos de católicos existentes em solo brasileiro. Não se direcionou para experiências semelhantes em outros países, tratando-o como um fenômeno particular da população brasileira. Para Kloppenburg, o kardecismo não era o único problema religioso para o católico brasileiro²³.

Boaventura cita, além do católico espírita, o católico umbandista, o esoterista, o católico astrólogo e rosacruciano, entre outras hibridizações. Em seguida, relaciona-os todos a um tipo enfim chamado de católico folclórico.

Naturalmente, o católico folclórico exige dos seus sacerdotes todos os direitos de católico praticante: reclama casar na igreja, batizar seus filhos, ser padrinho, festejar a primeira comunhão e, sobretudo, enterro religioso. Por outro lado, desconhece seus deveres: missa dominical, jejum, abstinência, associar-se na paróquia e participar na vida comunitária, etc. Aliás, o padre que cumpre as normas da Igreja é tido como intolerante e os católicos autênticos são vistos como cafonas e hipócritas²⁴.

O que espantava Kloppenburg era a utilização pseudo-sistemática de fragmentos de doutrinas diversas que, em análise, se excluía. Doutrinas estas vivenciadas no dia a dia pelo brasileiro²⁵, sem importar-lhe se havia ou não coerência interna na sua religiosidade.

Apesar da variedade de hibridizações de católicos com outras expressões religiosas, na década de 1950 foi o espiritismo que despertou entre os bispos a constatação de desvio

²³ Cf. KLOPPENBURG, B. *Espiritismo, orientação para católicos*, p. 5.

²⁴ SCHIERHOLT, J. A., *Frei Boaventura Kloppenburg, OFM: 90 anos por Cristo em sua Igreja*, p. 31.

²⁵ O termo confusão religiosa seria então substituída pelo de sincretismo, pois este último acompanha esta evolução da religiosidade brasileira, que reúne partes de diversas doutrinas elaborando uma doutrina nova, singular ao tipo de indivíduo, tentando reparar com distorções e acomodações, superficiais contradições que se apresentam na sua vivência.

doutrinário de maior perigo, por negar praticamente todas as verdades de fé da Doutrina Católica²⁶.

1.3 EXPOSIÇÃO NUCLEAR DA DOUTRINA ESPIRITA

Tendo-se o intuito de conectar de forma sequencial as seções que tratam desta peça acadêmica, de modo a fornecer elementos que gradualmente vão elucidando e levando ao ápice do trabalho, esta subseção terá por objetivo expor de forma sintética, nuclear e essencial, a doutrina espírita kardecista.

A heterogeneidade, característica do movimento religioso reconhecido como espiritismo acaba por dificultar um estudo preciso do fenômeno espírita. Identificada esta dificuldade, se evitará uma exposição exaustiva e, assim, desnecessária para o objetivo desta pesquisa.

Portanto, não serão tratadas as diversas obras literárias que foram acrescentadas ao longo da história do espiritismo. Produções que reúnem comentários e explicações que auxiliam no entendimento da doutrina espírita, ou seja, obras paralelas surgidas posteriormente às obras básicas.

Esta ausência de tratativa das obras paralelas se dá até por motivos de uma máxima existente no Livro dos Espíritos. Esta máxima, de certo modo congela qualquer especulação ou consulta aos espíritos que podem vir a alterar o núcleo central dos ensinamentos, pois “[...] a doutrina será sempre a mesma [...]”²⁷. Exceto, ressalta-se, as obras que procuram reforçar a relação existente entre espiritismo e cristianismo.

Nesse sentido, o trabalho focalizará nas obras base da doutrina espírita ou codificação espírita. Codificação atribuída ao fundador do espiritismo, Hippolyte Léon Denizard Rivail, conhecido mundialmente pelo pseudônimo de Allan Kardec. Nome este retirado, segundo explicação do próprio Hippolyte, de uma vida anterior, quando se achava encarnado como um sacerdote druida.

²⁶ Cf. KLOPPENBURG, B. *Espiritismo, orientação para católicos*, p. 5.

²⁷ KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, p. 50.

Nascido em Lyon, na França, em outubro de 1804, Hippolyte estudou na Suíça, onde foi discípulo de Johann Pestalozzi, famoso educador. O pseudônimo Allan Kardec viria somente em 1857, praticamente substituindo o nome Hippolyte. Aos 50 anos de idade, era respeitado no campo das Letras, assim como na Filosofia. Era também conhecido pelas suas qualidades morais²⁸.

Homem sensível e “de boa formação geral e cultural, era metódico, lógico e claro na exposição. Trabalhou também como contabilista. Casou em 1826 com a professora Amélia Gabriel Bondet. Não teve filhos. A partir de 1855 dedicou-se inteiramente ao espiritismo”²⁹. Morreu em 18 de abril de 1869 na capital, Paris, em consequência de um aneurisma.

É mister citar que Allan Kardec encontrou, segundo ele, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis supremas, razão pela qual afirmou que o espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais etc.”³⁰.

O espiritismo surgiu a partir de um fenômeno observado no século XIX na Europa: as mesas girantes. “Nos salões elegantes, após os saraus, as mesas eram alvo de curiosidade e de extensas reportagens, pois moviam-se, erguiam-se no ar e respondiam a questões mediante batidas no chão (tiptologia)”³¹. Diante de tal fenômeno, Hippolyte Leon Denizard Rivail, resolveu investigar:

O primeiro fato observado foi o da movimentação de objetos diversos. Designaram-no vulgarmente pelo nome de *mesas girantes* ou *dança das mesas*. Este fenômeno, que parece ter sido notado primeiramente na América, ou, melhor, que se repetiu nesse país, porquanto a História prova que ele remonta à mais alta antiguidade, se produziu rodeado de circunstâncias estranhas, tais como ruídos insólitos, pancadas sem nenhuma causa ostensiva. De lá, propagou-se rapidamente pela Europa e pelas outras partes do mundo³².

²⁸ Cf. SILVA, A. A. *A Antropologia kardecista no Brasil*, p.15.

²⁹ *Ibidem*, p. 16.

³⁰ REVISTA ESPÍRITA, 1862, p. 401. In: FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB.

³¹ FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA - FEB, *História do Espiritismo*, 2012, n.p.

³² KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, p. 17.

Nas suas investigações, notou uma força inteligente por trás dos fenômenos, ao qual avançando nas suas pesquisas, revelou-se como o espírito dos homens mortos. Começou assim uma série de centenas de perguntas e respostas sobre este mundo espiritual, codificando e editando em obras fundamentais toda a Doutrina dos Espíritos³³.

Nesta introdução da síntese da Doutrina Espírita, é salutar escrever que Boaventura Kloppenburg ressaltou quatro fundamentos de credibilidade da doutrina. “É, pois, a doutrina espírita o resultado de um complexo de quatro fatores, que devem ser estudados com muito cuidado: 1) o fato da evocação dos espíritos; 2) o instrumento da revelação espírita, ou o médium; 3) os próprios espíritos que se comunicam; 4) a codificação das mensagens”³⁴.

A definição de espiritismo nunca foi um consenso dentro do movimento ao longo da história; para uns, uma ciência; para outros, uma filosofia; e para outra parte, uma religião. Esta última, corresponde à visão daqueles que não pertencem ou não pactuam com os fundamentos da doutrina. Mas é unânime entre todas as correntes afirmar categoricamente que é a Doutrina dos Espíritos.

No Brasil, por exemplo, no final do século XIX, o panorama do espiritismo era rico no que se referia à quantidade e diversidade de grupos, cada qual com suas peculiaridades. O grupo do espiritismo científico defendia que só deveria ser estudado o *Livro dos Espíritos*, procurando dar uma conotação científica à doutrina. Os estudiosos dos demais livros base eram conhecidos por kardecistas³⁵.

Porém, em terra fértilmente religiosa como o Brasil, os grupos de conotação mística ou religiosa eram superiores em quantidade, subdividindo-se em outros grupos com suas peculiaridades e tendo a moral cristã como principal elo entre eles. Grupos que procuravam expressar um espiritismo puro, com conotação filosófica, ficavam espremidos entre as diversas correntes:

³³ Os livros base da Doutrina Espírita serão retratados nesta seção, posteriormente em subseção própria para as obras de Kardec.

³⁴ KLOPPENBURG, B. *O Espiritismo no Brasil*, p. 63.

³⁵ Cf. ARRIBAS, C. G. *Afinal, espiritismo é religião?*, p. 94

Espiritismo puro significava que nem era científico, nem místico ou religioso. O grupo se encontrava no centro das duas definições, mas com tendências ao olhar mais filosófico; foi o que menos força teve na disputa simbólica da definição do que era (ou não) espiritismo³⁶.

Talvez por ser este grupo mais tolerante, acabaram não investindo adequadamente neste processo, como acabaram fazendo os científicos e os místicos. Como o campo filosófico era bastante precário no Brasil, o espiritismo não chamou a atenção dos quase inexistentes adversários filósofos, diferentemente dos muitos adversários cientistas e católicos³⁷.

Nesta fermentação e embate de forças internas dentro do espiritismo brasileiro, pode-se dizer que houve a fusão de termos. De modo simplista, mas satisfatório, espiritismo e kardecismo são praticamente sinônimos no Brasil, funcionando como a própria designação da Doutrina dos Espíritos.

Como o objetivo desta pesquisa é discorrer sobre o espiritismo reencarnacionista, o kardecismo e o cristianismo, sendo esta uma religião consagrada historicamente, a visão que se terá de tal doutrina neste estudo será sempre religiosa. Diante da pergunta *o que é o espiritismo?*, a Federação Espírita Brasileira (FEB) oferece a seguinte resposta:

É o conjunto de princípios e leis, revelados pelos Espíritos Superiores, contidos nas obras de Allan Kardec que constituem a Codificação Espírita: *O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese*. ‘O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.’ Allan Kardec (*O que é o Espiritismo – Preâmbulo*)³⁸.

Diante da citação acima, pode se observar, para fins de definição, o fragmento “[...] revelados pelos Espíritos Superiores [...]”³⁹. Ora, termos como revelação e espíritos, neste contexto, são próprios de religião. São, inclusive, elementos estranhos à ciência verificável. O termo “superiores” pressupõe uma hierarquia entre os espíritos, coisa também própria de diversas religiões.

³⁶ ARRIBAS, C. G. *Afinal, espiritismo é religião?*, p. 96

³⁷ *Ibidem*, p. 96.

³⁸ FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA - FEB, *Dúvidas mais frequentes: O que é o Espiritismo?*, 2012, n.p.

³⁹ *Ibidem*, n.p.

Conforme citado na introdução deste estudo, há duas grandes correntes espíritas no mundo, divididas curiosamente de forma étnico-linguística. A vertente latina, que crê na revelação dos espíritos referentes à reencarnação; e a anglo-saxã, que crê na revelação dos espíritos que afirmam não haver reencarnação.

Para a corrente anglo-saxã, o espiritismo está centrado somente na vida do espírito além-túmulo. Há contradições tão importantes entre estas duas vertentes que o V Congresso Internacional de Barcelona, de 1934, não conseguindo reverter esta dissensão, apelou para o compromisso de respeito e tolerância⁴⁰.

1.3.1 Síntese da Doutrina Espírita

O Espiritismo seria a doutrina que sintetiza os ensinamentos de Jesus, que disse do Consolador prometido: “conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra; atraí para os verdadeiros princípios da lei de Deus e consola pela fé e pela esperança⁴¹”.

Há, no túmulo de Allan Kardec em Paris, no cemitério de Père-Lachaise, o famoso epitáfio em francês que define perfeitamente toda a filosofia que permeia o espiritismo reencarnacionista, a saber, “Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre: esta é a lei”⁴².

Conforme a doutrina, esta vida que se mantém na terra não é a primeira existência corpórea, mas sim a repetição de uma existência que, conforme a mesma doutrina, não necessariamente necessita ter sido na Terra. Como um dos cernes do Espiritismo, a Lei de Causa e Efeito seria o motor deste progresso:

Tudo o que fizermos ao próximo, de bem ou mal, retornará para nós. É a chamada Lei de Ação e Reação, plantio e colheita. Tem um exemplo na Lei da Física, explicada por Newton, onde toda ação tem uma reação contrária, da mesma intensidade e sentido oposto. Nosso mundo é de segunda categoria e classificado como de Provas e Expições. As expiações são a colheita nesta ou nas próximas existências do erro que tenhamos praticado em outras vidas. Não é um castigo, pois Deus não castiga. É sim a oportunidade de compreendermos nossos atos indevidos,

⁴⁰ Cf. DALLEGRAVE, G. *Reencarnação*, p. 26.

⁴¹ KARDEC, A. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, p. 107.

⁴² *Naitre, mourrir, renaitre encore et progresser sans cessetelle est la loi.*

sofrendo em nós mesmos o que fizemos outro sofrer. Com isso, nosso espírito absorve a experiência, e terá a tendência de não mais praticá-lo⁴³.

Conforme os espíritos nas suas respostas, Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas. Eterno e infinito. E por infinito, o pressuposto de ser desconhecido é a resposta ao questionamento pelo entendimento do que é infinito⁴⁴. Deus é desconhecido, portanto, infinito.

A existência de Deus pode ser provada segundo os espíritos, por um axioma comum entre as ciências, que afirmam que não existe efeito sem causa. “Para crer-se em Deus, basta que se lance o olhar sobre as obras da Criação. O Universo existe, logo, tem uma causa. Duvidar da existência de Deus é negar que todo efeito tem uma causa e avançar que o nada pôde fazer alguma coisa”⁴⁵. A presença de Deus de uma maneira inata e instintiva no homem, também é um pressuposto da existência de Deus.

O homem, ou melhor, o espírito desencarnado, poderá um dia ver a Deus e o compreender, mas somente “quando não mais tiver o espírito obscurecido pela matéria. Quando, pela sua perfeição, se houver aproximado de Deus, ele o verá e compreenderá”⁴⁶.

Sendo assim, Deus, de uma maneira geral, pode ser tido como um ser supremo que rege o universo com leis e com justiça, de forma automática e mecânica. Ou seja, se fizer, pagará. Não há espaço para uma misericórdia, que seria uma ação arbitrária.

O universo na doutrina espírita, assim como no cristianismo, judaísmo e islamismo, é criado. Esta criação do universo se deu pela vontade do criador. O universo criado por Deus abrange toda a realidade, nesta incluídos os mundos visíveis e invisíveis⁴⁷.

⁴³ VENTURINI, V. *Os desafios da fé cristã na ressurreição de Jesus diante da crença na reencarnação, presente no espiritismo kardecista do Brasil, nos últimos cinquenta anos*, p. 90.

⁴⁴ Cf. KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, p. 55. A síntese não apresentará nesta subseção qualquer crítica quanto aos elementos fornecidos pelas obras codificadas.

⁴⁵ KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, p. 56.

⁴⁶ KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, p. 58.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 23.

O mundo do livro do Gênesis 1,3 é uma síntese da criação, ou seja, a vontade se fez matéria. Este universo criado é finito e renovado de tempos em tempos, sendo vedado ao conhecimento tanto dos homens, quanto dos espíritos, a duração destes tempos.

Em relação a organismos animados que constituem o cosmos, e mais precisamente os do globo terrestre, o princípio vital que anima os seres é o fluído universal. Comumente chamado no meio espírita de fluído magnético, é este o elo que une o mundo espiritual e o mundo material:

Os seres orgânicos são os que têm em si uma fonte de atividade íntima que lhes dá a vida. Nascem, crescem, reproduzem-se por si mesmos e morrem. São providos de órgãos especiais para a execução dos diferentes atos da vida, órgãos esses apropriados às necessidades que a conservação própria lhes impõe. Nessa classe estão compreendidos os homens, os animais e as plantas. Seres inorgânicos são todos os que carecem de vitalidade, de movimentos próprios e que se formam apenas pela agregação da matéria. Tais são os minerais, a água, o ar etc.⁴⁸.

Outras partes do cosmos, conforme a doutrina espírita, também são habitados como a terra⁴⁹. O globo terrestre não pode ser caracterizado como privilegiado por possuir vida inteligente, pois há planetas que possuem seres com inteligência e, inclusive, muito superiores aos da Terra, segundo a providência divina.

Conforme resumo de *O Livro dos Espíritos*⁵⁰, no que tange ao homem, há nele três elementos: o primeiro, o corpo ou a sua materialidade, semelhante a dos animais e animado pelo mesmo princípio vital; o segundo, seria a alma ou o seu ser imaterial, o Espírito encarnado no corpo; o terceiro, seria o laço que une a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito, ou seja, o perispírito:

O perispírito é como um laço que une o corpo e o Espírito. Uma espécie de invólucro semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que constituiria para ele um corpo etéreo, invisível no seu estado normal, mas que pode tornar-se acidentalmente visível e mesmo tangível, como sucede nos fenômenos de aparição⁵¹.

⁴⁸ KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, p. 77.

⁴⁹ Ibidem, p. 25

⁵⁰ Esta subseção é baseada na Introdução e nos capítulos da obra *O Livro dos Espíritos*, auxiliado pela web página do Centro Espírita Ismael de Jaçanã-SP na sua elaboração, organizado por Sérgio Biagi Gregório, disponível em: <<http://www.ceismael.com.br/tema/resumo-doutrina-dos-espíritos.htm>>.

⁵¹ KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, p. 24.

Os espíritos pertenceriam a diferentes ordens de perfeição. Sofrem infalivelmente um progresso e não podem permanecer os mesmos quanto aos seus estados. No espiritismo, todos os espíritos melhoram a sua situação através da ascensão aos diferentes graus da hierarquia espiritual.

Deixando o corpo, a alma voltaria ao mundo dos espíritos de onde havia saído para reiniciar uma nova existência material após determinado tempo, o qual varia conforme a permanência no estado de espírito errante. Desse modo, passam os espíritos por muitas encarnações e múltiplas existências, as quais se somarão a muitas outras, seja neste ou em outros planetas⁵².

A encarnação dos espíritos ocorre sempre na espécie humana. Não há retrocesso no que tange à espécie. O espírito não voltaria, por exemplo, em um animal irracional. Seria incorreto, como certos povos acreditavam, que a alma ou espírito pudesse encarnar num corpo de animal. Seria um retrocesso, incompatível com a lei de progresso:

Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da Criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus⁵³.

As qualidades da alma são as do espírito encarnado. O homem de bem é a encarnação de um bom espírito e o homem mau, a de um espírito mau. A alma mantém a sua individualidade antes da encarnação e a conserva após a desagregação do corpo.

No seu regresso ao mundo dos espíritos, a alma reencontraria todos os que já conhecera na Terra e, assim, todas as suas existências anteriores delineariam na sua memória, com a recordação de todo o bem e de todo o mal que tivesse feito. Os espíritos que não estão encarnados, ou errantes, não ocupam nenhuma região determinada ou circunscrita. É um mundo à parte, invisível, que existe ao redor da realidade visível.

⁵² KARDEC. A. *O Livro dos Espíritos*, p. 24.

⁵³ *Ibidem*, p. 105.

Os espíritos exerceriam sobre o mundo moral e sobre o mundo físico uma ação incessante de influência. Agem sobre a matéria e sobre o pensamento humano e constituem uma das forças da natureza, como causa eficiente de uma variada gama de fenômenos até agora inexplicáveis, que não encontram uma solução pela via racional.

Aliás, a comunicação do espírito encarnado com os espíritos desencarnados pode ser de modo oculto ou ostensivo. No modo oculto, a comunicação se dá através das influências boas ou más que o homem sofre. É necessário um discernimento para julgar se tal influência é boa ou má. Já no modo ostensivo, dá-se através da comunicação de modo fenomênico, como as batidas, as psicografias, ou seja, em num meio material externo ao homem⁵⁴.

As relações dos espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos convidariam ao progresso, sustentando os seres humanos nas diversas provas que surgem na vida e ajudando-os a suportá-las com coragem e resignação, influenciados pelo mundo espiritual. Já os espíritos maus influenciariam os homens no que é relativamente mau, operando como uma forma de prazer maligno em ver os humanos caírem nas suas táticas. Os espíritos se manifestariam espontaneamente ou pela evocação. A moral dos espíritos superiores se resumiria, como a de Cristo, protótipo da humanidade⁵⁵.

A relação entre o mundo espiritual, desencarnado, e o mundo encarnado é mediada pelos médiuns: aqueles que desenvolveram a faculdade inata nos homens, até então não desenvolvida, de sentir a influência dos espíritos em uma ou mais formas de comunicação. Há assim diversos tipos de médiuns, tais como: médios falantes, auditivos, videntes, sensitivos, curadores e, finalmente, os famosos psicógrafos⁵⁶.

Em relação à pessoa de Jesus Cristo, pode-se frisar que os espíritas não contestam o fato histórico da sua existência. É considerado um grande personagem que, através de muitas reencarnações, já alcançou a escala final das perfeições, sendo incomparável as suas faculdades mediúnicas⁵⁷.

⁵⁴ Cf. KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, p. 26.

⁵⁵ Cf. KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, p. 238 – 240.

⁵⁶ Cf. KARDEC, A. *Livro dos Médiuns*, p. 171-181.

⁵⁷ Cf. KLOPPENBURG, B. *O Espiritismo no Brasil*, p. 372-373.

Jesus Cristo no Espiritismo não possui divindade, não é Deus, é uma criatura. Em *O Livro dos Espíritos*, Jesus é apresentado como a oferta perfeita da parte de Deus, como modelo de homem para guia e aspiração⁵⁸. Era o médium de Deus, não um simples médium, pois este necessitaria da assistência dos espíritos. Jesus, por sua vez, assistia aos outros, agindo por si mesmo em virtude de seu poder pessoal, conforme providência divina. Quando questionado se os milagres provariam a divindade de Cristo, Allan Kardec responde:

Segundo a Igreja, a divindade do Cristo está firmada pelos milagres, que testemunham um poder sobrenatural. Esta consideração pode ter tido certo peso numa época em que o maravilhoso era aceito sem exame; hoje, porém, que a Ciência levou suas investigações até às leis da Natureza, há mais incrédulos do que crentes nos milagres, para cujo descrédito não contribuíram pouco o abuso das imitações fraudulentas e a exploração que dessas imitações se há feito. A fé nos milagres foi destruída pelo próprio uso que deles fizeram, donde resultou que muitas pessoas consideram agora os do Evangelho como puramente lendários⁵⁹.

Jesus, no pensamento espírita, não fazia milagres. Seus dons são explicados pela luz da ciência espírita. Jesus Cristo seria o portador de uma missão especial: a de ensinar aos homens que a verdadeira vida não seria a que se peregrina na terra, mas a do reino dos céus; ou numa linguagem mais contemporânea, a do mundo dos espíritos⁶⁰.

1.3.2 As obras básicas da Doutrina Espírita

Os livros-base do espiritismo, todos eles constituídos no século XIX, são o manancial literário da doutrina. O *Livro dos Espíritos* é a primeira obra que procura explicar a doutrina dos espíritos, seguida cronologicamente pelo *Livro dos Médiuns*, pelo *Evangelho segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*. Será exposta também a obra de León Denys, *Cristianismo e Espiritismo*, por participar com seus dados relevantes para a objetivação deste estudo.

De acordo com a Federação Espírita Brasileira – FEB⁶¹, dos cinco livros fundamentais que compõem a Codificação do Espiritismo, *O Livro dos Espíritos* foi o primeiro a reunir os ensinamentos dos *Espíritos Superiores* através de médiuns de várias partes do mundo.

⁵⁸ Cf. KARDEC. A. *O Livro dos Espíritos*, p. 298.

⁵⁹ KARDEC. A. *Obras póstumas: Estudo sobre a natureza de Cristo*, p. 150.

⁶⁰ Cf. KLOPPENBURG, B. *O Espiritismo no Brasil*, p. 391 – 393.

⁶¹ Cf. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB, *Obras de Allan Kardec*, n.p.

O Livro dos Espíritos, cuja primeira edição francesa data de 1857, seria o marco inicial desta doutrina e traria uma profunda repercussão no pensamento e na visão de vida de uma proeminente parcela da população, sobretudo na Europa. O livro chegou a listar no *Index Librorum Prohibitorum*, a partir de 1861.

O livro está estruturado em quatro partes e contém 1.019 perguntas formuladas pelo próprio Allan Kardec, conhecido como o Codificador. São abordados os ensinamentos provindos dos espíritos que, segundo a doutrina, possuem uma forma lógica e racional, sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

Ainda segundo a Federação Espírita Brasileira - FEB, independentemente de crença ou convicção religiosa, a leitura de *O Livro dos Espíritos* pode ser de imenso valor para todos os leitores. Para a Federação, a obra “trata de Deus, da imortalidade da alma, da natureza dos Espíritos, de suas relações com os homens, das leis morais, da vida presente, da vida futura e do porvir da Humanidade, assuntos de interesse geral e de grande atualidade”⁶².

O livro, dentro da sua pretensão, procura expor através da explicação dos espíritos as causas primárias da realidade dos homens no que tange a sua vida, mas também certa cosmologia e biologia, segundo a parte primeira do livro⁶³. O linguajar científico do século XIX é destacado juntamente com termos filosóficos e religiosos.

Tomemos, a título de exemplo, a questão 45 de *O Livro dos Espíritos*, a qual interroga sobre onde se encontrariam os elementos orgânicos antes da formação do planeta Terra. Como resposta à questão, lemos:

‘Achavam-se, por assim dizer, em estado de fluido no Espaço, no meio dos Espíritos, ou em outros planetas, à espera da criação da Terra para começarem existência nova em novo globo’. A Química nos mostra as moléculas dos corpos inorgânicos unindo-se para formarem cristais de uma regularidade constante, conforme cada espécie, desde que se encontrem nas condições precisas. A menor perturbação nestas condições basta para impedir a reunião dos elementos, ou, pelo menos, para obstar a disposição regular que constitui o cristal. Por que não se daria o mesmo com os elementos orgânicos?⁶⁴

⁶² Cf. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB, *Obras de Allan Kardec*, n.p.

⁶³ Cf. KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, 2013.

⁶⁴ KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, p. 69.

Conforme a obra, durante anos se conservaram os germes de plantas e de animais que não se desenvolveram senão a certa temperatura e em meio apropriado, conforme a evolução meteorológica das condições do planeta. “Têm-se visto grãos de trigo germinarem depois de séculos. Há, pois, nesses germes um princípio latente de vitalidade, que apenas espera uma circunstância favorável para se desenvolver”⁶⁵.

Portanto, a formação dos seres vivos seria originada pelo caos e pela força da mesma natureza, o que não diminuiria a potência de Deus em relação à criação. O aprofundamento dos questionamentos por parte de quem especula, sem sanar as questões tais como a origem dos elementos viáveis à formação da vida, deve-se deixar a cargo do conhecimento exclusivo de Deus.

Este conhecimento exclusivo de Deus é um mistério para os homens, vedado, ao que parece, inclusive aos espíritos. “Esta teoria não resolve, é verdade, a questão da origem dos elementos vitais; mas Deus tem seus mistérios e pôs limites às nossas investigações”⁶⁶. Seria o equivalente ao mistério cristão.

A segunda parte do livro trata especificamente dos espíritos, ou seja, da sua origem e natureza; da constituição do espírito e sua relação com o perísprito; da encarnação e dos seus objetivos. É um tratado editado pelos espíritos. Pode-se dizer que é o cerne da doutrina espírita reencarnacionista pois os seus onze capítulos tratam de forma minuciosa dos questionamentos sobre o mundo dos espíritos, procurando não deixar nada em branco.

A terceira e quarta partes de *O Livro dos Espíritos* tratam, em sequência, das leis morais e das esperanças e consolações. A terceira parte, além de tratar do progresso baseado na revelação, aborda a influência da lei de causa e efeito sobre a história da humanidade, porém com um acentuado fundo forense, pois tudo é lei.

A quarta parte da obra, por sua vez, retrata a felicidade e a infelicidade em uma perspectiva relativista, da expiação e arrependimentos de faltas, bem como da natureza das

⁶⁵ KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, p. 69.

⁶⁶ Cf. KARDEC. A. *O Livro dos Espíritos*, p. 69.

penas e também dos gozos futuros. Nela, são retratados diversos temas, como por exemplo, o suicídio e o temor da morte.

Nesta mesma parte, identifica-se o uso de termos cristãos em relação a aspectos escatológicos, como o purgatório. Algumas respostas de espíritos, cujas identidades revelam serem os de Santo Agostinho e São Luís da França⁶⁷, também aparecem no corpo da codificação.

São Luís, por exemplo, na parte da obra espírita que trata sobre a ressurreição da carne, é o espírito do Santo que responde ao questionamento sobre se a Igreja, através do dogma da ressurreição, estaria já ensinando, ainda que de modo obscuro, a reencarnação. Questão à que São Luís responderia prontamente: “É evidente”⁶⁸.

O Livro dos Médiuns é uma obra constituída em 1861 por Allan Kardec em Paris. É uma espécie de ferramenta metodológica que auxilia os médiuns na sua investigação dos fenômenos ditos espíritas, ou seja, da intervenção das entidades no plano físico. Tem por segundo título *Guia dos Médiuns e dos Evocadores*⁶⁹.

Foi constituída também dentro do contexto dos fenômenos das mesas girantes na Europa, sendo o seguimento de *O Livro dos Espíritos*. “Destina-se a guiar os que queiram entregar-se à prática das manifestações, dando-lhes conhecimento dos meios próprios para se comunicarem com os Espíritos. É um guia, tanto para os médiuns como para os evocadores, e o complemento de *O Livro dos Espíritos*”⁷⁰.

A obra é composta por duas partes. Possui, além da introdução, trinta e dois capítulos que descrevem minuciosamente, como o propósito do livro objetiva, um sistema que serve

⁶⁷ Nas páginas finais de *O Livro dos Espíritos*, eminentes nomes do cristianismo contribuem, segundo a doutrina espírita, para sua explicação. Pode se considerar como o primeiro contato da doutrina espírita com o cristianismo no sentido de legitimar o espiritismo frente ao cristianismo.

⁶⁸ KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, p. 454 – 455.

⁶⁹ Na folha de rosto da 23ª edição em português da Federação Espírita Brasileira, de 1954, está impresso “Espiritismo Experimental, *O livro dos Médiuns ou Guia dos Médiuns Evocadores*, Ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os tropeços que se podem encontrar na prática do Espiritismo”.

⁷⁰ KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*, p. 43.

como ferramenta para guiar o médium durante as suas investigações sobre o mundo dos espíritos e a sua relação com o mundo material.

Assim como todas as obras bases do espiritismo kardecista, o livro possui conexão entre os seus capítulos de forma que as dúvidas em relação ao *modus operandi* dos espíritos e dos médiuns sejam todas sanadas. Escrito em uma linguagem acessível a qualquer pessoa instruída, oferece ainda no seu final, caso seja necessário, um vocabulário para os termos utilizados dentro da doutrina.

O livro parte de noções preliminares, como o questionamento sobre se “há espíritos”⁷¹. Dentro destas mesmas noções, acha-se um capítulo que se refere ao modo de lidar com as pessoas materialistas, ou seja, céticas em relação ao fenômeno espírita. O texto as classifica desde incrédulos por ignorância, passando por aqueles que não acreditam por má vontade, até chegar aos escrupulosos fideístas cristãos:

Além dessas diversas categorias de opositores, muitos há de uma infinidade de matizes, entre os quais se podem incluir: os incrédulos por pusilanimidade, que terão coragem quando virem que os outros não se queimam; os incrédulos por escrúpulos religiosos, aos quais um estudo esclarecido ensinará que o Espiritismo repousa sobre as bases fundamentais da religião e respeita todas as crenças; que um de seus efeitos é inculcar sentimentos religiosos nos que os não possuem, fortalecê-los nos que os tenham vacilantes. depois, (sic) vêm os incrédulos por orgulho, por espírito de contradição, por negligência, por leviandade etc.⁷².

Da primeira parte da obra vale destacar, para fins de estudo, o método de fazer prosélitos. Conforme a obra, “muito natural e louvável é, em todos os adeptos, o desejo, que nunca será demais animar, de fazer prosélitos”.⁷³ A obra continua, de forma bem escrita, a descrever os tipos de indivíduos que se apresentam frente ao Espiritismo e sintetiza que os de boa vontade devem ser instruídos na doutrina.

Segundo a obra, o ponto de partida para captar partidários é o diálogo, não sobre a questão dos Espíritos, mas sobre a existência da alma no homem. Pode parecer redundante, mas uma leitura que se poderia fazer é que o ponto de partida é o próprio homem situado na sua trama cotidiana:

⁷¹ KARDEC, A. *O livro dos Médiuns*, p. 13.

⁷² *Ibidem*, p. 36.

⁷³ KARDEC, A. *O livro dos Médiuns*, p. 33.

É crença geral que, para convencer, basta apresentar os fatos. Esse, com efeito, parece o caminho mais lógico. Entretanto, mostra a experiência que nem sempre é o melhor, pois que a cada passo se encontram pessoas que os mais patentes fatos absolutamente não convenceram. A que se deve atribuir isso? É o que vamos tentar demonstrar. No Espiritismo, a questão dos Espíritos é secundária e consecutiva, não constitui o ponto de partida. Este é precisamente o erro em que caem muitos adeptos e que, amiúde, os leva a insucesso com certas pessoas⁷⁴.

A segunda parte do *Livro dos Médiuns* é constituída principalmente pelas diversas formas de manifestação dos espíritos, como as espontâneas, as físicas e visuais. As comunicações, assim como as assombrações, também tomam parte no livro. Um leitor curioso de primeira viagem pelas sendas do espiritismo, sem dúvida, achará a obra no mínimo interessante e, no máximo, um convite à adesão.

A parte que trata dos médiuns é de suma relevância. Todo o conteúdo anterior a esta parte da obra funciona como um propedêutico para esta etapa do estudo. Nesta, são especificados os diversos tipos de médiuns, como os psicográficos, passando pelos médiuns especiais e pela formação e desenvolvimento da capacidade mediúnica dos mesmos.

Passada a parte da definição, categorização e formação do médium, o estudo da obra depara-se com o papel do médium nos estudos espíritas. Este está ligado às evocações, às advertências e a seleções de quais espíritos se podem invocar. Enfim, trata-se de um tratado de mediunidade e um manual dos primeiros aos últimos passos na senda da comunicação com os espíritos.

O Evangelho segundo o Espiritismo, que tem por título complementar *A explicação das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida*, foi composto em Paris em 1864. Considerando-se as alterações sofridas pela redação original, os estudos tomam por texto base a terceira edição, de 1865. A obra, dividida em vinte e oito capítulos, é literalmente um evangelho segundo o espiritismo, como sugere o próprio título.

O objetivo da obra está baseado em uma leitura que o espiritismo faz do cristianismo: uma escola de moral. Tal leitura sugere que o evangelho tem se mostrado ininteligível para a

⁷⁴ KARDEC, A. *O livro dos Médiuns*, p. 34.

maioria dos leitores e que se deve torná-lo inteligível à luz dos espíritos. Até então, é a obra que mais aproxima o espiritismo do cristianismo, considerado o amplo uso de termos e máximas consolidadas dentro da religião cristã e suas variações de origem cismáticas:

Toda a gente admira a moral evangélica; todos lhe proclamam a sublimidade e a necessidade; muitos, porém, assim se pronunciam por fé, confiados no que ouviram dizer, ou firmados em certas máximas que se tornaram proverbiais. Poucos, no entanto, a conhecem a fundo e menos ainda são os que a compreendem e lhe sabem deduzir as conseqüências. A razão está, por muito, na dificuldade que apresenta o entendimento do Evangelho que, para o maior número dos seus leitores, é ininteligível⁷⁵.

Cada capítulo da obra possui como título uma máxima de Jesus Cristo contida nos evangelhos canônicos. Por exemplo, o capítulo I tem por título *Não vim destruir a Lei*; o quarto capítulo já é renomeado por *Ninguém poderá ver o Reino de Deus se não nascer de novo*; ou *Não separeis o que Deus juntou* como título do capítulo XXII.

Apesar de utilizadas as frases contidas nos evangelhos canônicos, a interpretação, de modo geral, não coincide com nenhuma das variantes cristãs de entendimento das frases evangélicas. Segundo a Federação Espírita Brasileira – FEB, *O Evangelho segundo o Espiritismo*:

[...] é o ensino moral do Cristo Jesus para os cristãos de qualquer crença, desenvolvido pelos Espíritos de Luz em comunicações mediúnicas recolhidas, organizadas, comentadas e trazidas a público pelo Codificador Allan Kardec. Se o leitor é cristão, leia com aplicação o ensino moral do Mestre Jesus para a Humanidade sofredora e dê-se conta de conteúdos que talvez nunca antes tenha percebido, ou compreendido plenamente. Se não é cristão, mas um espírito indagador, leia com respeito a orientação desse Espírito divino, dada há dois mil anos e sempre atual, em seu caráter educativo, motivador e consolador⁷⁶.

Conforme a mesma Federação, *O Céu e o Inferno* é uma das cinco obras básicas que compõem a codificação do Espiritismo. Tem por escopo fundamental explicar a justiça divina à luz da Doutrina Espírita. Foi publicado pela primeira vez em Paris no dia primeiro de agosto de 1865.

⁷⁵ KARDEC, A. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, p. 19.

⁷⁶ FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB, *Obras de Allan Kardec*, 2012, n.p.

A obra objetiva demonstrar a imortalidade do espírito e a condição que ele manterá no então mundo espiritual. Como fundo, as consequências de seus próprios atos enquanto encarnado. A obra está dividida em duas partes.

A primeira delas tem por objetivo estabelecer uma análise comparada das doutrinas religiosas sobre o além, ademais de expor fatos e explicações para a morte de crianças, os nascidos deficientes, os acidentes coletivos, além de uma variada gama de problemas que só a imortalidade da alma e a reencarnação explicariam com satisfação.

Outro ponto a destacar sobre a primeira parte de *O Céu e o Inferno* refere-se ao purgatório cristão. A obra cita que não há, nas Escrituras, passagem alguma que fundamente a sua existência. Somente no ano 593 d.C. é que o purgatório é proclamado como dogma, segundo os espíritas:

O Evangelho não faz menção alguma do purgatório, que só foi admitido pela Igreja no ano de 593. É incontestavelmente um dogma mais racional e mais conforme com a Justiça de Deus que o inferno, porque estabelece penas menos rigorosas e resgatáveis para as faltas de gravidade mediana. O princípio do purgatório funda-se na equidade, pois é a detenção temporária a concorrer com a perpétua condenação. Que julgar de um país que só tivesse a pena de morte para todos os delitos? Sem o purgatório, só há para as almas duas alternativas extremas: a suprema felicidade ou o eterno suplício. E nessa hipótese, que seria das almas somente culpadas de ligeiras faltas? Ou compartilhariam da felicidade dos eleitos, ainda quando imperfeitas, ou sofreriam o castigo dos maiores criminosos, ainda quando não houvessem feito muito mal, o que não seria nem justo, nem racional⁷⁷.

Allan Kardec procurou, na referida obra, elucidar temas como anjos, céu, demônios, inferno, purgatório e o temor da morte, como a passagem bíblica de fundo mosaico sobre a proibição de evocar os mortos. Além destes itens, apresenta a explicação espírita contrária à doutrina das penas eternas, comum na doutrina cristã tradicional.

A segunda parte da obra, proveniente de um fundo empírico, reúne exemplos acerca do estado da alma durante e após a desencarnação. No texto, aparecem elencados depoimentos de criminosos arrependidos, de espíritos endurecidos, de espíritos felizes e de espíritos sofredores sobre o estado daqueles que cometeram suicídio e daqueles que estão em período de expiação no globo terrestre.

⁷⁷ KARDEC, A. *O Céu e o Inferno*, p. 56.

A obra codificada *A Gênese* é dividida em três partes. Tem por subtítulo *Os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. A primeira edição foi publicada em janeiro de 1868 e as três partes estão constituídas por temas encabeçados por *A Gênese segundo o Espiritismo*, *Os milagres segundo o Espiritismo* e *as Predições segundo o Espiritismo*.

A obra é fundamentada na revelação dos Espíritos e muitos dos seus aspectos já se acham presentes em obras cronologicamente editadas anteriormente. A primeira parte da obra inicia com questionamentos sobre o caráter da revelação espírita:

Pode o Espiritismo ser considerado uma revelação? Neste caso, qual o seu caráter? Em que se funda a sua autenticidade? A quem e de que maneira foi ela feita? É a Doutrina Espírita uma revelação, no sentido teológico da palavra, ou por outra, é, no seu todo, o produto do ensino oculto vindo do Alto? É absoluta ou suscetível de modificações? Trazendo aos homens a verdade integral, a revelação não teria por efeito impedi-los de fazer uso das suas faculdades, pois que lhes pouparia o trabalho da investigação? Qual a autoridade do ensino dos Espíritos, se eles não são infalíveis e superiores à humanidade? Qual a utilidade da moral que pregam, se essa moral não é diversa da do Cristo, já conhecida? Quais as verdades novas que eles nos trazem? Precisar o homem de uma revelação? E não poderá achar em si mesmo e em sua consciência tudo quanto é mister para se conduzir na vida? Tais as questões que importa nos (sic) fixemos⁷⁸.

Nesta mesma parte, encontra-se o interessante capítulo VI que trata da *Uranografia geral*, isto é, da matéria e do cosmos, a saber, dos sóis, o espaço, satélites, planetas, cometas, e da Via Láctea, além das leis e forças que regem o universo e muitos outros temas associados a uma pseudo astronomia. É notável certa influência da ciência, ainda imprecisa, da época.

Esta parte da obra é textualmente extraída de uma série de comunicações ditadas à Sociedade Espírita de Paris, entre 1862 e 1863, sob o título *Estudos uranograficos* e assinada nada mais nada menos que por Galileu Galilei⁷⁹, através do médium Camille Flammarion⁸⁰.

Nesta mesma parte, há uma exposição dos primeiros capítulos do Gênesis bíblico e sua explicação sobre o olhar atento da ciência em conformidade com o espiritismo, conferindo-lhe um olhar de explicação superior a qualquer leitura literal ou religiosa dos textos mosaicos⁸¹.

⁷⁸ KARDEC, A. *A Gênese*, p. 17.

⁷⁹ Cf. nota de rodapé da página 91 da 53ª edição da obra *A Gênese de 2013*, editada pela FEB.

⁸⁰ Astrônomo francês, popularizador da astronomia, nascido no século XIX e pesquisador dos fenômenos psíquico e espírita.

As partes segunda e terceira, respectivamente *Os milagres segundo o Espiritismo* e as *Predições segundo o Espiritismo*, tratam de temas presentes no cristianismo. Dentre eles, os próprios milagres, a natureza de Jesus, possessão, profecia e outros temas acoplados a diversas passagens dos Evangelhos.

Em consonância com a primeira parte da obra, as demais possuem um método sistemático de exposição da passagem bíblica acompanhada de uma respectiva explicação extraída da união entre a Ciência e o Espiritismo. Quando se lê que Jesus caminhava sobre as águas, deve-se entender a explicação que leva em conta a influência da gravidade agindo sobre determinado contexto. Em outras palavras, considerar que é naturalmente possível caminhar sobre as águas, sem ter que atribuir-lhe caráter sobrenatural à passagem ou à condição de Jesus enquanto Filho de Deus encarnado:

Na passagem da Transfiguração de Jesus, a explicação é tida por motivos do perispírito: É ainda nas propriedades do fluido perispirítico que se encontra a explicação deste fenômeno. A transfiguração, explicada no cap. XIV, item 39, é um fato muito comum que, em virtude da irradiação fluídica, pode modificar a aparência de um indivíduo; mas, a pureza do perispírito de Jesus permitiu que seu Espírito lhe desse excepcional fulgor. Quanto à aparição de Moisés e Elias cabe inteiramente no rol de todos os fenômenos do mesmo gênero⁸².

Em suma, a obra *A Gênese* procura dar uma explicação científica, à luz do espiritismo, às passagens da Bíblia, mais precisamente dos Evangelhos. Em outras palavras, procura retirar-lhes o caráter histórico sobrenatural dos escritos e os respectivos significados teológicos que alimentam a fé cristã.

1.3.3 Cristianismo e Espiritismo de León Denys

A obra do francês Léon Denys (1846-1927), apesar de não fazer parte do pentateuco espírita, é significativamente importante para a objetivação deste trabalho à medida que descreve uma inconsistência entre o espiritismo reencarnacionista e o cristianismo em seus mais variados aspectos.

⁸¹ Cf. KARDEC, A. *A Gênese*, p. 211.

⁸² KARDEC, A. *A Gênese*, p. 297.

A obra é de suma importância para o Espiritismo. Denys é conhecido no ambiente espírita por ser o *Apóstolo do Espiritismo*, inclusive com atuação fundamental para manter o caráter religioso do Espiritismo nos seus primórdios.

Sob a influência do *Livro dos Espíritos*, de Kardec, tornou-se adepto do Espiritismo e está no *hall* dos grandes personagens da Doutrina, juntamente com Camille Flamarion e Gabriel Delanne. Boaventura Kloppenburg dedicou bastante atenção aos escritos de Léon Denys, explicitando na sua obra⁸³ as citações que atacavam a Igreja e a ressurreição.

A sua principal obra é *Cristianismo e Espiritismo* (1898), um retrato do pensamento espírita em relação ao cristianismo histórico. O pensador expõe que o cristianismo, tal qual se apresenta, vem a ser uma criação dolosa do gênero humano, enquanto revela sua face dominadora e mantedora de um *status quo* político e alienante.

O livro é uma crítica à interpretação da Igreja em relação aos Evangelhos, à formulação dos dogmas e à inspiração divina das Escrituras, além de afirmar que o próprio Espiritismo constitui a volta ao Cristianismo primitivo⁸⁴:

A Igreja só foi verdadeiramente popular e democrática em suas origens, durante os tempos apostólicos. No dia em que foi oficialmente reconhecida pelo Império, a partir da conversão de Constantino, tornou-se a amiga dos Césares e, algumas vezes, a cúmplice dos grandes e dos poderosos. Grande e bela, no entanto, foi outrora a Igreja de França, asilo dos mais elevados espíritos e das mais nobres inteligências. Os grandes mosteiros, as abadias célebres tornaram-se os refúgios do pensamento humano. Onde estão hoje, na Igreja, os pensadores e os artistas, os verdadeiros sacerdotes e os santos? Eles cederam lugar aos políticos combativos e negociastas⁸⁵.

O conteúdo em tom de discurso inflamado demonstra uma explícita ojeriza do autor pela Igreja e pelo seu clero, com exceção da outrora igreja francesa. Expressando um culto sarcasmo, compara os bispos de Roma aos sátrapas do oriente antigo:

[...]. Esqueçamos os despotismos solidários dos reis e da Igreja, a Inquisição e suas vítimas, e voltemos aos tempos atuais, em que ela cometeu um de seus maiores erros: a definição do dogma da infalibilidade papal. O vestuário do Papa, seus gestos e atitudes, o cerimonial e o fausto de sua cúria, tudo recorda as pompas cesarianas, o

⁸³ Cf. KLOPPENBURG, B. *A Reencarnação: exposição e crítica*, 1955.

⁸⁴ Cf. DENYS, L. *Cristianismo e Espiritismo*, p. 35.

⁸⁵ DENYS, L. *Cristianismo e Espiritismo*, p. 6.

que levou o orador espanhol Emílio Castelar a exclamar, vendo Pio IX carregado na sédia, a caminho de S. Pedro: ‘Aquele não é o pescador da Galiléia, é um sátrapa do Oriente!’⁸⁶.

A obra continua a sua exposição apresentando um Jesus a que o autor parece conhecer de forma singular, com a intimidade de alguém que estava reencarnado no período em questão. A obra é um tratado contra a Igreja e o Cristianismo tradicional e sacia todo leitor que possui alguma mágoa ou incompreensão da função da Igreja na obra de Deus.

1.4 A PRETENSA RELAÇÃO DO ESPIRITISMO COM O CRISTIANISMO

O espiritismo se autointitula como ciência, filosofia e religião, sendo esta última, como o legítimo cristianismo, sem desvios⁸⁷. Um cristianismo puro das especulações teológicas surgidas após o período apostólico e dolosamente pensado e sistematizado como religião, tal como fora idealizado pelo imperador Constantino, o Grande, no século IV:

Em contrapartida, na metade do século XIX, em 18 de abril de 1857, surgia em França o Consolador prometido por Jesus (João,14:15-17 e 26), Doutrina que viria mexer nas estruturas viciadas e ultrapassadas, trazendo de volta o Cristianismo primitivo, ou seja, a essência pura dos ensinamentos do Cristo⁸⁸.

De acordo com os defensores do reencarnacionismo de matriz kardecista, Jesus sempre defendeu e ensinou a pluralidade das vidas terrestres. Seria um princípio existente nos Evangelhos e historicamente consistente com o que o judaísmo na mesma época de Cristo acreditava, ou seja, na reencarnação⁸⁹. Esse é o argumento cristão utilizado pelo espiritismo como ponto de partida na defesa da consistência entre cristianismo e espiritismo.

Segundo os espíritas, na passagem encontrada no capítulo 17 do Evangelho de Mateus, Jesus afirma que João Batista seria a reencarnação de Elias, bem como mantém um colóquio sobre a reencarnação com Nicodemos em João 3 (versículos 1-8). Para os espíritas, é indiscutível que as passagens citadas falam sobre as múltiplas vidas.

⁸⁶ DENYS, L. *Cristianismo e Espiritismo*, p. 6.

⁸⁷ Cf. KARDEC, A. *A Gênese*, p. 343.

⁸⁸ PEREIRA, R. S. *Andando com as Próprias Pernas*. Reformador, Revista de Espiritismo Cristão, p. 28, 2003.

⁸⁹ Cf. KLOPPENBURG, B. *A Reencarnação: exposição e crítica*, p. 46. Na sua obra, Boaventura se baseia nos escritos do *Evangelho segundo o Espiritismo*.

Passagens bíblicas que, na visão dos espíritas, não deixam dúvidas sobre seu conteúdo. O que mais se poderia deduzir, questionam, da afirmação do mestre quando este diz: “Em verdade, em verdade te digo: se alguém não nascer de novo não pode entrar no reino de Deus” (Jo 3,3). Diante de tão forte evidência bíblica, concluem os espíritas:

Não há, pois, duvidar de que, sob o nome de ressurreição, o princípio da reencarnação era ponto de uma das crenças fundamentais dos Judeus, ponto que Jesus e os profetas confirmaram de modo formal; donde se segue que negar a reencarnação é negar as palavras de Cristo⁹⁰.

Outras passagens do Novo Testamento, como a Transfiguração; e algumas do Antigo Testamento, como a evocação de Samuel (1Sm 28,11-15), também reforçam o vínculo entre o cristianismo e o espiritismo reencarnacionista. Tudo estaria claro entre os primeiros cristãos, ou seja, a ideia de reencarnação era o ponto chave da doutrina cristã até a chegada de Constantino, o Grande.

Somente a partir do imperador Constantino é que a incipiente religião proibida dos cristãos foi institucionalizada e pensada da maneira como a conhecemos nos dias atuais, a saber, com sua hierarquia, dogmas, preceitos, liturgia, festas e santos.

A doutrina da reencarnação, conforme relato dos historiadores espíritas, teria sido alterada no II Concílio de Constantinopla por força de *lobby* exercido pela imperatriz Teodora. Esta, devido aos atos violentos e imorais que cometera em sua vida, teria alterado a doutrina cristã diante do medo de reencarnar e ter que pagar suas dívidas. Doutrina cristã, até então, reencarnacionista.

Segundo os historiadores e exegetas espíritas, Teodora fez de tudo para extinguir este dogma e substituí-lo pelo da ressurreição. O mesmo concílio também registra a supressão da doutrina de Orígenes (reencarnacionista). À época, segundo registros da historiografia espírita que retoma o panorama do período, o pensamento reencarnacionista representava uma unanimidade entre os gregos.

⁹⁰ KARDEC, A. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, p. 72.

Portanto, o cristianismo na visão espírita é uma escola de moral iniciada pelo governador do planeta Terra, Jesus Cristo: espírito perfeito que tem a missão de guiar os seres humanos rumo à recepção da terceira das grandes Revelações, a dos Espíritos. Allan Kardec é o seu codificador; León Denys é o seu apóstolo; e Chico Xavier, o seu maior expoente no Brasil, juntamente com o espírito Emmanuel⁹¹.

Fugindo do simplismo da introdução acima, pode-se perguntar se há realmente uma pretensa identificação do espiritismo kardecista com o cristianismo. O conceito de cristão pode ser explanado como aquele que professa a sua fé em Jesus Cristo como o Filho Salvador de Deus encarnado.

É recorrente a utilização, no meio cotidiano, de termos como espírito guerreiro, espírito perspicaz, paz de espírito, espírito perturbado, espírito de liderança e espírito de vencedor. Todos relativos a estados de ânimo e de conduta. O Cristão é aquele que possui o espírito de Cristo, é aquele que é animado por Cristo na sua vida sobrenatural e que reflete na sua conduta no dia a dia. Cristão é o que procura imitar a Cristo tal qual ele foi: modelo único de perfeição, segundo o que aparece testemunhado nos Evangelhos.

Apesar de Allan Kardec nunca haver utilizado o termo espiritismo cristão, no Brasil o termo foi desenvolvido, mantido e divulgado pela Federação Espírita Brasileira - FEB⁹². Expressão que descaracteriza, em princípio, as origens do espiritismo francês, mas que se revela adaptado a um país essencialmente católico:

Embora o próprio AK jamais tenha usado esta expressão, tomada de J. B. Roustaing (1865), ofereceu-lhe, no entanto, um bom fundamento para isso quando proclamou que o espiritismo é a realização das promessas de Jesus Cristo acerca do Consolador e o apresentou como "a Terceira Revelação"; e quando endossou este "aviso do além", recebido no dia 9-8-1863: 'Aproxima-se a hora em que te será necessário apresentar o espiritismo qual ele é, mostrando a todos onde se encontra a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo. Aproxima-se a hora em que, à face do céu e da terra, terás de proclamar que o espiritismo é a única tradição verdadeiramente cristã e a única instituição verdadeiramente divina e humana'⁹³.

⁹¹ Espírito orientador de Chico Xavier, popularizado por este através das diversas cartas psicografadas pelo médium e assinadas pelo espírito Emmanuel.

⁹² KLOPPENBURG, B. *Espiritismo, orientação para católicos*, p. 14.

⁹³ KLOPPENBURG, B. *Espiritismo, orientações para católicos*, p. 14. Esta citação extraída da obra do teólogo é fundamentada nas obras póstumas de Allan Kardec, 20ª ed. p. 308.

Dentro da efervescência existente no espiritismo brasileiro ao longo de sua história e consolidação, em suas diversas correntes, venceu a do espiritismo religioso, nomeadamente reconhecido como cristão. Surge o espiritismo cristão. Portanto, todo espírita brasileiro tem a consciência de ser mais um praticante de uma religião cristã⁹⁴.

A revista *Reformador*, por exemplo, traz em seu expediente o objeto de matéria do periódico como *Revista de Espiritismo Cristão*. É uma revista que trata essencialmente de temas do cristianismo à luz da Doutrina Espírita. São temas históricos, morais e espirituais corroborados na sua interpretação pelo *Evangelho segundo o Espiritismo*. Em artigo publicado no número 2.097, por exemplo, encontrar-se-á diversas vezes o termo espírita-cristão⁹⁵.

Observam-se ao menos três modalidades de inserção e desenvolvimento de elementos cristãos no espiritismo: a utilização de terminologia e escritos próprios do cristianismo, os elementos icônicos e a presença de personagens cristãos consagrados na história do cristianismo.

Nesse sentido, e como antecipação a eventuais questionamentos sobre a concretude de uma suposta autoidentificação do espiritismo brasileiro como *espiritismo cristão*, procederemos a uma retomada de três produções inseridas em publicações espíritas nacionais.

A revista *Reformador*, da Federação Espírita Brasileira - FEB, destaca eventualmente nas suas capas elementos visuais que procuram unir o escrito e o icônico do cristianismo com a sua doutrina e com Allan Kardec, este como ícone máximo do espiritismo reencarnacionista.

É comum e interessante observar, nas datas cristãs, a revista *Reformador* inserir elementos cristãos no seu visual e no seu conteúdo. É o caso do Natal, período de grande introspecção espiritual para os cristãos, que aparece mesclado com a doutrina espírita. Nesse mesmo contexto, é possível encontrar Santo Agostinho retratado como “Precursor do

⁹⁴ Cf. ARRIBAS, C.A., *Afinal, espiritismo é religião? A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira*, p. 272.

⁹⁵ REIS, Edil. O Evangelho e os ciclos evolutivos. *Reformador*, Revista de Espiritismo Cristão, Brasília, p. 27.

Espiritismo no século IV”⁹⁶ na capa da edição natalina de 2003 da referida revista (conforme Anexo A).

A capa da revista *Reformador*, de junho de 2009, também reproduz a sistemática espírita de conciliar elementos cristãos com elementos da doutrina de Kardec (conforme Anexo B). Nela, encontramos uma tênue imagem da face de Cristo ao fundo, juntamente com a passagem retirada de *Jo* 14, 6. Além destes elementos, a capa traz temas científicos, de comportamento e referências a espíritos, todos conjuntamente elaborados para formar a estética da revista.

Em outra edição da *Reformador* (2006), elementos declaradamente cristãos como o Natal (conforme Anexo C), símbolo de reconhecimento mundial inclusive pelas demais grandes religiões monoteístas, divide espaço com termos de áreas tais como a ciência (A marcha evolutiva)⁹⁷, uma temática propriamente cristã (Oração ante a Manjedoura) e uma abordagem espírita (A terapia do passe).

O cartaz ilustrado (conforme Anexo D), por sua vez, traz como elementos icônicos do cristianismo o semblante pacífico de Jesus Cristo, a pomba e o caminho. Como termos que compõem a sua elaboração encontramos: “Jesus, O caminho da verdade e da vida”⁹⁸, e inclusive a palavra “Evangelho”. Assim dispostos no cartaz, tais enunciados facilmente confundiriam um desinformado que, sob tais circunstâncias, assumiria uma postura “desarmada”⁹⁹ frente à doutrina diversa da sua. Neste caso específico, referimo-nos aos adeptos das correntes cristãs tradicionais.

O uso recorrente de nomes de santos cristãos na nomeação de centros espíritas configura outra forma de ligação do espiritismo com o cristianismo. Nomes tais como: Centro Espírita Saulo de Tarso; Centro Espírita São Miguel Arcanjo, de Belo Horizonte; Centro Espírita Santo Agostinho, de Uberlândia; João Evangelista, de Manaus; Francisco de Assis e Maria Madalena de Fortaleza; dentre tantos outros como Joana D’Arc, Vicente de Paulo,

⁹⁶ Cf. ANEXO A.

⁹⁷ Cf. ANEXO C.

⁹⁸ Cf. ANEXO C.

⁹⁹ “Desarmado”, não no sentido bélico, mas receptivo a imagem de Cristo e aos termos cristãos sem realizar, ou sem ser capaz de realizar um juízo de provável perigo para a sua fé. É um dos começos que Boaventura Kloppenburg cita, onde surge o católico espírita, por exemplo.

Santo Antônio de Pádua, Tomás de Aquino, Pedro e Paulo, João Batista e Seguidores de Cristo, além de Jesus de Nazaré. Todos constituem bons exemplos do uso de personagens essencialmente cristãos na nomeação dos centros espíritas¹⁰⁰.

Apesar da forma de canonização de um santo pela Igreja, este não se converte em uma propriedade da Igreja Católica. Antes,- e assim justificam os espíritas a utilização destes personagens em seus centros-, converte-se em um missionário de luz e representa uma fonte dessa mesma luz para toda a humanidade.

Também são comuns nas paredes interiores de um centro espírita decorações com quadros cuja iconografia retrata Jesus e/ou os santos católicos, muito parecidos com as salas de reunião de uma paróquia onde se reúnem fiéis para determinados fins comunitários.

O uso de personagens históricos do cristianismo dos primeiros séculos também oferece, segundo a literatura espírita, um suporte histórico para provar que a Igreja primitiva não repelia o ensino reencarnacionista. Os primeiros Padres, tais como São Clemente de Alexandria, São Jerônimo e, inclusive, Rufino expressavam tal doutrina como verdade tradicional a certos números de iniciados¹⁰¹.

Outro elemento essencialmente cristão que o visitante a um Centro Espírita perceberia é a oração do Pai Nosso, frequentemente utilizada antes do início dos trabalhos. A prece é praticada tanto em seu texto original, tal como encontrada nos Evangelhos, como em certas variantes do texto alterado mediante o emprego de termos essencialmente espíritas, ou poéticos, como é o caso da oração do Pai Nosso de Chico Xavier.

¹⁰⁰ Esta lista de nomes de Centros Espíritas foi elencada a partir da web página da Federação Espírita Brasileira, e posteriormente das demais federações listadas que fazem parte da FEB divididas por regiões. A nota 49 de rodapé deste trabalho alude que nas páginas finais de *O Livro dos Espíritos*, é recorrente, já naquela época, a presença de signatários personagens da história do cristianismo.

¹⁰¹ Cf. VERGAI, Campos, in: KLOPPENBURG, B. *A Reencarnação, exposição e crítica*, p. 68.

2 UMA ANÁLISE CRÍTICA: A FÉ SURGIDA NUM CONTEXTO DE ÉPOCA E A FÉ QUE PROCURA A SUA INTELIGIBILIDADE

O espiritismo de matriz kardecista, ou seja, a sistematização da doutrina da reencarnação contemporânea é fruto de uma região e de um período: a Europa do século XIX¹⁰². De semelhante modo, pode-se argumentar que o cristianismo também é resultado de um contexto, ou de uma época.

Kloppenbug cita em sua obra¹⁰³ *Espiritismo, orientação para católicos* que as ideias do reencarnacionismo contemporâneo surgiram pela primeira vez na França, entre os anos 1830 - 1848, em certos ambientes de pensamento socialista e vinculadas aos princípios do evolucionismo que agitava a Europa. Seus primeiros pensadores foram Charles Fourier e Pierre Leroux, socialistas que recorriam à ideia das múltiplas existências para assim explicar o problema das desigualdades sociais.

Em relação ao cristianismo, pode-se inclusive argumentar que diversos acontecimentos históricos anteriores a Cristo tornaram o ambiente propício ao surgimento de uma seita dentro do judaísmo. Pode-se alegar que fatores históricos contemporâneos e posteriores ao seu surgimento promoveram o seu sucesso, como a *pax romana* que tornou o ambiente propício à propagação do cristianismo¹⁰⁴.

Entretanto, espiritismo e cristianismo guardam diferenças no tocante aos processos de surgimento. O espiritismo, para sobreviver além da época de seu surgimento, teve que estagnar neste mesmo tempo, “[...] e a doutrina será sempre a mesma [...]”¹⁰⁵, confiando prematuramente nos frutos da razão científica da época:

Este século XIX é marcado pela crença cega na ciência como matriz da civilização em avanço. Kardec, mesmo com a preocupação de fazer ciência, nunca é citado como um cientista na história da ciência do século XIX. Isto, porque em seus escritos há uma mistura de vários elementos. Entretanto, Kardec promete desvendar mistérios que sempre seduziram a curiosidade humana. Fenômenos que a ciência do seu tempo não tinha explicações [...]. Com o avanço das ciências, psico, patopsico e

¹⁰² Cf. KLOPPENBURG, B. *Espiritismo, orientação para católicos*, p. 8.

¹⁰³ Ibidem, p. 50.

¹⁰⁴ Cf. JOHNSON, P. *História do Cristianismo*, 2002.

¹⁰⁵ KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. p. 50.

parapsicológicas no século XX, se pode explicar essas anormalidades dos vivos. Fica clara a suplantação do Kardecismo como teoria científica¹⁰⁶.

O espiritismo tentou responder questões para as quais não havia respostas na época e que, para uma boa parte dos espíritas, também não ofereceriam respostas no futuro. Entretanto, tomemos o exemplo do que revelou o espírito de Galileu Galilei ao médium segundo relata a obra codificada *A Gênese*, publicada em 1868. Nela, Galilei afirma que o planeta Marte não possuía satélites naturais¹⁰⁷. Em agosto de 1877, entretanto, foram descobertos dois satélites de Marte: *Fobos* e *Deimos*.

O cristianismo, ao contrário, para sobreviver teve que se desenvolver ao longo da história, numa recepção e interpretação da pedagogia divina, realizando vários fins de processo de discernimento. O espiritismo, como filho do seu tempo, dogmatizou de forma rápida elementos que surgiram numa atividade de passatempo da burguesia francesa da época.

Contagiado pelo espírito de euforia científica vivida na Europa e o positivismo filosófico que pregava uma religião da humanidade centrada na razão, o Espiritismo acabou adotando certas teorias da ciência em desenvolvimento da época, as quais viriam a ser descartadas pela mesma comunidade científica, tais como o mesmerismo ou magnetismo animal¹⁰⁸.

Já a fé cristã procura a sua inteligibilidade, pois a revelação de Deus na história não exige que se despoje da razão. Hoje, não se duvida que crer pode tranquilamente fazer parte da razão. Não se abre mão da razão enquanto se crê, do mesmo modo que enquanto se ama não se está desprovido também dela.

É medieval o termo que diz “a fé procura sua inteligibilidade”¹⁰⁹, mas a sua busca nunca foi tão contemporânea, unindo fé e intelecto numa conciliação de propósito louvável. A fé cristã não é cega. Santo Tomás de Aquino retratava a fé como uma ação: “Crer é um ato da

¹⁰⁶ SANTOS, A. A. *Antropologia Kardecista no Brasil*, p. 31.

¹⁰⁷ Cf. KARDEC, A. *A Gênese*, p. 107.

¹⁰⁸ O magnetismo animal é retratado em todas as obras base da Doutrina Espírita. Teorizada por Franz Anton Mesmer (1734 – 1815), utilizando uma base teórica que vinha acumulando desde a antiguidade, o magnetismo animal foi objeto de controvérsia na comunidade científica do século XIX. É abordada hoje como uma pseudociência.

¹⁰⁹ *Fides quaerens intellectum*, máxima da doutrina de Santo Anselmo (ca. 1033 – 1109).

inteligência humana que assente à verdade divina a mando da vontade movida por Deus através da graça”¹¹⁰.

Por outro lado, Kloppenburg já apontava que “a fonte principal dos erros doutrinários do Espiritismo está na orgulhosa pretensão racionalista de querer compreender tudo a ponto de considerar errado e falso o que supera ou transcende ao entendimento da inteligência humana”¹¹¹. Enquanto isso, a fé navega sobre um oceano de incertezas.

Paradoxalmente, enquanto os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010 apontam que os adeptos do kardecismo representam a maior porcentagem de diplomados no interior de uma religião, os seus maiores expoentes não são oriundos das ciências historiográficas, ou da filosofia, ou da antropologia, ou seja, de áreas do conhecimento que ajudam a sustentar uma doutrina tida como sistemática, inteligível. A maioria dos que estão ou estavam na vanguarda da Doutrina Espírita foram ou são advogados (Carlos Imbassahy), contabilistas (Divaldo Franco), poetas e escritores (Chico Xavier), médicos (como Bezerra de Menezes), educadores, militares e etc.

Na lista dos maiores palestrantes espíritas no Brasil há uma grande porcentagem de juristas e médicos, demonstrando ser uma doutrina na qual a justiça divina é uma projeção da justiça de tipo forense ou uma justiça que precisa ser reparada, tal qual o corpo insano com o auxílio do médico.

Poder-se-ia alegar que o cristianismo primitivo também não estava provido de doutos, mas sem o esforço intelectual do período patrístico o cristianismo não suplantaria as religiões pagãs no Império Romano, se quisermos deixar de lado o providencialismo divino. O confronto com a filosofia pagã depurou a apologia dos primeiros Padres, elevando-a a mesma altura dos que recorriam à filosofia para criticar o cristianismo¹¹².

Atrás de toda a Doutrina Espírita há uma lógica simples de causa e efeito. Paralelamente a ela, no que se refere ao homem, há uma justiça que está embasada nesta mesma causa e

¹¹⁰ Cf. SANTO TOMÁS DE AQUINO. *S. Th.* II-II, 2.9.

¹¹¹ KLOPPENBURG, B. *Material para Instruções sobre a Heresia Espírita*, p. 5.

¹¹² Cf. GILSON, E. *A Filosofia na Idade Média*, 2011.

efeito. E esta justiça é simplesmente uma justiça de caráter forense e humano. Causa e efeito, nesta abordagem simplista, pode ser lido como “se fez, deve pagar”, sem espaço para misericórdia, no que se refere ao lapso humano.

Todavia, segundo a Doutrina Espírita, esta justiça embasada na lei de causa e efeito é interpretada como a realização da própria justiça divina. Em *O Livro dos Espíritos*, por exemplo, uma frase contida no texto mostra a força desta ideia: “A pena de talião é a Justiça de Deus. É Deus quem a aplica”¹¹³.

2.1 UMA ANÁLISE DAS BASES SOCIAIS DO ESPIRITISMO NO BRASIL

A abordagem por uma visão das bases sociais do Espiritismo no Brasil procura esclarecer, mesmo de modo provisório, questões referentes a este fenômeno em território brasileiro no que tange aos aspectos relativos à sociedade e a sua opção religiosa.

A atenção dada pelo recorte espacial é importante devido ao número expressivo de adeptos brasileiros e também pela facilidade de promover um estudo neste território, considerada a heterogeneidade de correntes espíritas existente na América Latina.

Uma doutrina, segundo conceito da sistemática antropológica, constitui uma racionalização da experiência religiosa, de onde se depreende que a escolha de uma determinada doutrina e não outra pode corresponder a certas condições sociais, políticas, psicológicas e culturais. Fatores de consideração necessária, respeitando-se os limites individuais dentro de uma sociedade.

Como ponto de partida desta abordagem, consideremos duas questões inaugurais que podem auxiliar na busca de respostas por este fenômeno religioso¹¹⁴: O que moveria uma pessoa racional e livre,- e neste caso, o brasileiro-, a escolher uma determinada expressão

¹¹³ KARDEC, A. *O livro dos Espíritos*, p. 345.

¹¹⁴ Cf. DUARTE, Celso. Espiritismo na Argentina e propondo diálogo. in: *Espiritismo e Espiritualismo: desafios para a Igreja na América Latina*, p. 59.

religiosa? E quais elementos objetivos e descritivos possui determinada expressão religiosa para que, em certas circunstâncias históricas, se mostre aceitável a determinado grupo social?

No Brasil, o espiritismo desembarcou na década de 1850 através da homeopatia francesa e, por mais duas décadas, seguiu desenvolvendo-se na Bahia. Diferentemente da França, não surgiu apenas pelo assombroso fenômeno das mesas girantes, mas pelas ideias já sistematizadas nos primeiros livros sobre o tema¹¹⁵.

Antes mesmo da primeira sessão espírita autêntica no Brasil, o fenômeno das “mesas girantes” já se manifestava em solo brasileiro. É notável, pela análise cronológica dos fatos, que as mesas no Brasil somente começaram a animar-se depois do conhecimento das mesas girantes na Europa:

No dia 14 de junho de 1853, o jornal do Comércio do Rio de Janeiro publica, pela primeira vez, matéria enviada pelo Dr. José da Gama e Castro, seu correspondente em Berlim, comentando os fenômenos das mesas girantes. As ‘Mesas girantes’ no Brasil, já dançavam em dezembro de 1854. Foi aí que Kardec se encontrou pela primeira vez com o estranho fenômeno das mesas¹¹⁶.

O primeiro núcleo espírita organizado e ativo teve como sede o estado da Bahia, já na década de 1860, e se desenvolveu sob a liderança do então jornalista Teles de Menezes (1828-1893), pioneiro na realização da primeira sessão propriamente espírita, em 17 de setembro de 1865. O *Anjo de Deus*¹¹⁷, através de uma carta psicografada, abriu as portas para o Espiritismo kardecista no Brasil.

A partir de então, a doutrina começou a se difundir pelo país, sustentada pela divulgação de um periódico: *Echo d'Além Túmulo*. Fundado pelo próprio Teles, o jornal contava inclusive com circulação internacional. O Brasil estava se inserindo no cenário espírita internacional e chamando a atenção dos principais personagens da doutrina.

¹¹⁵ Cf. SANTOS, J. L. *Espiritismo, uma religião brasileira*, p. 11. A questão referente a homeopatia não possui relação histórica específica. Surgiu em épocas e contextos diferentes. Acontece que o sistematizador da homeopatia, o alemão Samuel Hahnemann (1745-1843), é associado, além túmulo, segundo Kardec, a seu colaborador nas codificações das obras tais como, *O evangelho segundo o espiritismo* e *Obras póstumas*.

¹¹⁶ SANTOS, A. A. *Antropologia Kardecista no Brasil*, p. 16.

¹¹⁷ A primeira carta psicografada no Brasil foi assinada pelo espírito identificado como sendo o Anjo de Deus.

Os rumos do Espiritismo no Brasil seguiram sob o comando na Federação Espírita Brasileira – FEB e do médico Bezerra de Menezes, entre 1895 e 1900. Foi um período importante para a doutrina, pois foi o momento de “sedimentação de características do espiritismo no Brasil¹¹⁸”.

Entretanto, não foi possível evitar as dissensões internas. O próprio Bezerra de Menezes, adepto da corrente rústianista¹¹⁹ e criticado pelos kardecistas, teve o cuidado de manter abertas as portas da Federação às diversas tendências existentes até então. O espiritismo da época teve como característica a identidade de um movimento religioso de conotação profundamente cristã, inclusive apresentando-se como o seu aprofundamento.

Pode-se observar que, apesar da vitória da identidade religiosa na organização do espiritismo no Brasil, não se observa uma extinção da especulação científica por parte dos espíritas. Estes defendiam como objeto de pesquisa, tal como as outras ciências constituídas, o caráter objetivo da realidade do mundo dos espíritos e assim tentavam, como ainda tentam, apresentar-se à comunidade em que estão inseridos.

Essa apresentação de caráter científico, por dentro da identidade religiosa do espiritismo, facilitou sua penetração em setores sociais que possuem uma educação formal acadêmica ligada a sua profissionalização. Isto pode explicar os dados do censo de 2010 do IBGE que apresenta a religião espírita, de matriz kardecista, com o maior número de adeptos com curso superior. Número que supera os 35%.

O fator assistencialista, com ênfase na caridade e intimamente ligado às questões de “progresso do espírito encarnado”, foi predominante na aceitação da doutrina espírita por parte dos setores sociais mencionados no parágrafo anterior. A constituição de albergues, asilos, orfanatos e, inclusive, hospitais preencheram o vazio assistencial deixado pelo Estado e auxiliaram o movimento espírita a atuar numa esfera em que o catolicismo até então era hegemônico¹²⁰.

¹¹⁸ SANTOS, J. L. *Espiritismo, uma religião brasileira*, p. 27.

¹¹⁹ Corrente iniciada pelo espírita francês Jean-Baptiste Roustaing (1805 – 1879), ao qual defendia a inexistência do corpo físico de Jesus e a regressão nas reencarnações em organismos inferiores.

¹²⁰ Cf. SANTOS, J. L. *Espiritismo, uma religião brasileira*, p. 31.

Historicamente, a difusão do movimento espírita no Brasil se deve à classe média e a certas elites. Entretanto, esta presença espírita restrita perdurou por pouco tempo. O objetivo era, desde o início, divulgar a doutrina a todos os setores alfabetizados da sociedade, o que terminou por atrelar sua difusão à expansão da educação formal no Brasil:

A codificação espírita penetrou no país por intermédio das elites da sociedade, e o vínculo com os setores dominantes foi cativado e mantido desde então. Essa associação, não poucas vezes, foi importante para o movimento e ajudou-o a sobreviver e crescer no Brasil¹²¹.

Juntamente com a educação formal, onde a possibilidade de ampliar seus horizontes sociais era uma ferramenta de consolidação do movimento, a atividade de cura promovida pelos centros espíritas foi se tornando conhecida das classes mais humildes. Este conhecimento atingiu, inclusive, os analfabetos e os que não tinham acesso aos livros e à educação formal.

Portanto, o recrutamento de seus adeptos acontecia neste contexto. Mediante os primeiros contatos com a doutrina, seja por leituras e/ou palestras, o público se identificava com os valores doutrinários e acabava participando com maior afinco das atividades e das práticas da leitura. Desse modo, o recém-chegado era valorizado e convidado a desenvolver suas habilidades mediúnicas, até então latentes.

Porém, de modo ordinário, as classes mais humildes tinham uma relação mais de clientela a ser assistida nos centros espíritas e nas instituições assistenciais por eles mantidas¹²². Era como um garimpo procurando pedras preciosas, não um fenômeno de captação das massas.

Em relação ao novo adepto, podem-se fazer algumas conjecturas. Oriundo do cristianismo clássico, seja católico ou protestante, esse novo adepto seria aquele fiel que não obteve seu espaço no seio da antiga comunidade, seja por motivos de comportamento introspectivo, vaidade não alimentada, excesso religioso não condizente com um leigo, ou por não ser atendido no que tange às questões existenciais.

¹²¹ Cf. SANTOS, J. L. *Espiritismo, uma religião brasileira*, p. 80.

¹²² *Ibidem*, p. 80.

A especulação informal e a ausência de uma educação crítica no que se refere a fundamentos são também motivos para o cristão acabar se encontrando na doutrina espírita. Muitos que se dizem cristãos, no sentido eclesial do termo, possuem na sua estante uma obra da literatura espírita.

Não são propriamente as obras básicas do Espiritismo, mas publicações paralelas¹²³ que possuem no seu enredo uma doutrina espírita pulverizada. Nessa categoria se acham as novelas de cunho espírita que se tornaram *best sellers* brasileiros ou textos de autoajuda com conotação reencarnacionista como *Vencendo o Passado*, de Zibia Gasparetto¹²⁴.

O comportamento de um indivíduo ou grupo, no seu cotidiano, é muitas vezes condicionado por um entendimento escatológico particular ou coletivo. Nesse sentido, a reencarnação é uma resposta aparentemente simples para questões que transcendem o imediato e o material. O entendimento humano do futuro Juízo de Deus, por exemplo, confere importância ao seu comportamento presente e fundamenta a sua responsabilidade ética¹²⁵.

Um *jihadista* moderno, por exemplo, possui uma atitude hostil em relação ao comportamento ocidental. Hostilidade escatologicamente fundamentada em um tipo particular de interpretação do Alcorão. A sua leitura, guiada por determinada corrente, justificaria os seus atos violentos.

Por fim, uma leitura de cunho sociológico pode identificar a Doutrina Espírita como pertencente a uma classe social. José Luiz dos Santos identifica que as ideias de evolução, mesmo que lentas e sem retrocessos dentro do pensamento espírita, agradam a uma camada social espremida entre a população pobre e a classe dominante¹²⁶. Estrato social que se caracteriza por uma maior insegurança em relação ao futuro, pois tanto as classes

¹²³ Esse parágrafo está baseado em dados observados pelo autor da dissertação na sua comunidade e em testemunhos de outros que se inserem no quadro relatado. Em obra já citada, Renold Blanck afirma que mais de 20% dos cristãos suíços acreditam na reencarnação. O dado de Blanck nos induz a otimizar as projeções para o cenário nacional, sobretudo se levarmos em conta a grande diversidade religiosa brasileira, quando comparada à realidade suíça.

¹²⁴ Zibia Gasparetto, escritora espírita, autora de diversos *best sellers* de autoajuda. Vendeu mais de 15 milhões de livros.

¹²⁵ Cf. BOFF, C. M. *Escatologia, breve tratado teológico-pastoral*, 2012.

¹²⁶ Cf. SANTOS, J.L. *op. cit.*, p. 81.

dominantes como as mais humildes sempre foram mais resolvidas nos seus aspectos religiosos.

José Luiz dos Santos pondera ainda que as ideias de evolução também se fazem presentes dentro da classe dominante e que a classe média está constituída de várias tendências religiosas. Mesmo as camadas mais pobres e necessitadas que atuam como clientelas do assistencialismo espírita, continua o autor, estão de certo modo alheias às ideias do espiritismo enquanto se mantêm ligadas a formas de religiosidade tradicional, como o cristianismo. Dentre estas, são as denominações de orientação pentecostal ou neopentecostal que se mostram mais blindadas às influências do espiritismo, sobretudo devido à explícita demonização deste no âmbito de seus cultos.

Diante da especulação social apresentada, não se poderia deixar de lado o fator da mídia televisiva, que teve papel crucial para a expansão do pensamento espírita. Pode-se afirmar, sem prejuízo, que a primeira grande divulgação pela mídia televisiva do espiritismo no Brasil se deu no Programa Pinga Fogo da extinta TV Tupi¹²⁷, em julho de 1971.

Na ocasião, Chico Xavier esteve por três horas na programação ao vivo para responder, com sua tradicional habilidade e gentileza, as diversas questões formuladas pelos entrevistadores. A participação, que estava inicialmente prevista para durar uma hora, alcançou a histórica marca de 75 pontos de audiência. O fato revela, entre outras coisas, a curiosidade do brasileiro ante o assombroso.

A mídia televisiva, ciente deste panorama e em sintonia com as conclusões do IBGE, aproveita para ampliar sua audiência aumentando, a cada ano, a produção de filmes e telenovelas com temas espíritas. Novelas da Rede Globo como *Além do Tempo* (2015), *Alto Astral* (2014), *Joia Rara* (2013), *O Astro* (2012), *Escrito nas Estrelas* (2010), *A Cura* (2010), *Alma Gêmea* (2006), *Anjo de Mim* (1996) e *A Viagem* (1994),¹²⁸ além de outros programas, apresentam como característica o tema da reencarnação e/ou mediunidade na trama.

¹²⁷ MATEUS, L.; MEIRELES, M. Chico Xavier e a Alma do Brasil. *Revista Época*. Rio de Janeiro, 2010.

¹²⁸ Dados coletados da Memória Globo, da Rede Globo de Televisão. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas.htm>> Acessado conforme referências bibliográficas.

Além do Brasil, hoje a teoria da reencarnação é amplamente difundida pelo mundo. Segundo estudos publicados por diversos países europeus, 23% dos católicos, 21% dos protestantes e 12% dos não crentes acreditam na reencarnação¹²⁹, divididos pelas diversas faixas etárias.

2.2 UMA ANÁLISE CRÍTICA: OS ALEGADOS FATORES HISTÓRICOS E NEOTESTAMENTÁRIOS EM PROL DO ESPIRITISMO REENCARNACIONISTA

A Doutrina Espírita, além da revelação dos espíritos, tem suas ligações históricas constituídas a partir da escrita rebuscada de seus textos apologéticos e da oratória de seus pensadores, comparável a de Cícero. Em se tratando de justificar um possível espiritismo cristão, as ligações se acham baseadas nas Sagradas Escrituras, com uma interpretação singular, sem levar em conta as mais variadas escolas hermenêuticas.

A História como ciência é uma faca de dois gumes. Para aqueles que procuram buscar os fundamentos que abonam determinado *status quo*, vivenciado por certa parcela de indivíduos no passado, corre-se o risco de o mesmo passado testemunhar contra os mesmos fundamentos buscados.

É recorrente na literatura de diversos segmentos a utilização deste recurso, o qual muitas vezes é sutilmente adaptado para acomodar determinada ideologia. Foi assim com as repúblicas frente às monarquias e destas frente às repúblicas, bem como nos diversos confrontos de classe e suas revoluções. Não seria diferente dentro das religiões.

2.2.1 Os alegados fatores históricos

Em algumas obras de Boaventura Kloppenburg, é recorrente que seu método crítico inclua o auxílio ao objeto de suas críticas mediante uma exposição de argumentos pró e contra determinado tema dentro do espiritismo. Portanto, assim como os espíritas mobilizam

¹²⁹ Cf. KLOPPENBURG, B. A Irrepetibilidade e unicidade da vida humana: o problema da reencarnação. *Teocomunicações*, p. 335.

fatores históricos em defesa de sua doutrina, Kloppenburg faz uso do “argumento histórico”¹³⁰.

Nesta subseção, além do apoio dos escritos de Kloppenburg, serão utilizadas outras fontes que condensam tanto os argumentos pró quanto os argumentos contra. Em sequência, ocorrerá a sua análise crítica à luz da historiografia revista academicamente e amplamente aceita na comunidade dos historiadores¹³¹.

Entretanto, é salutar discorrer sobre um ponto antes de adentrar nesta subseção. Paul Johnson, na introdução de *História do Cristianismo*, salienta que um cristão com fé nada deve temer diante dos fatos expostos. Não haveria razão de ser diferente para um pesquisador espírita.

Qualquer limite que este historiador estabelecer para o seu campo de investigação, na verdade, estará também admitindo os limites da sua fé. Para a historiografia espírita, espera-se que haja o mesmo pensamento. Para o cristão, deve haver mais liberdade do que para o não cristão, pois o segundo já se acha comprometido com a rejeição ao cristianismo.

Conforme a afirmação dos historiadores espíritas, a reencarnação teria sido, desde a antiguidade, ensino comum entre todos os povos, pois “ensinando o dogma da pluralidade das existências corporais, os Espíritos renovam uma doutrina que teve origem nas primeiras idades do mundo e que se conservou no íntimo de muitas pessoas, até os nossos dias”¹³².

No Egito, por exemplo, a obra *Depois da Morte* de León Denys apresenta um excerto do *Livro dos Mortos* egípcio, texto que faz alusão aos múltiplos renascimentos. O fragmento

¹³⁰ Cf. KLOPPENBURG, B. *A Reencarnação, exposição e crítica*, p. 37.

¹³¹ É importante esta pequena introdução. Sua finalidade é estabelecer que a remissão a historiadores, por parte do autor da dissertação, é aquela que se faz aos profissionais da ciência historiográfica, uma vez que a maior parte dos alegados fatores históricos em prol do espiritismo foi, conforme literatura existente, elaborada por profissionais liberais alheios à formação acadêmica. Como consequência, temos a inexistência ou a precária existência de fontes nas suas alegadas afirmações. É recorrente o uso de autores que remetem a outros autores que também não possuem a rigorosa formação em História, promovendo um círculo vicioso em relação à autoridade da fonte.

¹³² KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, p. 143.

possui uma nota do autor que escreve que tal passagem é o “apelo aos iniciados, segundo o Livro dos Mortos”¹³³:

Oh! Alma cega, arma-te com o estandarte dos mistérios e, na noite terrestre, descobrirás teu duplo luminoso, tua alma celeste. Segue este guia divino e que ele seja teu gênio, pois ele tem a chave das tuas existências passadas e futuras!¹³⁴

Seria arbitrário e careceria de fundamentos históricos afirmar que a doutrina da reencarnação era comum no Egito antigo. A citação acima, por exemplo, não deixa isso claro no *Livro dos Mortos* que, aliás, era um livro utilizado como um guia para a outra vida, em forma definitiva. No Egito antigo não havia a possibilidade de reparar os erros em sucessivas vidas.

O faraó Akhenaton¹³⁵, por exemplo, contrariando as tradições da religião até então em vigor, teve várias imagens destruídas após a sua morte por ordem dos sacerdotes do antigo culto. Ação fundada na crença de que, assim, estariam punindo o próprio faraó no além e de forma definitiva.

Em relação aos judeus, a discussão sobre o assunto só foi registrada no século IX¹³⁶ e de forma negativa. Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, assim como em obras paralelas, a afirmação de que já existiria entre os judeus, principalmente os da antiguidade, uma crença na reencarnação¹³⁷ constitui uma tese infundada, reiteradamente repetida para fundamentar historicamente a Doutrina.

Saadia ben Josef de Fayyum, conhecido como o Saadia Gaon (892 – 943) escreve que o *gilgul*¹³⁸ não é elemento da doutrina judaica, mas algo estranho a ela, o que evidencia a novidade do tema nos meios judaicos. Este é o primeiro relato sobre o tema registrado entre os judeus.

¹³³ DENYS, Léon. *Depois da morte*, p. 47.

¹³⁴ *Ibidem*,

¹³⁵ Faraó Amenhotep IV, da XVIII dinastia que reinou aprox. por dezessete anos, até a sua morte em 1336 ou 1334 a.C. Introduziu o culto ao deus Aton, figurando um caráter monoteísta a religião.

¹³⁶ Cf. RABINO Shalom Ber (sic) Gourarie in: *Kabala e Reencarnação e Ressurreição (Video)*, Canal Rabino Intelectual Shalom Ber Gourarie. O autor do estudo quer fazer um rápido passeio introdutório de forma histórica pelo assunto até o século XIX, sem ater-se, com prejuízo, a exatidões históricas secundárias.

¹³⁷ Cf. KARDEC, A. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, p. 68.

¹³⁸ Isto é: reencarnação, no hebraico.

Somente no século XVI com Isaac Luria, há o primeiro sistema escrito sobre o tema das múltiplas vidas: o *Shaar Haguilgulim* ou *Portão das Reencarnações*, sistematicamente utilizado no chassidismo a partir do século XVIII¹³⁹. Até o século III a.C., a questão da vida além túmulo ou a possibilidade de outras vidas sequer eram objeto de especulação metódica ou de uma preocupação que mobilizasse as atividades intelectuais.

A Palestina, no período que compreende o primeiro século da era cristã, estava tomada de um pensamento político e religioso com conotações apocalípticas. A presença de um invasor estrangeiro gerava um clima de tensão constante e praticamente todos os judeus da época acreditavam em uma solução messiânica¹⁴⁰.

A ressurreição, como escrita nos *Macabeus*, era uma ideia constante na mentalidade judaica da época, sobretudo por invocar a história da resistência contra os invasores selêucidas, motivo para ser citada diversas vezes no Novo Testamento: Jo 10,22-23; Ap 6,10; Gal 1,4; I Tm 2,6; Tt 2,14; Hb 11,35; At 2,1 e I Cor 16,8.

Ainda no mundo judaico, mas de modo disperso, identificamos que os maiores nomes do judaísmo sempre escreveram o oposto dos princípios propostos pelo espiritismo, o que vai de encontro à tese espírita de que a reencarnação sempre fora, desde a antiguidade, doutrina dominante no judaísmo.

O mesmo Saadia ben Josef de Fayyum teve como pensamento predominante o combate à doutrina platônica da preexistência da alma, à qual considerava criada por Deus juntamente com o corpo¹⁴¹. Este último, unido substancialmente à alma que, após a morte, sofreria uma dormição até a ressurreição no último dia, além dos juízos.

Moisés Maimônides (1135 – 1204), um dos mais célebres pensadores judeus do período escolástico medieval, expôs no seu *Tratado sobre a Ressurreição* a questão da vida após a

¹³⁹ Cf. RABINO Shalom Ber Gourarie in: *Kabala e Reencarnação e Ressurreição (Video)*, Canal Rabino Intelectual Shalom Ber Gourarie.

¹⁴⁰ Cf. JOHNSON, P. *História do Cristianismo*, p. 30.

¹⁴¹ Cf. GILSON, E. *A Filosofia na Idade Média*, p. 455.

morte. Dentre as questões que dominavam o contexto de disputas intelectuais dos judeus da época estava, precisamente, o debate sobre como se daria esta ressurreição.

Maimônides afirmava primeiramente que a ressurreição seria um dos treze princípios fundamentais da fé judaica. Sustentava que após a ressurreição, com as almas reinvestidas nos corpos, haveria outro estágio final, isento de matéria¹⁴²: o Mundo Vindouro. Quando questionado sobre a uma interpretação alegórica das escrituras, o autor responde:

Respondemos a sua pergunta e explicamos a eles que a ressurreição dos mortos é um princípio fundamental da torá, e é o retorno da alma ao corpo, que não deve ser explicado alegoricamente, mas aceito literalmente; e que a vida no Mundo Vindouro – depois da ressurreição dos mortos – é como afirmado no tratado *Chelek* e julgamos que isto seria suficiente¹⁴³.

Em contrapartida, Rabi Nachmânides (1194 – 1270), pensador de uma geração posterior a Maimônides, destoa no que se refere à imaterialidade do Mundo Vindouro. Para Nachmânides, a vida eterna após a ressurreição será neste mundo físico, material¹⁴⁴. São diferentes notas escatológicas que em momento algum apontam para as múltiplas vidas.

Estes são traços puramente judaicos, presentes no pensamento dos sábios da doutrina, ou seja, comum entre eles. Há variações características de uma originalidade intelectual própria, mas mantendo sempre o caráter hilemórfico do homem, o que contraria o espiritismo reencarnacionista.

O Chassidismo, variante do judaísmo moderno, admite as reencarnações, mas como um meio para se chegar a um fim escatológico. Já a ressurreição, para o mesmo Chassidismo, é o fim escatológico por excelência, a premiação do fiel com a entrada na eternidade¹⁴⁵.

Além do judaísmo, também o islamismo bebe desta mesma fonte escatológica. Disto testemunham os elementos filosóficos fundantes de sua apologética expressos na obra de seus sábios medievais.

¹⁴² Cf. MAIMÔNIDES. *Tratado sobre a ressurreição*, 1994.

¹⁴³ *Ibidem*, p.28.

¹⁴⁴ *Ibidem*, 1994.

¹⁴⁵ Cf. ASTOR, Yaacov. *Mashiach e a Ressurreição*. In: *Mashiach*, Associação Israelita de Beneficência Beit Chabad do Brasi, São Paulo, [200?].

Portanto, o mundo islâmico também não admite a ideia da reencarnação. A civilização islâmica, surgida no final do século VII e início do século VIII, compreende hoje mais de 1,6 bilhões de adeptos distribuídos pelo mundo em várias vertentes. Nenhuma delas, reencarnacionista.

Por outro lado, como já fora explicitado, é recorrente a utilização, pelos espíritas, de personagens históricos consagrados na literatura cristã. O uso arbitrário de tais personagens pelo espiritismo é uma tentativa de fundamentar uma conexão da doutrina reencarnacionista com a Igreja primitiva. E mais, embasar que “aquela igreja” não repelia o ensino das múltiplas vidas.

Na sua obra *O Espiritismo no Brasil*, Kloppenburg, depois de esmiuçar a visão espírita em relação ao desenvolvimento histórico do cristianismo, escreve com sua peculiar ironia:

Embora bastante ignorantes – assim a explicação espírita – e sem terem compreendido a fundo os ensinamentos de Jesus, os Apóstolos e os cristãos dos primeiros tempos de Cristianismo se conservaram relativamente fiéis às diretrizes de Jesus. O Cristianismo primitivo era, segundo eles, uma perfeita comunidade espírita e as reuniões dos primeiros cristãos puríssimas sessões espíritas¹⁴⁶.

Para o Espiritismo e seus historiadores o verdadeiro cristianismo teria sido deturpado desde a era apostólica; de forma dolosa por alguns e por ignorância por outros. Diante de uma simples análise das afirmações reencarnacionistas em relação a este parágrafo, uma superficialidade se torna evidente. Imprecisão que se atribui, sobretudo, à ausência de rigor científico no método, quando houver algum [método].

Por exemplo, Santo Agostinho, um dos maiores expoentes do cristianismo e ferrenho defensor da ortodoxia, é para os espíritas “[...] um dos maiores vulgarizadores do espiritismo na antiguidade. Manifestam-no quase por toda parte”¹⁴⁷. A questão é saber onde, em qual fonte, documento ou evidência aceita academicamente eles embasam tal afirmação.

¹⁴⁶ KLOPPENBURG, B. *O Espiritismo no Brasil, orientação para católicos*, p. 378.

¹⁴⁷ KARDEC, A. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, p. 48.

Inseridas no contexto das primeiras comunidades cristãs, as expressões literárias com viés doutrinário tiveram seus pensamentos e categorias retirados do que já existia dentro de uma variada gama de conceitos judaicos. Outras correntes fora do judaísmo também contribuíram para o enriquecimento intelectual do cristianismo.

No decurso da história do cristianismo, o estoicismo contribuiu para o seu enriquecimento, mas foi o platonismo que deu o primeiro *start* considerável em relação a conflitos internos que viriam a depurar a doutrina cristã, a exemplo da gnose. A filosofia aparece para os cristãos como questão ante a qual se deve tomar posição, seja para condená-la, seja para absorvê-la na nova religião¹⁴⁸.

As bibliotecas, com suas mais variadas obras consagradas, estão à disposição para as pesquisas de quaisquer adeptos de uma religião. Com boa vontade e método, pode se verificar a inexatidão de qualquer afirmação que tenta sustentar que a Igreja primitiva acreditava no reencarnacionismo.

O diálogo sobre a história deve ser rigorosamente arbitrado na academia, sob o perigo de se realizar uma pseudo-história, ou seja, de não seguir as convenções historiográficas e o método histórico¹⁴⁹. A consequência da falta de rigor pelos espíritas em relação à história do cristianismo é semelhante àquela que fomenta literaturas que afirmam a inexistência do holocausto¹⁵⁰ e que terminam solicitando uma revisão da história ou alimentando supremacias étnicas.

No curto reinado da Deusa Razão na República Francesa do final do século XVIII, a religiosidade tradicional institucionalizada ficou suspensa. Uma comunidade que não exerce seus conceitos religiosos por coerção procura um substituto para manter o equilíbrio

¹⁴⁸ Cf. GILSON, E. *A filosofia na Idade Média*, p. 1-3.

¹⁴⁹ Cf. Carroll, R. T. Pseudohistory. (verbetes). In: Pseudohistory (verbetes). In: *The Skeptic's Dictionary: A collection of Strange Beliefs, Amusing Deceptions, and Dangerous Delusion*, n.p.

¹⁵⁰ O revisionismo do holocausto tem no historiador militar britânico David Irving (1938) o seu maior expoente. Foi desacreditado como historiador por ter utilizado diversas vezes falsos documentos históricos como ponto de partida de pesquisa, apesar do reconhecimento internacional que tem sobre a Alemanha Nazista.

psíquico¹⁵¹. Com o império napoleônico, a reconciliação com a Igreja veio, porém uma onda de estudos sobre o ocultismo atuava paralelamente em algumas elites europeias.

A Revolução Francesa, prenúncio de um domínio da razão, continuou a exercer certa influência durante o século XIX para além do campo político. “A reação surgiu igualmente como uma onda de romantismo na literatura, nas artes e na vida em geral”¹⁵². Em decorrência destas reações, intensificou-se o interesse pelos assuntos além do sensível. Enquanto isso, do outro lado do oceano, é desencadeada nos Estados Unidos a polêmica em torno das irmãs Fox.

É curioso e salutar lembrar que somente em decorrência dos supostos fenômenos em torno das irmãs Fox é que, dez anos depois, mais de treze mil americanos testemunharam aparições de espíritos. Pode-se fazer um paralelo com os fenômenos OVNIS¹⁵³, que somente foram desencadeados com o surgimento dos aeroplanos do início do século XX. Ninguém vê o que não se pode imaginar.

Paralelamente, discutia-se na Europa a formação do cosmos e a origem da vida. Duas facções de cientistas reivindicavam sua base de pesquisa: os materialistas, que afirmavam que no início havia somente a matéria; e os espiritualistas que, contrariando os primeiros, diziam que no início era o espírito.

Johann Friedrich Zoellner (1834-1882), matemático e físico, procurava provar a existência da quarta dimensão, a dos espíritos¹⁵⁴. Enquanto isto, Augusto Comte publicava o seu *Curso de Filosofia Positiva* e Charles Darwin, *A Origem das Espécies*.

Dentro de uma análise histórica, pode-se visualizar o contexto fértil dentro de um espaço geográfico e um recorte temporal próprio para o surgimento da Doutrina Espírita. Fatores históricos e sociais mostram-se hipóteses mais do que prováveis para explicar o surgimento do espiritismo na Europa do século XIX:

¹⁵¹ Cf. DOUCET, F. W., *O Livro de Ouro das Ciências Ocultas*, pp. 38 – 305. Apesar do sugestivo nome da obra, o autor é renomado nos estudos das diversas manifestações religiosas pelos tempos. Foi discípulo de Carl Gustav Jung e é lembrado dentro do campo dos polêmicos estudos de parapsicologia.

¹⁵² DOUCET, F.W., *op. cit.*, p. 304.

¹⁵³ Objeto Voador Não Identificado.

¹⁵⁴ *Ibidem*, p. 306.

A Europa vivia um clima de urbanização, de modernidade, de grandes transformações e efervescência social. É nesse contexto histórico que surge o espiritismo, profundamente marcado pelas características centrais que assinalavam a segunda metade do século XIX, ou seja, as idéias de evolução, de progresso, de objetividade, de cientificidade e de transformação social [...]¹⁵⁵.

O espiritismo acabou firmando-se no continente europeu na segunda metade do século XIX devido a um discurso que procurava harmonizar os valores que estavam em voga na época. Valores que remontam ao período que se seguiu à Revolução Francesa, tais como o cientificismo, a racionalização e a laicização da sociedade.

O positivismo que dava os seus primeiros ensaios também contribuiu para a formação do contexto. O espiritismo afirmava que sua Doutrina era como um positivismo aplicado às questões transcendentais¹⁵⁶.

A efervescência do século XIX, somada aos avanços das ciências em seus mais variados campos, viu também crescer o interesse de europeus e americanos pelo fenômeno assombroso. O fenômeno das mesas girantes, antes desenvolvido por mágicos mediante retorno pecuniário, adquirira agora um cunho espiritualista. Em outras palavras, o fenômeno assombroso passa de entretenimento da burguesia a evento catalisador e precursor do kardecismo.

2.2.2 Os alegados fatores do Novo Testamento

As Sagradas Escrituras são um repositório de fé comum a toda a cristandade, independentemente de suas características históricas ou de notas teológicas. Para todas as correntes cristãs, as Sagradas Escrituras são divinamente inspiradas. Paradoxalmente, apesar de se autodenominarem cristãos, os espíritas negam qualquer inspiração divina existente no conteúdo das Escrituras.

A obra de Boaventura Kloppenburg desempenha um papel significativo nas reflexões em torno da questão das Escrituras frente ao Kardecismo. No capítulo do livro *A Reencarnação*,

¹⁵⁵ GIL, M. F. A inserção do espiritismo no universo cultural europeu: uma análise panorâmica. *Revista Brasileira de História das Religiões*, p. 194.

¹⁵⁶ Cf. GIL, M. F. *op. cit.*, 2010.

exposição e crítica, que trata do argumento cristão¹⁵⁷, Kloppenburg aponta as alegadas passagens das Escrituras utilizadas pelos espíritas para fundamentar o caráter cristão de sua Doutrina.

Boaventura parte do ponto onde Kardec, em *O Livro dos Espíritos*, afirma que “o princípio da reencarnação ressalta de muitas passagens das Escrituras, achando-se especialmente formulado, de modo explícito, no Evangelho”¹⁵⁸. Kloppenburg, através de sua metodologia, aponta as devidas passagens e faz uma análise crítica ressaltando a arbitrariedade da interpretação espírita. Em relação ao Antigo Testamento, Alan Kardec retrata Deus da mesma maneira como Marcião¹⁵⁹ o retratara. São os chamados escritos da morada do Deus mesquinho e meticuloso.

O espiritismo que postula uma identidade com a Igreja primitiva não leva em conta que as primeiras comunidades cristãs sempre professaram ser a verdadeira sucessora do Antigo Testamento. Consideravam a história da Antiga Aliança como a sua própria pré-história¹⁶⁰.

Somente com um olhar teológico é que a riqueza das Escrituras se desvela dentro da pedagogia divina. Os acontecimentos são historicamente processuais e tem por cume a paixão, morte e ressurreição de Cristo. As Escrituras foram escritas em três línguas por mais de quarenta autores, das mais diversas profissões, em um período de aproximadamente mil e seiscentos anos e cada livro apresenta uma carga contextual condizente com a época da inspiração¹⁶¹.

Com a negação do valor de *escritos inspirados divinamente*, os espíritas acrescentam que Jesus nada deixou por escrito. Assim sendo, sustentam que a composição dos textos do Novo Testamento, principalmente no que tange aos Evangelhos, suscita dúvidas sobre a fidedignidade da narrativa bíblica à realidade dos fatos. O espiritismo parte da dúvida, não da

¹⁵⁷ Cf. KLOPPENBURG, B. *Reencarnação, exposição e crítica*, p. 46.

¹⁵⁸ KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, p. 151. Na obra de Boaventura Kloppenburg, *Reencarnação, exposição e crítica*, a mesma citação encontra-se na página 46.

¹⁵⁹ Marcião de Sinope (c. 85 - 160). Heresiarca cuja teologia, o marcionismo, propunha dois deuses distintos, um do Antigo Testamento, outro do Novo Testamento, o de Amor.

¹⁶⁰ Cf. RAHNER, K. *Escritura e Teologia* (verbete). In: FRIES, H. (Org.) *Dicionário de Teologia, Conceitos fundamentais da teologia atual*, p. 74.

¹⁶¹ Cf. JOHNSON, P. *História do Cristianismo*, 2002.

fé, à medida que nutre a desconfiança de que o tempo e a subjetividade de cada autor teriam influenciado e modificado os ensinamentos do Mestre.

Apesar da dúvida, o espiritismo se autointitula portador da chave que desvenda os escritos sagrados, pois acredita que os Evangelhos são ininteligíveis para a grande maioria dos seus leitores. Esquece que a Bíblia é o conjunto de textos mais difundido, comercializado e lido no mundo, sendo a distância inconcebível entre qualquer outra obra e a Bíblia. Fenômeno no mínimo estranho, caso não fosse inteligível seu conteúdo:

Muitos pontos dos Evangelhos, da *Bíblia* e dos autores sacros em geral por si sós são ininteligíveis, parecendo alguns até irracionais, por falta da chave que faculte se lhes apreenda o verdadeiro sentido. Essa chave está completa no Espiritismo, como já o puderam reconhecer os que o têm estudado seriamente e como todos, mais tarde, ainda melhor o reconhecerão¹⁶².

Procurar dados fundantes pró reencarnacionismo nos Evangelhos seria um malabarismo histórico devido, sobretudo, a um problema na premissa adotada pelos espíritas. Suas especulações partem de uma premissa que já se acha fadada à nulidade desde sua origem, conforme já fora tratado em subseção anterior que abordou os aspectos históricos envolvidos: a de que os judeus acreditavam na reencarnação no período em questão:

A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição*. Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo¹⁶³.

Uma vez derrubada esta premissa histórica, toda a especulação espírita em torno das Escrituras cairia por terra. Entretanto, em um movimento estranho no que se refere a qualquer hermenêutica, os espíritas realizam a arbitrária interpolação de um dado que funciona como um salto para acomodar outro, ou seja, afirmam que quando os judeus falavam em ressurreição, referiam-se na verdade à reencarnação¹⁶⁴.

No tocante aos aspectos interpretativos das passagens bíblicas, o espiritismo também necessita fazer malabarismos interpretativos para acessar aquilo que não está visível. Nessa

¹⁶² KARDEC, A. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, p. 18.

¹⁶³ *Ibidem*, p. 69.

¹⁶⁴ KARDEC, A. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, p. 69.

busca, entretanto, parece ter se esquecido de que a Boa Nova veio para todos, primordialmente para os pobres.

Por exemplo, em *Mt* 11,14 lemos as seguintes palavras de Jesus sobre João Batista: “E se quiserdes aceitar, ele é o Elias que está por vir”. No Antigo Testamento, Elias havia sido arrebatado, o que não carregaria o significado de uma morte, mas de deslocamento para outro lugar. O mesmo sucede em *At* 8,39-40, quando Felipe também se viu arrebatado. No contexto vetero-testamentário, encontramos:

Tal arrebatamento para junto de Deus é visto como acontecimento excepcional, pois a vida dos demais piedosos termina na morte, que rompe o laço da comunhão com Deus. Algum texto isolado reflete a esperança de que Deus possa arrebatá-lo para si seu servo fiel (Sl 49,16 e 73,24). No judaísmo pós-exílio houve uma remitologização, sob influência do ambiente helenista-oriental e de antigas tradições cananeias ainda latentes. Em consequência disso encontra-se no judaísmo com certa frequência o tema da viagem ao céu, especialmente para os heróis dos tempos antigos, como forma de revelação dos mistérios divinos¹⁶⁵.

Em uma interpretação livre, “[...] o Elias que está por vir” pode significar, hodiernamente falando, o aparecimento de um Pelé ao qual o futebol espera aparecer novamente, com toda a sua genialidade. Elias era um poderoso profeta. Mas em *O Livro dos Espíritos* encontramos a afirmação categórica de que Elias se acha reencarnado em João Batista: “Pois que Joao Batista fora Elias, houve reencarnação do Espirito ou da alma de Elias no corpo de Joao Batista”¹⁶⁶.

A reencarnação nem sequer é termo pensado no Novo Testamento. A ressurreição, por sua vez, era amplamente reconhecida no ambiente judaico da época. Ainda sobre a ressurreição, lemos as categóricas palavras de Marta sobre Lázaro, expressas em *Jo* 11,24: “Sei que ele ressurgirá na ressurreição no último dia”, evidenciando uma esperança comum entre eles.

Mas é no diálogo entre Jesus e Nicodemos, retratado em *Jo* 3,1-5, que os exegetas espíritas batem o teclado incansavelmente. Nele, os espíritas afirmam identificar, na fala de Jesus a Nicodemos, a explícita doutrina reencarnacionista:

¹⁶⁵ BAUER, J. B. Ascensão de Cristo (Verbetes), in: *Dicionário Bíblico-Teológico*, p. 31

¹⁶⁶ KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, p. 151.

Ora, havia um homem dentre os fariseus, cujo nome era Nicodemos, um chefe dos judeus. Ele veio até Jesus durante a noite e lhe disse: ‘Rabi, sabemos que vens da parte de Deus como mestre, pois ninguém pode fazer esses sinais que tu fazes, a não ser que Deus esteja com ele’. Jesus tomou a palavra e lhe disse: ‘Em verdade, em verdade te digo: se alguém não nascer do alto, não pode ver o Reino de Deus’.

Entretanto, passagens posteriores esclarecem a questão. Nelas, Jesus declara que quem não nascer da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus. Esta é a chave do conteúdo para o entendimento do fragmento citado. O batismo de João, retratado no mesmo capítulo, era um batismo de arrependimento, mas o nascer da água e Espírito era o batismo de salvação. A morte do homem antigo, velho, e o surgimento do novo homem, vivificado pelo Espírito¹⁶⁷.

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, as interpretações dos fragmentos das Escrituras sempre são flexibilizadas conforme a conveniência. Por exemplo, onde a palavra “nascer de novo” é utilizado no diálogo entre Jesus e Nicodemos, conforme algumas traduções, os espíritas optam pela literalidade do termo e da frase. Kloppenburg dá uma explicação clara sobre a passagem:

São João escreveu seu evangelho em grego. A palavra que interessa no caso é o ‘nascer de novo’. No original grego diz *ánōthen* que quer dizer: nascer do alto. Por isso a tradução exata da passagem seria assim: ‘Quem não nascer do alto não pode entrar no reino de Deus’. Já se vê que assim a dificuldade é sensivelmente menor, se é que já não desapareceu de todo¹⁶⁸.

Quando, porém, no mesmo texto se usa a expressão “nascer da água”, é realizada uma manobra interpretativa. Agora, deixa-se a literalidade da palavra de lado e usam-se argumentos das ciências e da história para adequar um significado à simples expressão¹⁶⁹. Nascer d’água, aqui, seria meramente ilustrativo, uma vez que se acreditava que a terra surgia da mesma água. Kloppenburg, em um tom mais direto, afirma ser incorreta a análise do espiritismo sobre a referida passagem:

Este texto é o segundo argumento apresentado pelos reencarnacionistas para mostrar que Cristo estaria do lado deles. Podemos encontrar estas palavras nos cabeçalhos de revistas e jornais espíritas, como se fosse a mais inofensiva afirmação da

¹⁶⁷ Cf. KLOPPENBURG, B. *Espiritismo, orientação para católicos*, p. 63.

¹⁶⁸ *Ibidem*, p. 63.

¹⁶⁹ Cf. KARDEC, A. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, p. 69.

reencarnação. No entanto, a coisa não é tão evidente. E primeiramente chamamos a atenção para a tradução, que não é de todo exata. São João escreveu seu Evangelho em grego. A palavra que interessa no caso é o ‘nascer de novo’. No original grego diz *ánnothen* que quer dizer: nascer do alto. Por isso a tradução exata da passagem seria assim: ‘Quem não nascer do alto, não pode entrar no reino de Deus’. Já se vê que assim a dificuldade é sensivelmente menor, se é que já não desapareceu de todo. E se lermos o texto inteiro, em seu contexto, veremos que o próprio Nicodemos não o entendera bem e ele pediu maiores esclarecimentos. E então Jesus explica seu pensamento: ‘Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer do alto (outra vez: *ánnothen*), por meio da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus’¹⁷⁰.

Quando a exegese espírita falha, há o argumento pelo qual é notado o flagrante recurso à subjetividade não verificável da questão. Ainda em relação ao profeta Elias, por exemplo, Jesus mesmo se encarregou de dizer que João não era o profeta, pois João era seu contemporâneo. Jesus afirma que Elias “há de vir” (*Mt* 11, 14) e que, portanto, ainda não viera.

O próprio João Batista, quando interrogado se era Elias, foi claro e direto. Segundo o mesmo texto bíblico, João Batista respondera veementemente: “Não o sou!” (*Jo* 1,21). Diante de uma evidência literária como esta, resta aos espíritas afirmarem simplesmente que João havia “se esquecido” de que era a reencarnação de Elias¹⁷¹. Como argumentar diante de tal resposta?

O que fora apresentado nesta seção constitui uma breve análise das afirmações da Doutrina Espírita e de seus adeptos, os quais defendem ser o cristianismo tradicional, com seus quase dois bilhões de crentes, uma corrupção do verdadeiro cristianismo. É uma análise breve, mas indicativa de que os fundamentos que os espíritas buscam diante das Escrituras não possuem nenhum método além da arbitrariedade interpretativa.

Na *Gênese* de Allan Kardec, há um fragmento que coloca a Doutrina Espírita atual em um contexto semelhante ao dos primeiros seguidores de Jesus: “Os espíritas, cuja doutrina é a do Cristo de acordo com o progresso das luzes atuais, são tratados como os judeus que reconheciam em Jesus o Messias”¹⁷².

¹⁷⁰ KLOPPENBURG, B. *A Reencarnação, exposição e crítica*, pp. 63-64.

¹⁷¹ Cf. IMBASSAHY, C. *A Reencarnação e suas Provas* apud KLOPPENBURK, B. *A Reencarnação, exposição e crítica*, p. 63.

¹⁷² KARDEC, A. *A Gênese*, p. 287.

Procurou-se também demonstrar nesta seção, que a busca por sustentação ideológica no passado não se sustenta se a história não testemunhar a favor do que se busca. As críticas aqui expostas podem levar o leitor a refletir, além da inconsistência entre as doutrinas, sobre aspectos relativos ao rigor acadêmico em relação às fontes de consulta.

3 ANÁLISE TEOLÓGICA FRENTE AO ESPIRITISMO REENCARNACIONISTA

A Doutrina Espírita não passou por um acrisolamento histórico e intelectual como passou o cristianismo. O espiritismo, depois de elaborado doutrinalmente, teve a sua propagação semelhante às heresias de certas épocas, que eram de rápida difusão por terem uma logicidade simples e de fácil assimilação.

Os quatro primeiros séculos do cristianismo foram o forno que acrisolou boa parte da doutrina. Somente para se ter uma ideia da efervescência teológica nestes primeiros séculos, em 390 d.C foram catalogados por Filastério da Bréscia mais de 150 grupos diferentes de doutrinas hereges¹⁷³.

Diante de uma realidade onde a privação, a contingência e a maldade se distinguem claramente do bem, ou de um bem,- como por exemplo um deficiente ao lado de um não deficiente-, esta característica de aparente logicidade vem sanar questões surgidas num âmbito superficial na mente do questionador.

Por que uns são assim e outros não? Por que uns são ricos e outros não? Por que uns parecem felizes e agraciados com toda a sorte de benefícios e outros não? Os questionamentos seguem de acordo com a observação da realidade exposta, mas pode-se notar a ausência de uma crítica e a presença de um vício na sua origem: a superficialidade. São também questões do homem moderno que, mesmo diante da evolução tecnológica, não viu respondidos muitos questionamentos ainda pertinentes:

Todavia, perante a evolução atual do mundo, cada dia são mais numerosos os que põem ou sentem com nova acuidade as questões fundamentais: Que é o homem? Qual o sentido da dor, do mal, e da morte, que, apesar do enorme progresso alcançado, continuam a existir? Para que servem essas vitórias, ganhas a tão grande preço? Que pode o homem dar à sociedade, e que coisas pode dela receber? Que há para além desta vida terrena? (*Gaudium et Spes*, 10)

O homem pós-medieval procurou conhecer, conforme a máxima kantiana *sapere aude*, mas acabou sabendo apenas da sua própria impotência em formular resoluções existenciais. Confiou no progresso, mas na balança da história o progresso foi instrumento bélico de

¹⁷³ Cf. JOHNSON, P. *op. cit.*, p. 196.

exploração em massa. Quer voltar a uma fonte de misericórdia, talvez por saber de modo dissimulado que apenas onde há misericórdia pode haver o fim da crueldade, do mal e da violência. Bastariam dez justos para que toda a cidade fosse salva¹⁷⁴.

O vício que o cristianismo sempre procurou derrubar é o da autossuficiência na economia da salvação, que mascara de modo superficial uma vontade de ser como Deus, tal qual descrevem os primeiros capítulos do livro de Gênesis: “Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal” (Gn 3,5).

Esse postulado extremo da capacidade humana impede de ver que a nossa realidade é apenas uma parcela de uma realidade de infinita amplitude, a divina, que por ser intransponível é dada, esta sim, como revelação. Podemos ver o bem e o mal presentes na realidade e, conseqüentemente, temos a capacidade de fazer o bem e evitar o mal¹⁷⁵. Além desta evidência e capacidade, há somente a especulação metafísica.

Entretanto, as questões elaboradas como exemplo nos parágrafos anteriores não seriam um problema para o cristianismo de orientação calvinista. Esta doutrina entende que os acontecimentos de ordem *fati*, de certo modo, são uma realidade do predestinador e não do ente predestinado, negando-se a universalidade da questão.

O espírita, no seu íntimo, sabe que não é necessário o esforço de uma vida inteira para reformar-se do mal da soberba. Para o espiritismo, o progresso é inevitável¹⁷⁶. Quer queiram ou não, todos chegarão em um tempo vindouro, através das múltiplas vidas, ao objetivo supremo (seja lá qual for a resistência do indivíduo). Este progresso inevitável, aliás, acaba transgredindo a liberdade humana e, conseqüentemente, o amor. Pode-se dizer que o kardecismo seria uma mescla de pseudo pelagianismo com a doutrina da apocatástase¹⁷⁷.

¹⁷⁴ Cf. MAGISTER, Sandro. Joseph Ratzinger Back in the Chair. *Chiesa News*.

¹⁷⁵ Cf. SANTO TOMÁS DE AQUINO. *De veritate*, q. 16 a. 2.

¹⁷⁶ Cf. KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, p. 465.

¹⁷⁷ Cf. KLOPPENBURG, B. *A Reencarnação, exposição e crítica*, p.74.

3.1 A SOTERIOLOGIA AUTORREDENTORA E A HETERORREDENTORA: UMA ANÁLISE TEOLÓGICA DE BOAVENTURA KLOPPENBURG

Para Boaventura Kloppenburg, o ponto central da discussão teológica sobre a reencarnação vem a ser a questão sobre a soteriologia autorredentora, presente no espiritismo kardecista, e a heterorredentora do cristianismo¹⁷⁸. O Espiritismo reencarnacionista nega qualquer possibilidade de uma condenação eterna ou da ressurreição da carne.

Os méritos pessoais são a única forma de expiação e progresso para o espírita. A alma se salva pelo seu próprio esforço, negando assim a soteriologia cristã:

Não, a missão de Cristo não era resgatar com o seu sangue os crimes da humanidade. O sangue, mesmo de um Deus, não seria capaz de resgatar ninguém. Cada qual deve resgatar-se a si mesmo, resgatar-se da ignorância e do mal. É o que os Espíritos, aos milhares, afirmam em todos os pontos do mundo¹⁷⁹.

A recém-apresentada citação de Léon Denis, extraída de seu livro *Cristianismo e Espiritismo*, deixa claro que não se trata de uma busca por um Ser do qual não se pode pensar nada maior, mas de uma afirmação de que não há nada maior do que o homem. A teleologia espírita, no fundo, não tem a Deus como causa final, mas o próprio homem. Deus é um postulado regulador, para que não fique explícito o fato de que a doutrina espírita tem o homem como seu causador formal e eficiente.

Apesar da citação de León Denis, os espíritas se autodenominam seguidores de Cristo. O kardecismo postula, como já fora explicitado anteriormente, que o cristianismo posterior ao período primitivo constitui uma corrupção das verdades reveladas por Jesus Cristo, o qual afirmou e defendeu, assim como os primeiros cristãos, a reencarnação e a sua doutrina.

Não se pode deixar de notar a contradição existente entre méritos pessoais e progresso inevitável. Na soteriologia autorredentora, Jesus é rebaixado da condição divina a de um burocrata governador do mundo, uma vez que a justiça que se opera em tal redenção carrega uma projeção humana de tipo forense:

¹⁷⁸ KLOPPENBURG, B. *A Irrepetibilidade e unicidade da vida humana: o problema da reencarnação*. Teocomunicações, Porto Alegre, v. 19, n. 86, 1989. p. 340.

¹⁷⁹ LEÓN DENIS *apud* KLOPPENBURG, *op. cit.*, p. 340.

Diante da questão da vida após a morte, as pessoas demonstram acentuada inclinação para questões da justiça. Muitos com toda razão, não conseguem aceitar a ideia de que com a morte, tudo seria igualado, a ponto de desaparecerem todas as desigualdades existentes aqui na terra, porque, afinal, perante Deus, todos são iguais. Se assim fosse – perguntam essas pessoas – haveria enorme injustiça. Que motivo teria alguém para se esforçar numa vida conforme a vontade de Deus, se depois da vida seria igualado a quem nunca se esforçou? O nosso senso de justiça revolta-se contra tal ideia. Deve haver algum meio para distinguir entre os que se esforçaram e os outros, isto é, os ímpios, os perseguidores, os opressores, numa palavra, todos aqueles que nunca se interessaram em fazer a vontade de Deus ¹⁸⁰.

Dentro desta soteriologia autorredentora, a tão proclamada caridade espírita expressa nas fachadas de muitos centros espíritas através da máxima “fora da caridade não há salvação” contrasta com o enunciado cristão *extra ecclesiam nulla salus*, enquanto sinaliza para diferenças essenciais entre a caridade espírita e a caridade cristã.

Segundo a Doutrina Espírita, a reencarnação serve basicamente para duas finalidades: expiar os pecados e progredir sem cessar¹⁸¹. Segundo a Doutrina, a caridade espírita é lei e tem a função de facilitar o progresso do espírito nesta passagem corporal¹⁸², servindo de instrumento durante uma encarnação.

Portanto, a caridade espírita possui como objetivo a reparação para a evolução, enquanto que a caridade cristã não possui outro fim senão a Deus. A caridade cristã é indubitavelmente uma virtude teologal. Diferentemente da caridade espírita, visa o amor ao próprio Deus no próximo, ou que se ame o próximo por Deus¹⁸³. O fim é sempre o próprio Deus: “para que Deus seja Tudo em todos” (1 Cor 15,28).

Caso a caridade fosse direcionada ao próximo unicamente por si mesmo, ou por causa dos serviços que pode prestar como um instrumento no Espiritismo, como uma ferramenta de expiação, não seria caridade, mas um auxílio de caráter humanista. Um auxílio somente válido numa objetividade meramente humana, mas não como uma virtude teologal.

A caridade espírita é o cerne de toda a soteriologia autorredentora do Espiritismo. A caridade não é a ação da Graça de Deus, mas um esforço próprio para dar continuidade ao

¹⁸⁰ BLANCK, R. J. *Reencarnação ou Ressurreição: uma decisão de fé*, p. 39.

¹⁸¹ Cf. KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, p. 442.

¹⁸² *Ibidem*, p. 304.

¹⁸³ Cf. TANQUEREY, A. *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*, p.799.

progresso incessante e para expiar as faltas. Opõe-se assim, de modo absoluto, a toda soteriologia cristã; a obra salvífica do Pai que através de Jesus Cristo nos concedeu os méritos pelos quais a salvação estaria vedada se não fosse consumada.

A fé não nos fala somente da natureza de Cristo, não nos apresenta apenas o ‘Verbo que se fez carne’, mas ensina-nos também que Cristo é nosso Mediador e Redentor. E os espíritas, por seu turno, esses profissionais negadores dos dogmas cristãos, não se riem apenas das verdades relativas à natureza de Cristo, eles zombam também da principal obra de Jesus: a nossa redenção por seu precioso sangue¹⁸⁴.

Para Kloppenburg, a palavra “reencarnação” é um vocábulo que contém inúmeras negações da doutrina cristã, opondo-se frontalmente a ela.¹⁸⁵ Para o mesmo teólogo, cristianismo não é evolução, mas revolução, pois a irrepetibilidade e unicidade da vida é liberdade cristã, de se ter um “não” definitivo e um “sim” definitivo.

Nos Evangelhos é possível meditar as passagens onde Jesus nos fala desta nossa vida terrestre, atribuindo sempre um valor decisivo para toda a existência posterior a nossa morte¹⁸⁶. A parábola do pobre Lázaro (Lc 16,19-31) pode resumir todo este caráter definitivo encontrado nos Evangelhos.

A salvação cristã como obra de Deus é escândalo e loucura para os espíritas, abonada por uma razão superficial nublada pela prepotência de ser autossuficiente. Nem no mundo, ou seja, na realidade exposta aos olhos, percorrendo o cotidiano da vida, se evidencia isto, a autossuficiência.

A Federação Espírita Brasileira - FEB através da revista *Reformador* sintetiza este escândalo e loucura ao afirmar que a “[...] salvação não se obtém por graça nem pelo sangue derramado por Jesus no madeiro [...]; mas a salvação é ponto de esforço individual que cada um emprega, na medida de suas forças”¹⁸⁷.

A imolação de um justo para a reparação dos erros, segundo os espíritas, é uma iniquidade maior ainda que o pecado do primeiro par. Nesse contexto racional, o pecado

¹⁸⁴ KLOPPENBURG, B. *Material para Instruções sobre a Heresia Espírita*, 45.

¹⁸⁵ KLOPPENBURG, B. *A Irrepetibilidade e unicidade da vida humana: o problema da reencarnação*, p. 340.

¹⁸⁶ Cf. KLOPPENBURG, B. *Espiritismo, orientação para católicos*, p. 55.

¹⁸⁷ REFORMADOR, out. 1951, p. 236.

original é negado, e com ele, todo o plano de Deus que quer ser “Tudo em todos” (1 Cor 15,28).

A sua negação é conveniente para a lógica existente na Doutrina, onde não há margem para os mistérios. Pecado original e preexistência da alma se tornaria inconciliável, devido a responsabilidade do erro, claro, numa visão sempre forense e humana. O homem somente começará a entender o seu sentido último, se considerar a sua natureza humana como graça de Deus¹⁸⁸.

O Espiritismo está convicto de que o homem pode resgatar-se com suas forças. Não há a necessidade de um Deus de perdão. Uma ideia muito simpática para alguns, por oferecer novas oportunidades que escondem a miséria humana e a grandeza de Deus, mas que põe em jogo não somente a fé na ressurreição, mas também toda a soteriologia cristã¹⁸⁹.

3.2 A FÉ A PARTIR DA RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO FRENTE À VISÃO REENCARNACIONISTA

Em relação à soteriologia cristã, a Redenção nos permite “descobrir a profundidade do amor que não retrocede diante do extraordinário sacrifício do Filho, para satisfazer a fidelidade do Criador e Pai para com os seres humanos, criados à sua imagem”¹⁹⁰. Deve-se ter consciência de que a mensagem de Deus, do Deus da Graça, é que no centro da Boa Nova há uma convicção própria do cristianismo que, em lugar de retribuição, oferece perdão.

Apesar da obscuridade e das dificuldades da questão para o homem contemporâneo, a criatura humana é um ser radicalmente ameaçado pela culpa. Para o cristianismo, culpa, pecado e perdão são temas centrais, pois a religião cristã se entende como portadora da Boa Nova da redenção do homem através de Jesus Cristo¹⁹¹.

¹⁸⁸ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A Esperança cristã na ressurreição: algumas questões atuais de escatologia*, p. 55.

¹⁸⁹ Cf. ZILLES, U. *Reencarnação ou Ressurreição*, p. 26-27.

¹⁹⁰ *Ibidem*, p. 56.

¹⁹¹ Cf. RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*, p. 114.

Culpa, em um contexto humano de finitude, carrega um forte apelo à transcendência, como efeito religioso da ânsia de todo ser humano pela imortalidade¹⁹².

A morte, apesar do senso comum, não pode ser entendida como um momento de julgamento por um magistrado, mas como o momento de se resolver toda a confusão humana vivida pelo indivíduo. A morte também poderia ser encarada como o ponto final do absurdo da existência, para o qual não haveria nenhuma solução.

Entretanto, uma reflexão sobre a vida e morte de Jesus Cristo na cruz nos propicia um momento de palpabilidade do divino amor que é oferecido para além das fronteiras onde a morte se faz, no silêncio de Deus¹⁹³. O homem deve entender a sua finitude diante da culpa e da morte. Somente os deuses gregos não carregavam culpa como o homem carrega. Diante da imortalidade, o tempo dissolveria a culpa em um espaço onde somente os deuses transitariam.

Culpa e liberdade encontram-se intrinsecamente implicados no homem. A liberdade humana, expressão da graça do Amor de Deus, quando exercida no ápice de sua plenitude implica decidir contra ou a favor do próprio Deus. Entretanto, dentro desta mesma liberdade, o dizer “não” é apenas uma possibilidade de valor não igual ao “sim”:

O ‘não’ é uma possibilidade da liberdade, mas se trata de possibilidade da liberdade que ao mesmo tempo sempre representa algo de falho, descarrilado, malogrado, algo que, por assim dizer, é autodestrutivo e autocontraditório. Semelhante ‘não’ pode dar a impressão de que o sujeito se afirma de maneira realmente radical somente através dele¹⁹⁴.

Na Doutrina Espírita, o dizer “não” não possui a perspectiva de exercer a liberdade definitiva. Para os espíritas, o caráter do “não” é apenas provisório devido ao influxo que encerra a liberdade humana diante do progresso inevitável.

O dizer “não” apenas atrasa o progresso do espírito, o qual de alguma maneira terá que expiar nesta ou em outra vida compulsória. O dizer “não” no espiritismo possui a mesma característica de algo falho do cristianismo, mas não é definitivo no sentido de permanecer convicto nesta negação.

¹⁹² Cf. BLANK. *Op. cit.*, p. 115.

¹⁹³ Cf. RATZINGER. J. *Introdução ao Cristianismo*, p. 141.

¹⁹⁴ Cf. BLANCK, R. *op. cit.*, p. 128.

Nas diversas doutrinas religiosas, assim como na Doutrina reencarnacionista, há sempre uma busca por compreender o nosso desejo transcendental de imortalidade. Porém, na visão reencarnacionista Deus não conta muito. Ele é semelhante ao relojoeiro, muito utilizado nas modernas concepções de Deus como um *designer*, cuja lei está acima do próprio Deus, pois nem ele poderia suprimi-la.

Não há graça atuante também nesta visão kardecista e, conseqüentemente, não há perdão para aquele “não”:

Deus coincide seja com a totalidade do universo, seja com o ‘eu’ profundo, mas não é uma alteridade dialogante, não é ‘alguém’ a quem se possa pedir e receber. Quanto muito é alguém que já deu o que devia para que nos arranjemos. Por isso também não há mais gratuidade e nem perdão: o que aqui se faz, aqui se paga com purgatório kármico, inexorável¹⁹⁵.

Sendo assim, as discussões em torno do “não” e do “sim” e da dimensão da liberdade humana e suas conseqüências passageiras ou permanentes nos possibilitam avançar nas discussões sobre a ressurreição de Jesus (e todos os demais) e a reencarnação. Abordagem que parte, em primeira instância, de uma análise antropológica teológica.

3.2.1 A reencarnação do espírito e a ressurreição da carne a partir de uma antropologia teológica

A questão da reencarnação do espírito versus a ressurreição da carne é, juntamente com a soteriologia autorredentora e a heterorredentora, o maior ponto de discussão entre espíritas e cristãos. A reencarnação tem por objetivo fazer o espírito passar por todas as vicissitudes da vida a fim de prepará-lo para a parte que lhe toca na execução da criação¹⁹⁶.

Em primeiro lugar, deve-se entender a questão antropológica que fundamenta tanto a doutrina espírita quanto a cristã. O núcleo do indivíduo no espiritismo reencarnacionista é o próprio espírito; no cristianismo, é o homem todo. Este compreendido como uma unidade substancial formada por dois princípios co-substanciais, o corpo e a alma, sendo a alma o

¹⁹⁵ BLANCK, R. *op. cit.* p. 117.

¹⁹⁶ Cf. KARDEC, A. *O livro dos Espíritos*, p. 105.

princípio formal do homem, ou seja, aquilo que o determina como homem ou que dá leitura à matéria orgânica¹⁹⁷.

O espiritismo radicaliza o dualismo corpo e alma, sendo a alma o espírito encarnado, e simplesmente espírito, quando desencarna. Apesar de se falar em um dualismo radical, o homem, segundo o espiritismo kardecista, é formado por três partes, todas essenciais. “Há no homem três coisas: 1º, o corpo ou ser material análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2º, a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3º, o laço que prende a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito”¹⁹⁸. A respeito do perísprito, pode se ainda acrescentar:

O laço ou perísprito, que prende ao corpo o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que lhe constitui um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, porém, que pode tornar-se acidentalmente visível e mesmo tangível, como sucede no fenômeno das aparições¹⁹⁹.

Na doutrina de Kardec, apesar de o homem ser formado por estas três partes, o “eu” do homem é somente a sua alma, sendo o corpo, uma mera habitação “[...] análogo ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital”²⁰⁰. Pode-se notar, conforme *O Livro dos Espíritos*, que há outro princípio vital que anima os corpos e que qualquer tentativa de declarar que a alma seja o princípio animador de um corpo constitui mero jogo de palavras.

Na própria Doutrina Espírita, a alma independe do corpo material, sendo inclusive a morte um aspecto de liberdade para o espírito²⁰¹. No cristianismo clássico, a alma depende do corpo para realizar todas as suas operações cognitivas, pois depende da materialidade dos sentidos para receber a comunicação dos entes materiais extra mente, expostos na realidade diante de si. Sem as operações dos sentidos, não haveria a consciência de si. Com o corpo, entramos em contato com a Criação:

A alma humana está em um corpo, e o corpo humano é animado. Como humanos somos, em corpo, seres encarnados. O corpo é a nossa maneira de ser no mundo.

¹⁹⁷ CF. ZILLES, U. *Antropologia teológica*, p. 121-125.

¹⁹⁸ KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, p. 23.

¹⁹⁹ Ibidem, p. 24.

²⁰⁰ Ibidem, p. 106.

²⁰¹ Ibidem, p. 23.

Através do corpo, entramos em comunhão com todo o universo material, pelo ar que respiramos, pelo alimento que ingerimos. As coisas existem enquanto relacionadas com meu corpo, ou seja, o corpo é a referência para minha relação com os demais existentes. Sem corpo não há mundo nem consciência. Através dele, me comunico com os outros²⁰².

Diferentemente do cristianismo, fundamentos filosóficos e antropológicos do espiritismo não contemplam uma íntima ligação entre o corpo e a alma, razão pela qual a ressurreição nem sequer é especulada no âmbito do espiritismo. O cristão tem a ressurreição como objeto de fé, mas nem por isso deixa de abstrair e especular conforme a sua capacidade intelectual, dom de Deus, e nem de querer tentar sanar questões pertinentes a sua religião, fruto da revelação divina. Entre os espíritas, no entanto, não se verifica esta dinâmica. Sua Doutrina pressupõe, entre outras coisas, que as revelações dos Espíritos se acham prontas e acabadas.

O entendimento da união íntima entre corpo e alma, tal qual preconiza o hilemorfismo universal de matriz aristotélico-tomista, não permite admitir a reencarnação ou migração das almas. A alma não tem como fim ser uma substância separada do corpo. A sua unidade é tão profunda que inclusive certos processos psíquicos como medo e ódio, sentimentos de felicidade e tristeza, acabam por influenciar processos físicos do corpo, como batimentos do coração e pressão arterial²⁰³.

Para Santo Tomás de Aquino, a alma separada do corpo não se encontra no seu estado de perfeição, além de contrariar a própria natureza da alma. E mais, refere-se à incompletude da alma separada do corpo, como antes da ressurreição, mesmo tendo em vista a possibilidade de contemplação da face de Deus. Pode-se vislumbrar neste pensamento uma forte razão pela qual não é contraditório afirmar a ressurreição da carne:

Se para alma é natural estar unida ao corpo, estar sem o corpo seria contrário a sua natureza, sendo que uma alma sem o corpo não possuiria a perfeição de sua natureza. Não era conveniente que Deus começasse sua obra pelas criaturas imperfeitas ou por coisas que estão fora da ordem natural. Assim, não criou um homem sem pé ou sem mão, que são partes naturais suas. Portanto, muito menos fez uma alma sem corpo²⁰⁴.

²⁰² ZILLES, U. *Antropologia teológica*, p. 121.

²⁰³ Cf. ZILLES, U. *Antropologia teológica*, p. 122.

²⁰⁴ SANTO TOMÁS DE AQUINO. *S. Th.* I, q. 118, a. 3.

A antropologia kardecista traz também um problema relacionado ao conceito de pessoa. Considerada a pessoa como uma substância individual de natureza racional, conceituação tradicional formulada por Boécio (480 – 524), e a constante busca do espírito por novas existências para a sua purificação kármica, chegaremos à desapareição da personalidade humana: “Pois o espírito que tenho hoje não é meu e já foi no passado habitante de muitos corpos. Pergunta-se como fica a minha individualidade chamada João, Fernando, etc. Como permanece a minha individualidade hoje? Existindo a reencarnação como vai ser?”²⁰⁵.

Para Tomás de Aquino²⁰⁶, a identidade corpo e alma jamais se perde, mesmo após a corrupção do cadáver. O que individualiza cada alma separada do corpo, devido a sua imaterialidade, é a sua identidade com o seu co-princípio substancial material, que o individualiza²⁰⁷.

Boaventura Kloppenburg, em relação aos escritos de León Denys sobre a identidade do corpo e a alma na ressurreição, por causa da dissolução dos átomos e moléculas do corpo escreve: “queremos lembrar apenas que, de fato, sustentamos a identidade entre o corpo ressuscitado e o corpo que a alma deixou na hora da morte”²⁰⁸.

Mas não precisamos ir logo ao extremo de afirmar também uma identidade de átomos e moléculas! Dizem muito bem os teólogos que basta sustentar uma identidade relativa. É conhecido o fenômeno biológico do metabolismo, segundo o qual o corpo humano, pela contínua assimilação e desassimilação das substâncias, de tempo em tempo, se renova inteiramente, de tal modo que os átomos ou as moléculas que anos atrás integravam o nosso corpo, já hoje estão totalmente substituídos por outros²⁰⁹.

Pode-se notar, apesar da brevidade da exposição, que são duas antropologias significantemente distintas. Não se pode deixar de notar que, enquanto a antropologia cristã considera o homem todo, corpo e alma, a antropologia kardecista desfaz essa totalidade, considerando essencialmente o “eu”, a alma, sem referência ao corpo. Essa é a lógica da negação da ressurreição em favor da reencarnação.

²⁰⁵ SILVA, A. A. *A Antropologia kardecista no Brasil*, p. 25.

²⁰⁶ O autor da dissertação optou pelo conceito de individuação tomista, por estar em consonância com os demais autores aqui utilizados. Mas há a especulação sobre a individuação em diversas escolas cristãs, como a Escotista, onde a forma é que individualiza em vez da matéria, em clara oposição a Santo Tomás de Aquino.

²⁰⁷ Cf. SANTO TOMÁS DE AQUINO. *O Ente e a Essência*, p. 11-13.

²⁰⁸ KLOPPENBURG, B. *A Reencarnação, exposição e crítica*, p. 60.

²⁰⁹ *Ibidem*, p. 60.

A antropologia kardecista remete a reflexão sobre o homem para uma teleologia espírita. Na última reencarnação, o espírito em estado de perfeição não possui corpo. Viverá uma bem aventurança entre os muitos mundos existentes, de forma livre. Para os reencarnacionistas, não há união substancial. Há, como fora visto nos parágrafos anteriores, apenas uma transitoriedade accidental entre corpo e alma.

3.2.2 A vitória sobre a morte: a ressurreição como um horizonte de esperança a partir de Jesus Cristo

O ser cristão tem sua fé empenhada em Cristo e deposita sua esperança na ressurreição dos mortos, como efeito da ressurreição de Cristo. Esta, por sua vez, não está centrada no próprio corpo orgânico, ou na própria alma imaterial como causa, mas em outro, em Cristo²¹⁰, aquele que venceu a morte. No pensamento espírita, a causa da reencarnação é o próprio ente condicionado por uma lei automática, pois este sofre compulsoriamente o progresso, alheio a liberdade.

Paulo, na sua primeira epístola aos Coríntios, fundamenta a questão central da esperança cristã: “E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé”. (I Cor 15,14). A ressurreição de Cristo, além de ser a causa meritória da ressurreição de todos, é também a causa modelar da ressurreição.

A ressurreição da carne está sempre pautada no debate teológico contemporâneo, principalmente devido à hodierna perplexidade perante a morte e a existência pós-morte. A ressurreição da carne está presente em todos os manuais teológicos do cristianismo e, apesar de haver diversas especulações teológicas referentes a questões de “quando e como”, em todos há a presença da esperança na ressurreição a partir da ressurreição de Cristo²¹¹.

Ainda hoje, o sentido messiânico de Cristo não é atraente para um público movido pela ideia de prazer ou pela ideia de reencarnação. No seu período, Jesus ansiava por mostrar que não era uma espécie de sacerdote militar contra um opressor estrangeiro, como eram os

²¹⁰ Cf. BLANCK, R. *op. cit.*, p. 118.

²¹¹ A obra de Eduardo da Silva Santos, *A Ressurreição da Carne: estudo comparativo entre a posição de teólogos contemporâneos e a posição tradicional da Igreja sobre o momento da ressurreição da carne*, é um estudo sobre as diversas abordagens dos principais teólogos contemporâneos frente ao Magistério da Igreja.

romanos, tampouco fazia apologia ao sofrimento ou ao sacrifício. Caminhava pela sua terra anunciando uma mensagem de um Reino Novo, cujo triunfo teria que ser alcançado por meio de sua morte.

Esta ideia de sacrifício não era nada atraente para o mundo antigo, nem para qualquer mundo²¹². Hoje o Cristianismo está ansioso por mostrar que o triunfo já foi atingido e que assim como a ideia da sua morte não era atraente, também hoje a ideia da sua ressurreição não parece ser atraente para os adeptos da doutrina das múltiplas vidas.

A ressurreição de Jesus não é um novo período da vida dele, não é uma metamorfose tal qual ocorre à lagarta. Sua ressurreição, apesar de acontecer na ordem do tempo, deve ser entendida na sua atemporalidade²¹³ e dentro da sua singularidade:

[...] significa a salvação definitiva perante Deus da existência humana concreta, salvação que é operada por Deus. Significa a permanente validade real da história humana que nem se prolonga no vazio nem perece. A este respeito, a morte, sem a qual não acontece essa definitividade, é exatamente a renúncia essencial e a recusa radical do modelo de representação do ‘como’ dessa situação definitiva, quer esta se refira ao ‘corpo’ quer a ‘alma espiritual’ dessa única existência humana²¹⁴.

Dentro deste anseio humano e transcendental pela imortalidade, a morte é devolver o espírito a Deus, dentro de um diálogo de confiança. O que Deus fez jamais é aniquilado, destruído. Na tradição cristã, a imortalidade é considerada dom Divino e o termo “ressurreição dos mortos”, ou “ressurreição da carne”, é a melhor expressão para o fim do homem, ou seja, a vocação do corpo com uma novidade específica que concentra e une os justos elementos da imortalidade²¹⁵. A morte foi vencida, não era aniquiladora da condição humana.

Portanto, ao vencer a morte, Cristo sintetiza a plena humanidade. Jesus não retorna ao seu estado pré-encarnado de ser tão somente divino. Nem existe mais em estado incorpóreo²¹⁶. Ele ainda é homem. Sua humanidade é agora tanto física como espiritual, mas não mais no estado anterior a sua morte.

²¹² Cf. JOHNSON, P. *História do Cristianismo*, p. 41.

²¹³ Cf. RAHNER, K. *op. cit.*, p. 315.

²¹⁴ *Ibidem*, p. 316.

²¹⁵ Cf. BLANCK, R. *op. cit.*, p. 118.

²¹⁶ FERGUNSON, S. B; WRIGHT, D. F. Ressurreição (verbeta), *Novo Dicionário de Teologia*, p. 866.

Antecipando o ato da morte, a esperança caminha com o cristão. A esperança como virtude teologal abre-nos a perspectiva para Deus, num relacionamento existencial e não como mero pressuposto de um otimismo vazio de causa. Esperança e escatologia estão intimamente ligadas, pois a segunda reflete a primeira em relação ao destino do homem e de todo o cosmos²¹⁷.

Diferentemente do antigo conceito grego de esperança, algo totalmente a-religioso para eles, o conceito israelita reflete o conceito cristão de esperança²¹⁸. Para os judeus, com a morte, morre também toda a esperança, uma vez que esta é dirigida unicamente para Deus e a sua atuação sobre o povo judeu na terra.

Para o ser cristão, a fé e a esperança simplesmente não se extinguem com a morte, mas carecem de objetivo, considerando-se que a satisfação que o crente espera no face a face com Deus no além tem somente o amor e a caridade como virtudes teologais objetivas. Para Paulo, a caridade jamais acabará (I Cor 13, 8).

No espiritismo, Kardec afirma que a fé é a mãe da esperança e da caridade²¹⁹. Como não há o conceito de graça divina na doutrina reencarnacionista, nada é dom, tudo é mérito do homem. Para o cristão, a esperança implica três momentos que se acham relacionados com a expectativa da ressurreição: a expectativa do futuro, a confiança e a paciência²²⁰.

Desde as comunidades cristãs primitivas, estes três momentos expressam também que a salvação já está presente, mas ainda pendente, e que a paciência é o momento exclusivo para o autêntico cristão em relação à ressurreição.

À medida que se aproxima a finitude da vida material, da qual o ser humano adquire crescente ciência ao longo dos anos, o homem exerce, por necessidade transcendental, “quer na forma da livre aceitação, quer na forma da livre recusa, o ato de esperança na sua própria

²¹⁷ Cf. BRUSTOLIN, L. A. *Quando Cristo vem...a parusia na escatologia cristã*, p. 205.

²¹⁸ Cf. HOFFMANN, P. Esperança (verbete) in: FRIES, H. (Org.). *Dicionário de Teologia*, p. 82-83.

²¹⁹ Cf. KARDEC, A. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, p. 258.

²²⁰ Cf. HOFFMANN, P. Esperança (verbete) in: FRIES, H. (Org.). *Dicionário de Teologia*, p. 84.

ressurreição”²²¹. E mais hodiernamente, a depender da sua crença multifacetada, uma esperança na própria reencarnação.

A ressurreição constitui para o homem uma esperança transcendental. A experiência de fé na ressurreição de Jesus preenche o vazio que o homem encontra próximo a sua própria finitude. Ocasão em que declara, sem prejuízo algum, que com a morte nada se acaba além deste tempo. A experiência da eternidade torna-se concreta à medida que compreendemos o evento singular de Jesus como um rasgo na história.

Na reencarnação, como ponto de reflexão do indivíduo diante da mesma finitude da vida material, pode-se chegar a uma justificação do passado histórico, compreendido do ponto de partida do seu nascimento. A reencarnação não o lança na eternidade tal qual o cristianismo o faz. Antes, diante da reflexão sobre “por que sou assim?”, conforta o homem mediante uma justificação ao longo da história, em suas diversas encarnações.

Na morte vencida por Jesus compreende-se, com toda a consciência, a existencialidade do gênero humano e não apenas luzes de uma vida anterior. Na reencarnação, o foco é o passado; e na ressurreição, o futuro. O homem é um ser de futuro.

Este presente e o suposto futuro refletido pelo homem revelam uma atuante tensão escatológica. O anseio por Deus corresponde ao ir humano e o vir divino²²². O cristão não deveria contemplar tal finitude humana com medo. Por outro lado, semelhantemente aos primeiros cristãos, munidos da esperança, confiantes na ressurreição,- e como ponto de partida para a compreensão humana do cosmos-, deveriam desejar que tudo se consumasse o quanto antes.

A índole escatológica da Igreja ecoa de modo sublime a vocação de cada cristão peregrino nesta terra ao afirmar que “no termo da nossa vida sobre a terra, que é só uma”. (*Lumen Gentium*, 48), os sofrimentos desta mesma vida não terão proporção com a glória que haverá de se revelar em nós (Rm 8,18).

²²¹ RAHNER, K. *Curso Fundamental da Fé*, p. 317-318.

²²² Cf. BRUSTOLIN, L. *A. op. cit.*, p. 210-211.

Muitos negam que uma única vida é o suficiente para a correção das inúmeras faltas cometidas. A fé cristã oferece uma plena resposta para os que pensam desta maneira. Apesar da brevidade da vida, a purificação escatológica será perfeita. A ressurreição, ao contrário da reencarnação, levará o homem para um estado que superará todo o desejo humano²²³.

²²³ Cf. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A Esperança cristã na ressurreição: algumas questões atuais de escatologia*, p. 52.

CONCLUSÕES

Este estudo não teve como objetivo refutar o espiritismo enquanto expressão religiosa de determinada parcela da sociedade. Não foi um trabalho apologético. O respeito pela diversidade religiosa deve ser essencial no cristão, inclusive para poder manter o diálogo com o próximo. Nem sempre foi assim. O cristianismo e a Igreja sofrem no tempo a pedagogia divina.

Boaventura Kloppenburg, no que se refere ao seu embate com o espiritismo, deve ser entendido dentro do contexto de sua época, entre os anos de 1950 e 1960. E dentro deste embate entre espiritismo e cristianismo no Brasil, Kloppenburg foi honesto com o seu tempo. Utilizou toda a sua intelectualidade e disciplina para formular os diversos estudos materializados nas suas inúmeras obras que trataram do tema, sempre com o fim de defender a fé católica.

Sabendo do contexto em que foram produzidas as obras de Kloppenburg, esta pesquisa teve o cuidado de não reproduzir aquele tempo neste. Como consequência, este trabalho tem, como objetivo paralelo, demonstrar a incompatibilidade de ser cristão, com toda a carga semântica do termo, e expressar, ao mesmo tempo, a doutrina espírita reencarnacionista. Portanto, não se pôde deixar de lado, como ponto de partida desta pesquisa, a obra de Boaventura Kloppenburg.

Quando se utiliza nesta comparação o termo cristão, não se está falando de uma cultura cristã herdada pelo Ocidente, ou de uma moral cristã relegada a outros indivíduos que não professam uma fé cristã. Seriam apenas notas históricas de um desenvolvimento cristão pelo mundo. Isso não determinaria que tal indivíduo ou comunidade fosse ou tivesse sido adepta ao cristianismo, mas daquele ente que carrega o Espírito de Cristo e, conseqüentemente, todas as suas responsabilidades e liberdades.

Se fosse assim, o cristianismo seria apenas uma escola de moral e não uma doutrina que procura preparar o indivíduo, no mais profundo do seu ser, em relação ao projeto de Deus, que quer ser “Tudo em todos”, com extensão a uma nova criação.

Inclusive, a moral espírita não possui a dimensão sobrenatural da moral cristã. A moral no espiritismo é apenas um imperativo extrínseco para o espírita. O espiritismo kardecista não possui o direito de se declarar cristão, pois a sua doutrina reencarnacionista quer esvaziar toda a Boa Nova de Jesus Cristo.

O cristianismo reforma a essência que foi deturpada pela queda. O espiritismo procura justificá-la, sem corrigi-la. A cabeça de todo o mal é a soberba do homem, *caput* dos pecados, objeto incessante de reparação do cristão autêntico. Este está no mundo, mas não lhe pertence.

No espiritismo, metaforicamente falando, tudo é justificado nesta maré incessante de progresso sem fim. Processo em que a casca é removida, mas o núcleo, a soberba, sempre passa intocável pela reforma. Nem Deus pode nos resgatar da miséria da vida, segundo o espiritismo. Ele não pode sequer nos auxiliar ou nos enviar seu Filho, pois para isso deveria haver o despojo da soberba no homem, o reconhecimento de sua finitude e, conseqüentemente, o reconhecimento de sua autoidolatria.

Uma autoidolatria evidente nos poderes do médium, nos conselhos dos que falam com os mortos. Quem não se deslumbraria com tamanho dom? Entretanto, não se trata de um dom, mas de habilidade inata e desenvolvida por méritos próprios, pois até nisso Deus é desprovido de ser dispensador. No máximo uma concessão de Deus para que a consideremos divina, tal qual aquela dada a um tabelião para exercer fé pública por parte do Estado.

A soteriologia autorredentora descrita neste estudo não pode ser pensada como hipótese para o cristão. Assim como a igreja cristã é aquela que confessa o Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador de acordo com as escrituras e busca a cumprir em conjunto com os crentes a sua vocação comum para a glória do único Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, o cristão pode ser definido da mesma maneira por estar ordenado de modo completo nela, a Igreja.

A negação da ressurreição é, no fundo, a desesperança de projetos humanos falidos e uma expressão de impotência diante da história. Somente uma ideia de reencarnação ofereceria, como um placebo, o conforto da soberba não atendida. Na Doutrina espírita há uma infinidade de tempo para se reconciliar consigo mesmo. Se não for nesta existência, a reconciliação ocorrerá na próxima, ou na próxima e assim por diante.

Há também no espiritismo uma ideia de individualidade no alcance do progresso. Os outros são ferramentas que estão ao alcance da oportunidade de aplacar o *karma* existencial oriundo das vidas passadas. O próprio corpo é uma ferramenta que se torna desnecessária tão logo se conclua o progresso do espírito. Analisando assim, o diálogo com os espíritas deveria começar no nível da antropologia filosófica.

Já um cristão só pode ser entendido no contexto de todos os cristãos. Cristianismo é um corpo no qual cada irmão possui sua função. Um cristão é entendido e compreendido no meio da sua comunidade. Exerce sua função como órgão deste corpo místico que tem Cristo por cabeça.

O espiritismo só se desenvolveu e se manteve ao longo da história por cooptar elementos do cristianismo. Não o cooptou integralmente tal qual um cisma que defende notas teológicas, mas naquilo que lhe era conveniente. E mesmo assim, com deturpações de todos os gêneros, sejam eles teológicos ou históricos.

Não seria possível difundir uma nova doutrina no Ocidente sem estar vinculado de certo modo ao cristianismo, pois o comportamento cultural e moral do Ocidente, mesmo que hodiernamente considerado superficial, é essencialmente cristão. Colocar o rosto de Jesus em qualquer empreendimento religioso ou filosófico possui seus resultados positivos, pois não há rejeição. Foi assim com o espiritismo. Deve-se concluir, em concordância com Boaventura Kloppenburg, que no tocante à religiosidade, o mundo espírita é um mundo completamente diferente do mundo cristão.

Não é possível ser cristão e espírita, pois ser espírita é não crer que Jesus seja Deus encarnado, o qual morreu, ressuscitou e é o Salvador do mundo. É não crer nos sacramentos, sinais visíveis de Deus e de sua relação com os crentes, e nem na Trindade e no livre arbítrio e suas consequências que podem ser permanentes. Ser espírita é não crer na ressurreição da carne de todos os homens.

Sem a ressurreição de Cristo não há entendimento em relação ao cristianismo. A própria natureza do cristianismo está centrada neste evento. Cristo não é uma ideia surgida na mente

dos discípulos, mas um acontecimento no tempo e no espaço, o que faz do cristianismo uma religião que pode ser também objeto da crítica histórica.

No fim, o verdadeiro conforto é a esperança de que o ser humano pode entregar-se nas mãos de um Deus de amor e perdão. Perdão este que apara as injustiças na terra, dá sentido à vida e nos livra de uma danação eterna, indescritível, enquanto nos permite conjecturar que passar por tudo isso novamente, como postula o espiritismo, seria a própria negação da afirmação de que Deus é Amor.

REFERÊNCIAS

- ARRIBAS, Célia da Graça. *Afinal, espiritismo é religião?* São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2010.
- ASTOR, Yaacov. Mashiach e a Ressurreição. In: *Mashiach*, Associação Israelita de Beneficência Beit Chabad do Brasi, São Paulo, [200?]. Disponível em: <<http://www.chabad.org.br/biblioteca/artigos/ressurreicao/home.html>>. Acesso em: 12 out. 2016.
- BAUER, Johannes Baptist. *Dicionário Bíblico-Teológico*. São Paulo: Loyola, 2000.
- BECKER, Ernest. *A Negação da Morte*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.
- BLANCK, Renold J. *Reencarnação ou Ressurreição: uma decisão de fé*. São Paulo: Paulus, 1995.
- BOFF, Clodovis M. *Escatologia*, breve tratado teológico-pastoral. São Paulo: Ave Maria, 2012.
- BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *Quando Cristo vem...a parusia na escatologia cristã*. São Paulo: Paulus, 2001.
- CAMURÇA, Marcelo. *Espiritismo e Nova Era: Interpelações ao Cristianismo Histórico*. Aparecida: Santuário, 2014.
- CARROLL, Robert Todd. Pseudohistory (verbete). In: *The Skeptic's Dictionary*, A collection of Strange Beliefs, Amusing Deceptions, and Dangerous Delusions. Disponível em: <<http://skepdic.com/pseudohs.html>>. Acesso em: 09 out. 2016.
- CENTRO ESPÍRITA ISMAEL. Disponível em: <<http://www.ceismael.com.br/tema/resumo-doutrina-dos-espirtos.htm>> Acessado em: 22 maio 2016.
- CHARBONEAU, Paul Eugene. *Amor e Liberdade*. Companhia Distribuidora de Livro, 1968.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A esperança cristã na ressurreição: algumas questões atuais de escatologia*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DALLEGRAVE, Geraldo E. *Reencarnação*. São Paulo: Edições Loyola, 1983.
- DENYS, León. *Cristianismo e Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1978.
- _____. *Depois da Morte: explicação da doutrina dos espíritos*. Rio de Janeiro: CELD, 2011.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. 1962 – 1965. Cidade do Vaticano. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje*. Disponível em:

<http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acessado em: 07 set. 2016.

_____. *Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acesso em 11 out. 2016.

DOUCET, Friedrich W. *O Livro de Ouro das Ciências Ocultas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

EMPINOTTI, Moacyr. *Os Valores a Serviço da Pessoa Humana*. Porto Alegre: EDIPUC, 1994.

ESPIRITUALISMO/ ESPIRITISMO: Desafios para a Igreja na América Latina. Federação Luterana Mundial – São Leopoldo: Editora Sinodal – abril 2004.

EVANGELHOS e ATOS DOS APÓSTOLOS, Português. *Novíssima tradução dos originais*. Tradução: Cássio Murilo Dias da Silva e Irineu J. Rabuske. 2. Ed. São Paulo: Loyola, 2011.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *História do Espiritismo*, 2012. Disponível em <<http://www.febnet.org.br/blog/geral/o-espiritismo/historia-do-espiritismo/>> Acessado em 11 mar. 2016.

_____. *Obras de Allan Kardec*, 2012. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/blog/geral/divulgacao/downloads-divulgacao/obras-basicas/>> Acessado em 12 fev. 2016.

_____. *Revista Espírita*, 1862. Disponível em: <<http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1862.pdf>> Acessado em: 24 maio 2016.

FERGUNSON, Sinclair B.; WRIGHT, David F.. *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Hagnos, 2011;

FISICHELLA, R. Apologética (verbete). In: PACOMIO, Luciano; MANCUSO, Vito (Ed.) *Lexicon, dicionário teológico enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003.

FRIES, Heinrich (Org.). *Dicionário de Teologia: conceitos fundamentais de Teologia Atual*. 2ª edição. São Paulo: Loyola, 1983.

GIL, Marcelo Freitas. A inserção do espiritismo no universo cultural europeu: uma análise panorâmica. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano II, n. 6, Fev. 2010, p. 187-221.

GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

GOURARIE, Rabino Shalom Ber. *Kabala e Reencarnação e Ressurreição*. Palestra (vídeo). In: Canal Rabino Intelectual Shalom Ber Gourarie. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dRbuHzlCTWk>> Acessado em: 12 abr. 2016.

HAMMES, Érico João. *Orientação e Normas para Trabalhos Acadêmicos: conforme ABNT 2012*. Porto Alegre: PUCRS, 2013. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/fateo/normas.pdf>> Acessado em: 11 jan. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE – *Características gerais, religião*. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religio_De_ficiencia/tab1_4.pdf> Acessado em 13 abr. 2016.

JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos, princípios da Doutrina dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 1984.

_____. *O Livro dos Espíritos, princípios da Doutrina dos Espíritos*. Brasília: FEB, 2013.

_____. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 1954.

_____. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2013.

_____. *O Céu e o Inferno*. Rio de Janeiro: FEB, 2013.

_____. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 2013.

_____. *Obras póstumas*. Rio de Janeiro: CELD, 2002.

KLOPPENBURG, Boaventura. *O Espiritismo no Brasil, orientação para os católicos*. Petrópolis: Editora Vozes, 1960.

_____. *Material para Instruções Sobre a Heresia Espírita*. Petrópolis: Vozes, 1954.

_____. *A Reencarnação: exposição e crítica*. Petrópolis: Vozes, 1957.

_____. *O Reencarnacionismo no Brasil: orientação para católicos*. Petrópolis: Vozes, 1957.

_____. *Espiritismo, orientação para católicos*. 7 ed. 2002. Paginação irregular. Disponível em: <<https://efosm.files.wordpress.com/2013/02/espirtismo-e28093-orientac3a7c3a3o-para-catc3b3licos-frei-boaventura-kloppenburger.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

_____. *A Irrepetibilidade e unicidade da vida humana: o problema da reencarnação. Teocomunicações*, Porto Alegre, v. 19, n. 86, 1989.

MAGISTER, Sandro. Joseph Ratzinger Back in the Chair. *Chiesa News*. Roma, 18 mar. 2016. Disponível em: <http://chiesa.espresso.repubblica.it/articolo/1351256?eng=y&refresh_ce> . Acessado em: 08 set. 2016.

MAIMÔNIDES, Moises. *Tratado sobre a Ressurreição*. Tradução: Alice Frank. São Paulo: Maayanot, 1994.

MATEUS, Leopoldo; MEIRELES, Maurício. Chico Xavier e a Alma do Brasil. *Revista Época*. Rio de Janeiro, v. (nihil), n.(nihil), p. (nihil), 2010. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI124246-15228,00-CHICO+XAVIER+E+A+ALMA+DO+BRASIL.html>. Acessado em: 12 set. 2015.

PEREIRA, Robson Soares. Andando com as Próprias Pernas. *Reformador*, Revista de Espiritismo Cristão, Brasília, n. 2097, ano 123, p. 28, dez. 2003.

RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulus, 2008.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo: Preleções sobre o Símbolo Apostólico*. São Paulo: Herder, 1970.

REIS, Edil. O Evangelho e os ciclos evolutivos. *Reformador*, Revista de Espiritismo Cristão, Brasília, n. 2.097, ano 123, p. 27, dez. 2003.

SANTOS, Eduardo da Silva. *A Ressurreição da Carne*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

SANTOS, José Luiz dos. *Espiritismo, uma religião brasileira*. São Paulo: Moderna, 1997.

SCHIERHOLT, José Alfredo. *Frei Boaventura Kloppenburg, OFM: 90 anos por Cristo em sua Igreja*. Lajeado: Edições Eletrônicas Veritatis Splendor, 2008. Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/inicio/ebook/658-frei-boaventura-kloppenurg-ofm-90-anos-por-cristo-e-sua-igreja>>. Acessado em: 05 jan. 2016.

SILVA, Ari Antônio da. *Antropologia kardecista no Brasil: Extracto de la tesis presentada la obtención del grado de Doctor*. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 1997.

TANQUEREY, Adolphe. *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*. Portugal, Braga: Cônego Luís Antônio de Almeida (Editor, proprietário), Seminário de Braga, 1926.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Tradução Coordenação geral: Carlos-Josaphat Pinto de Oliveira. Edição Bilingüe, português/latim. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *O Ente e a Essência*. Tradução: Mário Santiago de Carvalho. Covilhã, Portugal: Lusosofia, 2008.

VENTURINI, Vilson. *Os desafios da fé cristã na ressurreição de Jesus diante da crença na reencarnação, presente no espiritismo kardecista do Brasil, nos últimos cinquenta anos*. 2005. 140 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós Graduação em Teologia, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

ZILLES, Urbano. *Antropologia teológica*. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. *Reencarnação ou ressurreição?* Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

ANEXOS

ANEXO A – CAPA DA REVISTA REFORMADOR DEZ/2003



ANEXO B - CAPA DA REVISTA REFORMADOR JUN/2009



ANEXO C - CAPA DA REVISTA REFORMADOR DEZ/2006

Reformador
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

DEUS, CRISTO E CARIDADE Ano 124 • Nº 2.133 • Dezembro 2006

Reflexões sobre o Natal

*“O Natal exprime renovação da alma e do mundo, nas bases do **Amor**, da **Solidariedade** e do **Trabalho**.”*

Veja nesta Edição:
A marcha evolutiva
Oração ante a Manjedoura
A terapia do passe

ISSN 1613 - 1749
9 771413 174008

R\$ 5,00

FAMÍLIA
VIDA
e PAZ

